



Universidade Fernando Pessoa
Curso de Mestrado em Docência e Gestão da Educação

Mauro Monteiro Araújo

OS DESAFIOS EM LECIONAR PARA A GERAÇÃO Y

Estudo acerca da utilização de didáticas práticas, musicalidade, como ferramenta de geração de motivação e atração do interesse do aluno para o aprendizado

Universidade Fernando Pessoa
Porto, 2015



Universidade Fernando Pessoa
Curso de Mestrado em Docência e Gestão da Educação

Mauro Monteiro Araújo

OS DESAFIOS EM LECIONAR PARA A GERAÇÃO Y

Estudo acerca da utilização de didáticas práticas, musicalidade, como ferramenta de geração de motivação e atração do interesse do aluno para o aprendizado

Universidade Fernando Pessoa
Porto, 2015

©2015
Mauro Monteiro Araújo
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Mauro Monteiro Araújo

OS DESAFIOS EM LECIONAR PARA A GERAÇÃO Y

Estudo acerca da utilização de didáticas práticas, musicalidade, como ferramenta de geração de motivação e atração do interesse do aluno para o aprendizado

Assinatura: _____

Dissertação de Mestrado em Docência e Gestão da Educação apresentado à Universidade Fernando Pessoa pelo mestrando Mauro Monteiro Araújo para obtenção do grau de Mestre em Docência e Gestão da Educação (Administração Escolar e Administração Educacional), na área de especialização Administração Escolar e Educacional, sob a orientação da Professora Doutora Maria da Piedade Gonçalves Lopes Alves.

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2015

Resumo

Atualmente, o perfil do estudante das instituições de ensino superior se difere totalmente das de alguns anos atrás, o que motivou este estudante de Mestrado a investigar empiricamente os comportamentos da geração que ocupa as cadeiras da universidade, assim como buscar soluções para que estes estudantes criassem interesse em aprender, interesse em estudar.

A pesquisa se deu de forma documental, exploratória, qualitativa e aplicada em estudo de caso. Revisado a bibliografia que embasa esta teoria: gerações Baby Boomers, X, Y e X, motivação, aprendizagem, acessibilidade às faculdades brasileiras, comportamento do aluno e do professor; o foco partiu para o estudo de caso. As três hipóteses foram confirmadas: O professor do ensino superior pode atrair o interesse e gerar motivação no aluno da Geração Y; a motivação dos alunos contribui para o sucesso educativo; e a Técnica de ensino utilizada pelo professor contribuiu para o aprendizado dos alunos.

A investigação concluiu que o professor planejando se, englobando o conteúdo da matéria de forma mais criativa e prática, atrelando e correlacionando a disciplina aos interesses e realidades dos estudantes e construindo um envolvimento social com os alunos, faz com que o aluno da Geração Y se interesse e se motive para o aprendizado conduzindo o processo de aprender de forma mais assertiva e natural.

Palavras-chave: Geração Y. Gerações. Aprendizagem. Professor. Ensino Superior. Música.

Abstract

Currently, the profile of higher education institutions' students is totally different from a few years ago, which motivated this Master's student to empirically investigate the behavior of the generation that holds the chairs of the university, as well as solutions for these students to create interest in learning, interest in studying.

The research took an exploratory qualitative documentary form, and was applied in a case study. The literature that supports this theory was reviewed: Baby Boomers, X, Y and X generations, motivation, learning, accessibility to Brazilian colleges, student and teacher behavior; then the focus was addressed to the case study. The three hypotheses were confirmed: the higher education professor may attract interest and generate motivation in students of Generation Y; the students' motivation contributes to the educational success; and the teaching technique used by the teacher contributed to the students' learning.

The investigation concluded that when the teacher plans, if he encompasses the content of the material in a more creative and practical way, links and correlates the subject to the interests and realities of students and builds a social engagement with students, then the Gen Y student gets interested and motivated for learning leading to a more assertive and natural learning process.

Keywords: Generation Y, Generations, Learning, Teacher, Higher Education, Music.

Dedicatória

Gostaria, imensamente, de dedicar esta dissertação de mestrado a todos os professores, que conheço e que não conheço, que diariamente despendiam suas energias e intelecto para a formação de indivíduos melhores, seres humanos mais humanos, mais capacitados e mais preparados para enfrentar o dia-a-dia que sufoca a todos. Afirmam que lecionar é uma arte e tenho orgulho em fazer parte deste grupo cultural tão importante para a sociedade e humanidade. Espero que este conteúdo possa ajudá-los a querer ser um profissional cada dia melhor, como eu busco a cada momento, e acrescente em algo em seu processo de lecionar.

Gostaria também de dedicar este trabalho aos meus queridos alunos, todos, mas em especial aos alunos das *Turmas 27 e 40* que me apoiaram nesta caminhada, tanto na participação no estudo de caso, quanto no processo de recolha de assinaturas e autorizações para o uso de seus dados. Lembrem se que: *Ninguém é tão grande que não possa aprender e nem tão pequeno que não possa ensinar* (Esopo, 620-560 a.C.). Humildemente, lhes agradeço pelos ensinamentos.

Além de dedicar para estas duas classes tão especiais, não poderia esquecer-me daqueles que foram meus pilares durante toda minha vida, até o momento e que continuarão sendo sempre, pela vida e pela existência: meus Pais. Seu Lauer Péricles dos Anjos Araújo e Dona Elizabeth Monteiro Araújo, esta conquista não seria possível sem o abraço, o apoio, o carinho, a confiança e a energia que me passaram durante toda a minha educação. Espero que recebam esta dissertação como um grande presente de agradecimento por serem o que são: meus pilares e meus grandes amores. Não imaginam o quanto quero sempre dar orgulho para vocês.

Agradecimentos

Não poderia deixar de iniciar meus agradecimentos citando Deus, que me proporcionou a oportunidade de me tornar um professor. Profissão e carreira que abracei e aclamo ao mundo que carrego com muito orgulho e respeito, pois desenvolver seres humanos é um privilégio.

Agradeço aos meus pais, sem eles, sem a educação, os valores, os princípios e os puxões de orelhas, não teria nenhuma condição de chegar aonde cheguei. Dona Beth e Seu Lauer demorou mas chegou o tempo de se orgulharem de seu filho, por ações verdadeiramente nobres, com valores para a vida de outras pessoas, conhecidos ou não.

Minha Irmã Mariana, que ao lado de seu esposo, meu cunhado, Marcelo e minha afilhada amada Manuela, sempre, em qualquer momento, estavam comigo. Alegrias, debates, pontos de vistas, amizade e irmandade. O amor perceptível que sentem por mim é recíproco e nada abala.

Meu irmão Lauer, juntamente com sua esposa, minha cunhada Mariana Pretinha e seus filhos, Lauro e Lara, tesouros e presentes de Deus, que oficialmente ou não, considero como meus afilhados. Ter vocês presentes em minha vida me dá forças para enfrentar qualquer desafio. Obrigado pelo carinho e apoio.

Meu irmão Toni, que mesmo distante por conta de seus projetos, não passa um único dia sem enviar-me pensamentos positivos e energia para que minha trajetória seja mais aguerrida e tranquila.

Minha vó, que no meio desta caminhada, deixou de ser flor que se pode tocar e se transformou em cheiro agarrado a alma e inseparável. Onde quer que esteja sei que está me protegendo. Obrigado pelo amor e saudade eterna.

Aos colegas de trabalho, professores e coordenadores que sempre ofereceram apoio, colaboração e energia, pois sabem que este projeto é a realização do sonho de qualquer professor. Em especial a Angela Teixeira, que por vários motivos se transformou em meu oráculo, sendo um suporte profissional e grande formadora de minha caminhada na arte de lecionar. Ana Carolina – Carol - colega de trabalho, chefe, líder e o mais importante, amiga verdadeira. Carlos Alberto, meu amigo, sem você, será que eu teria me tornado um professor? Obrigado.

À Faculdade Pitágoras e ao Grupo Kroton, pela confiança em me dar a oportunidade de lecionar e por permitir que eu utilizasse o espaço e os alunos da instituição para a realização do estudo de caso proposto neste trabalho. Tal apoio me faz ter mais orgulho de fazer parte de corpo docente, pois sei que, além de lecionar para o maior grupo de ensino do mundo, leciono em uma instituição que respeita o ensino e a educação, tratando o assunto com muita seriedade, buscando transformar o cidadão (aluno) em seres humanos melhores, mais capacitados e preparados para os desafios, cada vez maiores, que a vida nos apresenta.

Agradeço imensamente à Universidade Fernando Pessoa, que me abriu as portas, permitindo a realização de um sonho, enriquecido pela estrutura, corpo de colaboradores, seriedade e foco para um mundo melhor apresentados pela Instituição. Orgulho em ser aluno de vocês.

Por fim, meu agradecimento àquela que sempre esteve ao meu lado no desafio de dissertar sobre este tema. C. S. Lewis diz que *“Cada vez que você faz uma opção está transformando sua essência em alguma coisa um pouco diferente do que era antes”*. Portanto posso afirmar Piedade, que hoje sou um ser humano melhor, mais capacitado e mais feliz do que era antes de conhecê-la e de escolhê-la como minha orientadora, até porque, você não foi uma simples orientadora, foi empenho, foi dedicação, mas principalmente, foi exemplo.

INDICE GERAL

Resumo	VI
Abstract.....	VII
Introdução.....	1
PARTE I - REFERENCIAL TEÓRICO	7
CAPITULO I – AS GERAÇÕES	8
1.1. Introdução	8
1.2. Geração Baby Boomers	8
1.3. Geração X	9
1.4. Geração Y	10
1.5. Geração Z.....	14
1.6. Principais diferenças das gerações Baby Boomers, x , y e Z.....	15
CAPÍTULO II – ATENÇÃO E APRENDIZADO	19
2.1. Introdução	19
2.2. A importância da “atenção” na aprendizagem.....	19
2.3. As formas de atenção na aprendizagem.....	22
2.4. CAV – Ciclo de Aprendizagem Vivencial	24
CAPÍTULO III – POLÍTICAS DE ACESSO ÀS UNIVERSIDADES NO BRASIL ...	26
3.1. Introdução	26
3.2. O Programa Universidade para Todos - PROUNI.....	26
3.3. O Programa Fundo de Financiamento Estudantil - FIES.	27
CAPÍTULO IV – A ATUAÇÃO DO PROFESSOR COMO FATOR DE GERAÇÃO DE MOTIVAÇÃO PARA O ENSINO	30
4.1. Introdução	30
4.2. O processo de aprendizagem	30

4.3. Motivação	33
PARTE II – ENQUADRAMENTO EMPÍRICO	38
CAPITULO V- ASPETOS METODOLOGICOS	39
5.1. Introdução	39
5.2. Pergunta de partida e objetivos da investigação	39
5.3. Hipóteses.....	40
5.4. Publico-Alvo	40
5.5. Instrumentos de recolha de dados	41
5.6. Metodologia	41
5.7. Caraterização da Instituição.....	44
5.8. Projeto no <i>Ritmo do Sucesso</i>	47
CAPITULO VI – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	57
6.1. Aspectos introdutórios – algumas considerações	57
6.2. Análise dos dados obtidos.....	58
6.3. Pesquisa Documental – Registo da Universidade.....	65
6.4. Discussão dos resultados	67
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES	71
BIBLIOGRAFIA	77
ANEXOS	82

Índice de Figuras

Figura 1. CAV – Ciclo de Aprendizagem Vivencial (Elaboração própria).....	24
---	----

Índice de quadros

Quadro 1. Gerações: Baby Boomers, X, Y e Z.....	18
Quadro 2. Perfil do Universitário Brasileiro	29
Quadro 3. Entrevistas: vantagens e desvantagens	41
Quadro 4. Idade da amostra no segundo semestre de 2013.....	59
Quadro 5. Resultados Salas 40 e 27(Notas, frequência e reprovações).	66

Índice de gráficos

Gráfico 1. Considera-se uma pessoa ansiosa.....	59
Gráfico 2. Você se considera uma pessoa com senso de urgência na realização e concretização de seus sonhos e objetivos.....	60
Gráfico 3. Visão da Disciplina com base na vivência da Bateria de Escola de Samba.....	61
Gráfico 4. Seu desempenho seria o mesmo sem a vivência da Bateria de Escola de Samba.....	61
Gráfico 5. Seu desempenho seria o mesmo sem a vivência da Bateria de Escola de Samba (Detalhado).....	62
Gráfico 6. Influência da Bateria frente na postura e conduta do aluno frente à disciplina.....	63
Gráfico 7. Técnica de ensino como contribuição para o aprendizado.....	64

Abreviaturas

C&L - Comportamentos e Liderança

CAV - Ciclo de Aprendizagem Vivencial

CNPq - Conselho Nacional de Tecnologia

CPSA - Comissão Permanente de Supervisão e Acompanhamento

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FAMA - Faculdade de Maceió

FDEV - Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas

FIES - Fundo de Financiamento Estudantil

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IUNI - Educacional

MEC - Ministério da Educação e Cultura

PROUNI - Programa Universidade para Todos

R&S - Recrutamento e Seleção

T&D - Treinamento e Desenvolvimento

UNIC - Universidade de Cuiabá

UNIME - Universidade Metropolitana de Educação e Cultura

UNOPAR - Universidade Norte do Paraná

Introdução

A qualidade do ensino é, em parte, uma função da qualidade do professor (...) mas é também fortemente influenciada pelo contexto de ensino.
(Darling-Hammond, 2008, p. 4)

1. Justificativa do Tema

O ensino é tema discutido em qualquer roda de pedagogos e professores. A preocupação com a qualidade e a eficácia educativa não é recente. As práticas utilizadas são constantes alvos de críticas interpessoais e de constantes choques com paradigmas tradicionais. A prática de lecionar é uma arte, para poucos, que atualmente é realizada por muitos que, muitas vezes, não possuem as competências técnicas e comportamentais para tal ação, se dizendo ser professor, quando na verdade *estão professores*.

De acordo com Masetto (1997), a sala de aula deve ser vista com um espaço de vivência. Onde é responsabilidade do professor fazer o aluno despertar o interesse pela disciplina e buscar, por iniciativa própria, respostas para os questionamentos que tem diariamente.

Portanto, para que o aluno possua o interesse naquilo que se propõe aprender, o professor deve ter o mesmo interesse, de querer ensinar, caso contrário ele não terá energia e muito menos criatividade para buscar alternativas inovadoras para atingir o aluno das gerações que frequentam atualmente as Graduações no Brasil. São na grande maioria os indivíduos da Geração Y e alguns remanescentes da Geração X, como poderá ser verificado no decorrer da dissertação.

Desta forma, o professor deve possuir ferramentas para que consiga alcançar tal objetivo de atração, portanto deve criar suas estratégias e técnicas para tal. Ainda para Masetto (Op. cit.), estratégia e técnicas são conceitos diferentes, onde Estratégia é a combinação de meios que o docente utiliza para facilitar a aprendizagem do aluno e técnica é um conceito mais amplo, sendo o conjunto de recursos e meios utilizados pelo professor para atingir tais objetivos. As estratégias são baseadas em teorias sobre como

as pessoas aprendem. Fazem parte da tríade - objetivos de aprendizagem, estratégias e métodos de abordagens para completar o processo educativo.

Diante deste exposto e de acordo com Neto (2003), a dificuldade em mostrar aos alunos os conteúdos planejados e as propostas de aprendizagem, num mundo onde predomina a prática e o utilitarismo, tem afastado o interesse das crianças e jovens pelo conhecimento.

O professor deve sair do tradicional – giz e lousa – e incrementar suas aulas com instrumentos e ferramentas que ajudem e busquem atrair o interesse do aluno dentro de sala de aula, buscando gerar motivação no indivíduo. Para Barbosa (2005), “a motivação é uma força interior que impulsiona o homem e é decisiva no desenvolvimento. Com a motivação há aprendizagem, pois o ato de aprender é algo ativo e nunca passivo” (p.21).

Diante deste exposto, busca se evidenciar que novas ferramentas e práticas em prol da aprendizagem, tornem tal processo, para o aluno e para o professor, mais agradável, eficaz e, principalmente, gerador de crescimento do autoconceito e autoconfiança como sentimento de importância.

Este projeto de investigação é suportado empiricamente num estudo de caso, onde pretende se abordar com precisão, através das coletas, tratamento dos dados e análise dos resultados, as possíveis melhorias que ferramentas inovadoras podem trazer à eficácia da aprendizagem, nomeadamente no aumento da motivação do aluno da Geração Y em aprender e na evidenciação da relevância do conteúdo lecionado.

2. Objetivos

A finalidade deste projeto é buscar a resposta para a seguinte pergunta problema: *Como o professor do ensino superior pode atrair o interesse e gerar motivação no aluno da Geração Y, para a aprendizagem?*

O objetivo geral do estudo é demonstrar que o educador, através de táticas vivenciais, com links da realidade é capaz de atrair a atenção do aluno e interesse para o aprendizado.

Como objetivos específicos, propõe se:

1. Realizar revisão bibliográfica dentre os assuntos que englobam o tema, como: aprendizagem, motivação, Gerações.
2. Realizar uma pesquisa documental (na Universidade), a fim de levantar dados dos resultados de cada turma do estudo de caso, para corroborar tais resultados com a hipótese proposta.
3. Levantar a opinião de alunos envolvidos no estudo e que fizeram a dinâmica vivencial *No Ritmo do Sucesso*, pois a visão deste vai enriquecer a conclusão da dissertação.

3. Metodologia

Pesquisa, para Gil (2010) é “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (p.1). Visto isso, esta pesquisa pretende apresentar, com métodos diferentes, soluções para o problema apresentado no início da dissertação e confirmar que a estratégia e a técnica utilizadas pelo educador, no processo de aprendizagem são fundamentais para o sucesso deste.

Já em relação à finalidade, trata se de uma pesquisa básica estratégica, que de acordo com Gil (2010) é “voltada à aquisição de novos conhecimentos direcionados a amplas áreas com vistas à solução de reconhecidos problemas práticos ” (p.27).

Toda pesquisa possui um objetivo mais geral e com base nos estudos de Gil (2010) esta dissertação apresenta a classificação de Pesquisa Exploratória, visto que “tem com propósitos proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torna-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (p.27). Vergara (2011) corrobora o autor anterior, pois defende que este tipo de estudo proposto tem como critério quanto à sua finalidade, uma pesquisa exploratória e acrescenta os critérios em relação aos meios de investigação: pesquisa documental, pesquisa bibliográfica, estudo de caso e pesquisa de campo.

O método empregado é fundamental para o sucesso de uma investigação, portanto propõe-se a aplicação de cinco métodos usuais: pesquisa bibliográfica, pesquisa qualitativa, pesquisa documental, observação e estudo de caso.

Para Gil (2010), pesquisa bibliográfica é um estudo realizado em material já disponível, publicado, como: livros, revistas, dissertações, artigos, sites, etc. Corroborando a escolha de incluir a pesquisa bibliográfica nesta dissertação e respaldando o autor, “praticamente toda pesquisa acadêmica requer em algum momento a realização de trabalho que pode ser caracterizado como pesquisa bibliográfica.”

Yin (2001 *cit. in* Gil, 2010) alega que estudos de caso é o delineamento mais apropriado para a investigação de um acontecimento recente dentro de seu contexto real.

Para o enriquecimento desta dissertação, decidi-se pela utilização de pesquisa qualitativa, a fim de ter dados mais ricos frente ao tema, somando-se à análise de resultados obtidos pelo estudo de caso, nominada por Gil (2010) como Pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e o próprio estudo de caso.

Corroborando com o parágrafo anterior, Marconi e Lakatos (2011) afirmam que “a metodologia qualitativa tradicionalmente se identifica com o Estudo de Caso” (pp.275, 276). Portanto pode-se levantar que a escolha destes dois métodos foi assertiva para esta dissertação.

Estes autores levantam ainda a questão de que para haver um resultado valioso, não basta apenas a aplicação de pesquisa, deve-se fazer uma revisão bibliográfica extensa sobre o assunto, para que os resultados alcançados tenham uma argumentação teórica embasada.

Retornando ao estudo de caso, de acordo com Gil (2010) a unidade de estudo foco desta dissertação é o caso decisivo, “utilizado quando se deseja confirmar, contestar ou estender uma teoria”. Portanto, pode-se apontar o caso decisivo como unidade de estudo, pois o estudo de caso em questão tem o objetivo de comprovar a hipótese de que a didática praticada pelo educador é fundamental para a atração da atenção, curiosidade e interesse do aluno pelo aprendizado.

Para o mesmo autor “na maioria dos estudos de caso bem conduzidos, a coleta de dados é feita mediante entrevista, observação e análise documental” (p.120). Portanto, conforme já elencado anteriormente pode se afirmar que esta dissertação, além de garantir a aplicação de entrevistas (guião de entrevista ao aluno), observação (participação do autor) e análise documental (levantamento de resultados e dados dentro da instituição de ensino na qual o estudo foi aplicado) somou se a estes a pesquisa bibliográfica, a fim de enriquecer ainda mais o estudo.

4. Estruturação

A dissertação está estruturada e organizada em um único volume, constituído por duas partes. **A Parte I – Referencial teórico** – é constituída por quatro capítulos que tratam os seguintes aspetos:

Capítulo I: Conhecendo as Gerações. Estudos teóricos de carácter conceitual e metodológico que busca identificar as *Gerações Baby Boomer, Geração X, Geração Y e Geração Z*. Quais as características individuais, quais os genes deixados de uma para outra. Identificação dos comportamentos e atitudes da Geração Y, que a tornam especial em relação ao cuidado de lecionar.

Capítulo II: Atenção e Aprendizado. Busca se apresentar, de forma embasada teoricamente a importância de se conhecer como o cérebro do ser humano capta as informações e transforma e traduz o que foi recebido em relevante para si, criando assim o foco para a participação e o interesse do aprendiz, através da atenção e do interesse. Assim como a importância do CAV- Ciclo de Aprendizagem Vivencial é ferramenta de apoio à aprendizagem.

Capítulo III: Política de Acesso as Universidade no Brasil: Foca se as políticas públicas de acesso as Universidade e Instituições de Ensino Superior Privada na República Federativa do Brasil. Prouni – Programa Universidade para Todos e FIES – Fundo de Financiamento Estudantil, são duas das modalidades que pretende se apresentar como fator extra frente ao desafio de lecionar.

Capítulo IV: A atuação do professor como fator de geração de motivação para o ensino. Apresenta se, frente a estudos de motivação e aprendiz, que a atuação do

professor, com suas estratégias e técnicas é ferramenta valiosa para o processo de aprendizado, visto ser uma área de interesse incondicional do ser humano, um lazer, porém um desafio para quem não conhece o processo de executar a musicalidade através de instrumentos musicais.

A Parte II – Enquadramento empírico – é composta por dois capítulos: que tratam os seguintes aspectos:

Capítulo V: Aspectos metodológicos

Neste capítulo apresenta-se a pergunta de partida, os objetivos da investigação e as hipóteses, dissertando minuciosamente o cenário, contexto, participantes, instituição parceira, as táticas de ensino utilizadas, o paralelo que se pode fazer com a realidade, para criar a interação com o cotidiano e conseqüentemente o surgimento do interesse do aluno. Apresenta se de forma discriminada e embasada o perfil da Faculdade, finalizando com o *Projeto Ritmo do Sucesso*.

Capítulo VI: Apresentação e análise dos resultados

Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos nos estudos desenvolvidos de forma quantitativa e qualitativa. Através da coleta sistemática, junto ao sistema da instituição de ensino pode se verificar os questionamentos feitos na metodologia e através das entrevistas pode se identificar o sentimento do aluno da Geração Y frente ao ensino. Com a junção dos resultados pretendemos verificar se há motivação dos alunos pela diversificação de estratégias, neste caso pela música, colocando o como protagonista do ensino, sendo por isso um forte aliado do ensino e da educação. Será ainda feita a discussão dos resultados.

Segue-se a conclusão onde apresentamos as conclusões do nosso estudo e apresentamos sugestões e orientações para futuras investigações nesta área. Por fim, apresentamos as referências bibliográficas que serviram de suporte a este estudo, seguida de anexos.

PARTE I - REFERENCIAL TEÓRICO

CAPITULO I – AS GERAÇÕES

1.1. Introdução

As Gerações são produtos de fatos históricos que influenciam profundamente os valores e visão de mundo de seus membros.
Conger (1998, p.134)

Partindo desta citação, este capítulo pretende apresentar as Gerações: Baby Boomers, X, Y e Z, dando uma visão de como os indivíduos de cada geração atuam e porque atuam da forma como atuam. Os fatos históricos que norteiam cada uma delas e como a educação de uma impactou na outra. Desta forma, permite que o interessado acerca deste assunto compreenda os comportamentos e atitudes de cada geração, contribuindo assim na escolha das mais adequadas estratégias e técnicas de ensino.

1.2. Geração Baby Boomers

De acordo com Neto e Franco (2010) a Geração Baby Boomers nasceu entre os anos de 1946 e 1964. O foco de suas preocupações era: o emprego, sua estabilidade e, conseqüentemente, a aposentadoria, para que no final da vida não faltasse para si e sua família o básico e a segurança.

Ainda de acordo com o autor, esta geração conviveu com a invenção da televisão e pela aceleração das transformações culturais, consequência do aperfeiçoamento técnico dos meios de comunicação em massa. Pode se afirmar que durante estes anos, principalmente no Brasil, o mercado era estagnado e as oportunidades limitadíssimas, portanto, para se ter sucesso era preciso muito suor e para se ter uma televisão, com certeza sucesso era fundamental.

Eram consideradas pessoas determinadas, otimistas, pessoas viciadas em trabalho, que ao terem nascido no período de crescimento econômico, idealizavam atuar na reedificação de um novo mundo pós-guerra.

Perante a rigidez da disciplina que recebiam, a tendência natural e a rebeldia aparecia na música, momento em que surge o *Rock and Roll* e grandes nomes da música

dos quais podemos citar Elvis Presley, Bob Dylan, Beatles e Rolling Stones (Oliveira, 2009).

Esta geração divide-se em dois perfis dos jovens: o disciplinado e o rebelde. Os primeiros aceitavam as condições impostas pelos pais e tinham um bom comportamento, ingressando na vida adulta com maior rapidez, buscando estabilidade tanto em termos profissionais como familiares. Quanto aos jovens rebeldes, a maioria, eram filhos de pais abastados e militares e procuravam transgredir todas as regras da sociedade, desde usar cabelos compridos, praticar sexo antes do casamento, fumar, participar em movimentos homossexuais e feministas, etc.

Em termos profissionais, os membros desta geração foram educados num ambiente corporativo no qual a liderança, significava controle. A questão da empregabilidade desempenhava uma afirmação de identidade, no entanto, não era muito preservada a qualidade de vida, pois a ansiedade gerada pela urgência de se construir um mundo diferente acabava por intensificar o trabalho.

Segundo Kanname (1999) essa geração tornou-se mais saudável e educada que a sua antecessora.

1.3. Geração X

A Geração X, filha da Geração Baby Boomers, nascidas entre 1965 e 1978, de acordo com Neto e Franco (2010) foi marcada, principalmente, pela ditadura e pelas crises econômicas, onde perceberam as poucas oportunidades que seus pais tinham no mercado, se esforçando e lutando ao máximo para colocar o mínimo em casa, porque não dizer, para sobreviver.

Frente ao cenário, a Geração X, se educou assim: trabalhar, estudar e lutar para conseguir o básico. Porém, o cenário do mercado de trabalho, quando tinham em torno de 20 anos, ou seja, 1985 a 1998, o mundo estava aberto para as oportunidades, a globalização estava em grande auge e o resultado viria automaticamente, visto que eles se encontravam preparados para lutar para sobreviver, quando na verdade sobreviveriam muito bem com a luta que planejaram. Neto e Franco (2010) enfatizam tal cenário ao citar que a Geração X: “não conseguiu libertar se completamente da noção

trabalho/emprego que herdou dos pais” (p.13). Portanto, a Geração X lutou como seus pais, porém viveu colheitas muito melhores, pois teve um mercado muito mais aberto e acessível.

Ainda de acordo com os mesmos autores, a Geração X é, talvez, a geração que “consiga lidar melhor com as características do pensamento nos moldes como desenvolvido pela geração Baby Boomers, ao mesmo tempo em que domina os movimentos básicos da tecnologia e dos ambientes virtuais nos quais navegam, livremente” (p.15), permitindo uma adaptação mais fácil às estratégias e técnicas do educador. Desta forma, pode se afirmar que o professor, ao desenvolver suas técnicas de lecionar, pode focar mais as dificuldades da Geração Y, próxima a ser dissertada, do que a X.

Para Silva (2014) a Geração X, frente ao cenário visto de seus pais, vivenciou a oportunidade de estudo com maior acessibilidade e pode, somada à gana no sentimento de ter que trabalhar para obter o sucesso, buscar com muito afinco o aprendizado, diferenciando se de seus pais, em relação ao intelecto, ao conhecimento. Portanto, pode se afirmar que é uma geração com a garra e vontade para o trabalho, sabendo das dificuldades que iria enfrentar e com a fome pelo aprendizado, pois tem a consciência de que o conhecimento é o diferencial para suas ambições.

Ainda segundo Silva (2014) a Geração X, “representam para seus pais tudo aquilo que não puderam ser e ter. Assim, eles acreditam que a educação desenvolve e cria a possibilidade de ser alguém na vida” (p.64). Partindo do exposto, novamente se faz perceptível que a educação aplicada à Geração X se fez valer em sua vida profissional e educacional, o que vai voltar a acontecer com os filhos desta geração, a Geração Y, porém de forma modificada.

1.4. Geração Y

A *Geração Y* é formada por indivíduos nascidos a partir de 1980 e que vem logo em seguida a *Geração X*. De acordo com Santos (2012), a letra Y, desta geração que também é chamada de Geração da Internet, não foi escolhida aleatoriamente. A maioria

das crianças nascidas nas décadas de 80 e 90 tinham seus nomes iniciados pela letra acima referida.

Para Silva (2014)

Representam a geração dos resultados, nasceram na época das tecnologias, da internet e do excesso de segurança. São considerados esperançosos, decididos, coletivos e possuem um alto nível de formação. Não solicitam autorização para agir, agem de forma impetuosa, principalmente no momento da compra, são consumistas ao extremo (p.68).

Percebe-se claramente que a Geração Y se acha pronta para o mundo, com base em sua postura e conduta. Foram criados assim, portanto agem assim, como sendo especiais. A educação dada por seus pais, Geração X, os fez ter certeza que são diferenciados, especiais e que podem tudo, o mercado que se cuide.

Ainda de acordo com o autor, esta geração foi criada sem medo da culpa, pois seus fracassos eram culpa de seus pais, uma vez que estes se colocavam em tal posição. Resultados infelizes, não os preocupam, partem para novas oportunidades e atividades, exatamente como faziam na infância, brincavam competitivamente e não importava se ficavam em primeiro ou terceiro, pois independente do resultado, queriam novas disputas. Por esta educação vivida verifica-se o porquê da falta de fidelidade ou até mesmo a facilidade que a Geração Y troca de emprego e de desafios, pois se não foi como esperado, busca outra coisa.

Frente ao exposto, é fundamental que o educador procure desafiar ao máximo o indivíduo desta geração, para que ele se motive para o aprendizado, caso contrário, o mesmo não terá nenhuma dificuldade em deixar aquela disciplina de lado, pois o insucesso, para ele, não é culpa dele.

Segundo Oliveira (2010) “Há mais informação publicada na internet em uma semana do que todo o conteúdo gerado até o século 19” (p.26). Pode-se verificar uma grande tendência dos avanços tecnológicos e da velocidade em se criar informações e repassá-las.

Ainda de acordo com o autor, umas das características mais marcantes da Geração Y é a expectativa pelo reconhecimento imediato e pode ser explicado pelo fato destes indivíduos terem sido criados e educados para superar expectativas e serem

diferenciais frente aos outros, visto que seus pais, representantes da Geração X, são pragmáticos e autoconfiantes em suas escolhas, pois em sua criação, foram forçados a se virar por conta própria, fazendo do trabalho sua principal fuga.

Para Neto e Franco (2010) a Geração Y “foi profundamente marcada pela revolução tecnológica, pela globalização.” Frente ao exposto pode se afirmar que esta geração possuía acesso a todo o tipo de informação e, cada vez mais, se preocupou com o sucesso profissional, visto que via em seus pais tal facilidade, uma vez que, para o autor, era “tempo em que o consumo se expandiu e foi facilitado pela tecnologia” (p.13). Portanto, se o consumo expande os empregos aumentam e a economia gira. Mas havia um agravante por vir, este cenário era quando os mesmos eram crianças e quem experimentou tal mercado assim, foram seus pais, que tiveram sucesso e os fizeram crer que eram crianças especiais, por poderem ter tudo dentro da realidade deles.

De acordo com Carvalho (2009), é primordial que as empresas entendam a geração Y e busquem identificar quais são suas necessidades e aclamações, pois só assim vão perceber que eles querem participar, se sentirem parte do todo. Esta reflexão vale também para o educador e para as instituições de ensino.

Diante deste exposto pode se identificar uma ansiedade latente no indivíduo da Geração Y e uma expectativa gigantesca frente a qualquer ação que possa participar. Na verdade, para este jovem, ele não participa, ele tem que ser Protagonista. Portanto, como fazer para administrar esta expectativa dentro de sala de aula? Como atrair a atenção destes jovens, transformando a atenção em interesse e gerando motivação para o aprendizado?

Segundo Libâneo (1985), o professor deve sair do tradicional – giz e lousa – e incrementar suas aulas com instrumentos e ferramentas que ajudem e busquem atrair o interesse do aluno dentro de sala de aula, buscando gerar motivação no indivíduo. E para Barbosa (2005), “a motivação é uma força interior que impulsiona o homem e é decisiva no desenvolvimento. Com a motivação há aprendizagem, pois o ato de aprender é algo ativo e nunca passivo” (p.21).

Fator preponderante para entender o perfil desta geração é citado por Silva (2014) como responsabilidade dos pais, que mimavam, passavam a mão na cabeça e

faziam de tudo para seus filhos terem tudo que eles não puderam ter na infância. “Esta postura dos pais deu a entender aos membros da Geração Y que eles podiam tudo” (p. 70).

Os jovens dessa geração se sentem capazes de realizar a maior parte das tarefas que lhe são atribuídas e de lidar com diferentes trabalhos e cargos, talvez melhor do que seus semelhantes (mesmo que tenham 20 anos a mais de experiência). Essa autoconfiança também se reflete no desejo de mais responsabilidade, embora isso geralmente aconteça antes de eles darem conta das tarefas e responsabilidades de sua função atual (Lipkin; Perrymore, 2010, p.19).

Percebe-se que o indivíduo desta geração, além de possuir um sentimento inabalável que é capaz, também apresenta um nível muito elevado de ansiedade, corroborado pelo seu ímpeto em querer mais, sempre no seu tempo e não no tempo natural das oportunidades. A não realização de suas vontades, reflexo da educação dos pais, o deixa descontente, desmotivado e pronto para largar o processo que está inserido, buscando quem possa escutá-lo. Porém, o agravante deste cenário é que o mercado está bem acirrado e as empresas não irão mudar a sua velocidade de mudanças em detrimento da vontade dos membros desta geração.

Portando, o comportamento da Geração Y é reflexo da educação de seus pais, a Geração X e, de acordo com Lipkin e Perrymore (2010) “as pessoas da Geração Y foram criadas com uma grande base de autoestima. A elas era dito que podiam ser e fazer o que quisessem, o que, por sua vez, gerou uma população consciente de seus pontos fortes” (p.12).

Conclui-se, então, que a Geração Y, por ser educada e criada em um cenário onde tudo para ela era possível, que ela era especial frente ao mundo, fez com que a mesma desse ênfase às suas qualidades e esperava que o mundo tivesse a mesma visão. Portanto, a decepção e frustração frente às não conquistas e aos *nãos* recebidos no mercado de trabalho lhe criavam um sentimento de incomodo, ansiedade e senso de urgência, agravado pelo desânimo, após a repetição constante de tal cenário. Assertiva-se que este contexto é que trouxe o cenário de depressão juvenil nos dias atuais, porém esta questão é para outro estudo futuro.

1.5. Geração Z

Por sua vez, a Geração Z, nascida a partir de 1993, de acordo com Neto & Franco (2010) possui características marcantes como: vivem no mundo virtual, possuem muita facilidade com a tecnologia, são mais introvertidos por se fecharem em seus fones de ouvidos, possuem dificuldades com a estrutura tradicional escolar, dificuldade com relacionamentos interpessoais, visto que praticamente não existe, para eles, a linguagem verbal, pois a tecnologia presente dificulta tal processo de comunicação. Não muito distante, percebe se em restaurantes, bares, intervalo de escolas e em todas as partes, jovens *presos* aos aparelhos de telefone, conectados a outros jovens, muitas vezes, sentados ao seu lado.

Ainda de acordo com o autor, se faz difícil interpretar ou elencar características desta geração em relação ao trabalho e com as especializações que desenvolvem, uma vez que são precoces neste cenário e pode se concluir que não possui fonte segura de dados que aponte o comportamento destes frentes aos contextos propostos nesta dissertação.

Neto e Franco (2010) ainda propõe que alguns aspectos devem ser abordados nos processos de formação de professores, com foco nas Gerações Y e Z, como:

- a) Construção de novas formas de ensino, estratégias e técnicas, com base no conhecimento das características individuais das gerações, permitindo uma quebra de paradigma e conseqüentemente um interesse pelo aprendizado, por parte do aluno;
- b) Realizar uma autocrítica, reconhecendo, desconstruindo e construindo criativamente o próprio caminho profissional, renovando suas formas e técnicas de ensino, de acordo com os contextos e cenários.
- c) Além de técnicas diferentes e domínio sobre a disciplina, se faz necessário o domínio de diversos tipos de linguagens, uma vez que pessoas diferentes requerem formas de comunicação diferentes, tanto no âmbito verbal e tecnológico;

- d) Trazer para a vida acadêmica dos alunos a construção coletiva do conhecimento, com claros reflexos e semelhanças com a realidade, além do trabalho de aprendizagem, com a participação ativa dos alunos, pois o ensino através da ação isolada do professor, já não é mais eficaz.

1.6. Principais diferenças das gerações Baby Boomers, x , y e Z

Tudo se passa então como se estivéssemos vivendo um período de ondas de revolucionarização que, emergindo de dentro do capitalismo, lhe dão um novo alento e vão lhe abrindo novas perspectivas: é a Revolução Eletrônica, seguida pela Revolução das Comunicações, seguida pela Revolução dos Novos Materiais e pela Revolução Biotecnológica. O impacto crescente que essa evolução econômica e tecnocientífica exercem sobre as sociedades e os efeitos colaterais que ela suscita em todas as áreas começam a serem sentidos e percebidos, mas ainda estamos longe de poder analisa-los e avaliá-los (Santos, 2003, p.232).

Percebe-se, portanto, que as variáveis externas dos indivíduos impactam diretamente em seu comportamento e refletem na educação de seus filhos, modificando a percepção do mercado, traduzindo e justificando as ações e posturas dos mesmos.

Voltando a citação de Conger (1998) “As Gerações são produtos de fatos históricos que influenciam profundamente os valores e visão de mundo de seus membros” (p.134) e fazendo uma linha cronológica das quatro gerações estudadas, percebe-se nitidamente o impacto da economia e do mercado na vida dos indivíduos. Os Baby Boomers enfrentaram uma economia travada e um mercado fechado, onde todo suor era pouco para conquistar o básico, no máximo os dois primeiros níveis da pirâmide de Maslow. Portanto a educação de seus filhos era neste cenário, onde o que entrava em casa era conquistado com muito sacrifício.

Por sua vez, os filhos dos Baby Boomer, que pode se apresentar como a Geração X, foi criada nestes moldes, portanto o exemplo lhe valeu muito, ou seja, para obter as coisas, eles deveriam estar preparados e, conseqüentemente, trabalhar duro para conquistar a comida para a família. Seguindo o que viveram e aprenderam, correram atrás do conhecimento, das habilidades e do aprendizado, pois sabiam que era necessário para ter um espaço na sociedade, onde o mínimo não faltasse. Porém, quando chegaram ao mercado de trabalho, se depararam com uma economia aberta, um mercado globalizado e com muitas oportunidades. Mesmo de frente a este cenário, a Geração X não deixou de lado o que vivera na infância e continuou com muita garra,

muito esforço, conquistando não só apenas o básico para a saúde e segurança de sua família, adquiriram mais e mais. A bicicleta que não tiveram na infância e se tiveram conseguiram ter noção que seus pais lhes deram com muito sacrifício, agora foi dada a seus filhos com maior facilidade. A Geração X experimentou um resultado diferente de seus pais e tudo que não havia tido na infância, tudo que tivera desejo e não fora saciado, foi ofertado a seus filhos, fazendo com que eles tivessem tudo que queriam, pois eles não tiveram em sua infância.

Desta forma, a Geração Y, filha da Geração X, foi criada em um cenário onde os pais trabalhavam duro e lhes davam tudo que queriam, dentro da realidade de cada família, e a todo o momento, seus pais, não lhes deixavam esquecer o quanto eram especiais e que o mundo os aguardava. Vários indivíduos da Geração Y, inclusive, eram estimulados por seus pais a só estudar, que não era hora de trabalhar, diferente deles, que entraram cedo no mercado de trabalho.

Frente ao cenário de sua infância, a Geração Y foi educada e percebeu um mundo aberto e cheio de oportunidades para eles, onde tinham certeza que eram especiais e que naturalmente fariam a diferença. Entretanto, o que aconteceu foi que ao ingressar no mercado de trabalho, a Geração Y se deparou com:

- a) Mercado estagnado;
- b) Competitividade elevada;
- c) Oportunidade igual para formação;
- d) Todos possuíam o sentimento de “Serem especiais”;
- e) Maior acesso à informação por parte de todos;
- f) Menores oportunidades.

Frente ao exposto, aquela Geração, Y, que criara uma expectativa enorme, consequência da educação que tivera, se deparou com um cenário extremamente competitivo e que não esperava e não estava preparada. Reflexo disto é o nível de ansiedade elevadíssimo e do quadro de depressão que estes enfrentam nos dias atuais, fruto de perceberem que as coisas não acontecem na velocidade deles e, conseqüentemente, sentirem que não são especiais como imaginavam.

Não diferente das outras gerações, a Geração Z, também refletirá em seu ingresso ao mercado o que viveu em sua infância com seus pais (Geração Y). Espera-se um cenário mais favorável, pois de acordo com a história, a infância mais apertada, controlada financeiramente, mostra à criança que é preciso fazer algo mais, ser diferente para fazer a diferença, portanto, para não passarem pelos mesmos apertos que seus pais, esta Geração virá para as faculdades e para o mercado de trabalho, melhor preparada, visto que já nasce com a tecnologia nas mãos e sabe que precisa dela para possuir uma empregabilidade diferenciada.

Concluindo, e corroborando com Neto e Franco (2010) “neste processo de reinventar o trabalho docente torna-se interessante identificar algumas das características das diferentes gerações que se encontram em sala de aula” (p.12). Frente ao exposto, pode-se afirmar que conhecer as gerações e a partir daí propor estratégias e técnicas de ensino diferenciadas em sala de aula é premissa básica para o educador de hoje obter sucesso no processo de aprendizagem de cada aluno.

Por fim, pode-se afirmar que as grandes diferenças entre as Gerações se dá no comportamento e conduta, consequência da criação de cada uma delas. A Geração Baby Boomers preocupa-se com a segurança e estabilidade, sempre trabalhadora e focada no resultado; a Geração X, muito trabalhadora e com espírito de querer dias melhores, esperançosa em dar para seus filhos o que não teve na infância, buscando o sucesso e os resultados através do trabalho e suor aprendido com seus pais Baby Boomers; a Geração Y se considerando especial, pois foi ensinada, por seus pais assim e superfocada em ser *o melhor*, uma vez que esta era a sua percepção. Senso de urgência e ansiedade aparecem nitidamente para estes indivíduos, que são suscetíveis aos fracassos e acabam se entregando aos insucessos, não entendendo o *porquê* dos mesmos, pois são especiais, seus pais lhe falaram disso e os fizeram acreditar, além de verem que tudo que queriam, sempre tiveram; e por fim a Geração Z, como a Geração Y, muito impactada pela tecnologia, porém com um tratamento diferente à mesma, sabem que precisam da mesma para o sucesso e a tratam como amiga íntima, muitas vezes em detrimento de relacionamentos humanos. Ainda sem muitas informações sobre suas condutas no mercado de trabalho, pois estão ingressando agora no mesmo, portanto não existe uma base confiável de dados para analisarmos em relação a seu comportamento.

Apresentamos no quadro 1 um resumo das quatro gerações.

Quadro 1. Gerações: Baby Boomers, X, Y e Z.

Tipo de geração	Anos	Descrição/caraterísticas
1. Baby Boomers	1946 a 1964	<ul style="list-style-type: none">• Foco no Emprego• Foco na Estabilidade• Busca da Aposentadoria• Esforçados• Recompensa = segurança para final de vida
2. Geração X	1965 a 1978	<ul style="list-style-type: none">• Trabalhador• Recompensa = segurança• Estável• Adaptável• Pragmático• Autoconfiável
3. Geração Y	1980 a 1992	<ul style="list-style-type: none">• Ágil• Ansioso• Senso de Urgência• Visão Tecnológica• Acesso fácil à informação• Dificuldade em receber não• Resiliente• Dificuldade com Estratégias Tradicionais de Ensino
4. Geração Z	A partir de 1993	<ul style="list-style-type: none">• Vive no mundo virtual• Facilidade com Tecnologia• Introverso• Dificuldade com Estratégias Tradicionais de Ensino• Dificuldade com Relacionamentos Interpessoais• Pouca base de dado para análise

Fonte: Elaboração própria.

CAPÍTULO II – ATENÇÃO E APRENDIZADO

2.1. Introdução

Atenção e aprendizagem são dois conceitos que devem ser investigados e estudados quando se discute sobre o processo de lecionar, uma vez que o professor deve ter a consciência de que não existe aprendizagem sem atenção, o que pode se comprovar nos próximos tópicos.

Ressalta se também conceitos como interesse, curiosidade, socialização e participação. Conceitos estes que poderão enriquecer o estudo proposto.

De acordo com De-Nardin e Sordi (2007) “a atenção vem se revelando uma condição para que o sujeito possa dar conta de reconhecer o mundo e adaptar se a ele” (p.99). Frente ao exposto, a atenção só será alcançada, caso o educador ou interlocutor consiga criar atividades e técnicas que tenham um link com a realidade do envolvido.

2.2. A importância da “atenção” na aprendizagem

Em um processo de aprendizagem, a participação da atenção e dos aspectos sensoriais do ser humano é premissa do sucesso. Ramalho (2009) aponta que aprendizagem, memória, percepção, motivação, atenção e emoção, andam juntos e não de forma isolada. Portanto, pode se dizer que para obter o interesse do aluno em um processo de aprendizagem é fundamental incluir a motivação, aprendizagem, emoção e a atenção.

Ainda de acordo com o autor, a atenção está diretamente ligada à percepção, fazendo com que o que é mais perceptível para o ser humano possui maior atração. Barry (1999), explica que nosso cérebro só traduz para nossa consciência 10% de tudo que é captado por seus sentidos. Os outros 90% não são descartados, porém ficam no subconsciente. Estes 10%, que chamaremos de 10% de Relevância Cerebral é tudo aquilo que o ser humano tem como relevante para ele, ou seja, que lhe desperta interesse. Portanto, pode se dizer que se uma atividade proposta por um professor estiver dentro desta relevância do aluno, o mesmo irá responder ao estímulo, com atenção, posteriormente interesse e chegando ao aprendizado.

De-Nardin e Sordi (2010) citam que “a atenção tem papel específico: o controle do comportamento e a realização de tarefas” (p.100). Portanto, para que o professor consiga envolver o aluno em um processo de aprendizagem é preciso que o mesmo atraia a atenção do mesmo, só assim o indivíduo irá direcionar o seu comportamento para a participação, interação e realização das atividades propostas para o aprendizado.

Estévez-González e Cols (1997) também inclinam seu raciocínio na direção de que a atenção é uma implicação perceptiva seletiva, direcionada e de interesse direcionado a estímulos perante uma determinada tarefa. Já Boujon e Quaireau (1999) relatam que a atenção é como uma forma de concentração e de vigilância e/ou um sinal de afeto e interesse por uma determinada tarefa.

Ainda de acordo com os mesmos autores (Op. cit.) a atenção do ser humano será despertada quando o mesmo mostrar interesse, decorrente da motivação para com a atividade vivenciada.

Segundo Deaño e Rodriguez-Moscoso (2002) existem três momentos em um processamento de informação. O primeiro é a entrada de informações, chamado de INPUT, onde os sentidos (visão, audição, olfato, tato, paladar) trazem as informações para o PROCESSAMENTO e, posteriormente, o OUTPUT, saída de informação. Percebe-se então que quanto mais sentidos envolvermos, maior será a participação da atenção e do interesse das pessoas. Trazer ao ensino não apenas a visão e a audição é desafio para a criação de estímulo no aluno.

Para García-Sevilla (1997), os seres humanos apresentam diferentes capacidades de atenção, que variam de acordo com o cenário vivido. Uma pessoa pode se apresentar mais atenta do que outra, depende do estímulo despertado para aquela situação. Este fenômeno é conhecido como intensidade atencional ou de tônus atencional. Portanto, pode-se dizer que outro desafio é conseguir alinhar o nível de atenção dos alunos frente a uma vivência, atividade e aprendizagem.

Andrews (2001), após várias investigações, defendeu que as pessoas ficam mais alertas quando escutam seu nome, mesmo quando o cenário é complexo. Partindo deste exposto, o autor também aponta que criar outros estímulos para alertar o ser humano, de forma seletiva e natural é ferramenta eficaz para atrair a atenção do mesmo.

Garcia-Sevilla (1997) aponta que a atenção seletiva se concentra em fatos específicos do ambiente, cenário e tarefas vivenciadas, assim criando estímulos para aquelas que lhe atraem, trazendo respostas para o que irão entregar.

Para Allegri (2000) a atenção seletiva possui quatro questões fundamentais: Primeiro é o aspecto sensorial, onde a mesma está ligada aos estímulos presentes nos espaços externos e internos; em seguida vem o aspecto motor: movimentos exploratórios e de investigação, realizados com a cabeça, olhos e membros; o aspecto límbico, se refere à importância afetiva e motivacional dada aos estímulos vivenciados; e, por fim, o aspecto representativo: a atenção co-relacionada com as imagens mentais. Portanto percebe-se que se atingirmos estes quatro aspectos, teremos o estímulo e a atenção do aluno para a vivência.

Para Ramalho (2009) a atenção seletiva é um processo onde a criação de estímulos dentro de um conjunto, fará com que o ser humano reconheça, processe e dê respostas para o mesmo, agindo como um filtro seletivo.

Além da atenção seletiva, pode-se apontar a Atenção Sustentada como aliado no processo de aprendizagem. Para Levitt e Johnstone (2001) a atenção sustentada é a capacidade de prender o indivíduo e sua atenção a uma determinada tarefa, por um tempo mais alargado. Portanto pode-se dizer que sustentar a atenção no processo de aprendizagem se dá pelo estímulo na busca pela seletividade e sustentação, partindo de ações voltadas para o interesse relevante do aluno.

Para Ramalho (2009), os seres humanos apresentam a capacidade de se adaptarem ao meio ambiente através das atividades mentais que desenvolvem. Desta forma, a interação se dá através de como ela é instigada a agir ou participar de uma determinada atividade.

Ainda de acordo com o autor, o ser humano possui um organismo que focaliza sua atenção durante um determinado período de tempo em uma situação ou problema, visando selecionar estímulos para a memória, para que posteriormente ela possa elaborar respostas para tais estímulos. Assim, percebe-se que a atividade ou a forma como se pretende atrair a atenção das pessoas é fato importante no sucesso da aprendizagem.

Para De-Nardin e Sordi (2010) a atenção dispensada pelos indivíduos, através do que ouvem, olham ou concentram está diretamente ligada à caráter histórico. Portanto, a inclusão de estratégias e técnicas de ensino que foquem links e paralelos com a história dos envolvidos é tática fundamental para a captação da atenção em prol do envolvimento e aprendizado.

2.3. As formas de atenção na aprendizagem

Para De-Nardin e Sordi (2010):

tomando com as duas características de invenção – imprevisibilidade e problematização – pode se pensar em ampliar o conceito de atenção, situando a além do ato de prestar atenção à tarefa, objetos ou situações externas. A atenção poderá ser, então, um ato de encontro com experiências pré-simbólicas e de invenção de problemas. Sendo assim, a atenção poderá ser pensada não apenas como um processo único e homogêneo, mas como um movimento que se modula em diferentes fluxos e por isto pode mostrar se funcionando de formas distintas (p.101).

O papel do educador, do professor se faz necessário do ponto de vista da atenção e das características da invenção, para que as problemáticas e vivências criadas tenham uma relevância com os interesses e realidade dos alunos. Resolver problemas em um cenário que nos parece familiar, como um ensaio da nossa realidade, permite que a atenção seja dispendida no processo.

É preciso ensinar as crianças tudo aquilo que lhes possibilite viverem adaptadas ao mundo onde estão inseridas. Resume se a aprendizagem a uma transmissão de conhecimentos acumulados historicamente que indubitavelmente são importantes, mas não suficientes. A partir desse pressuposto, a atenção focalizada surge como condição fundamental para a aprendizagem: quanto maior o poder de manter o foco em determinado objeto, maiores as chances de sucesso infantil (De-Nardin & Sordi, 2010, p. 101).

O conhecimento transmitido é rico e fundamental para a criação do intelecto, porém a aprendizagem se faz eficaz com a mistura de vivências e saber; portanto, quanto maior o paralelo entre o objeto em estudo e a realidade do indivíduo, maior será o foco da atenção no processo de aprendizagem.

Ainda de acordo com De-Nardin e Sordi (2010) “na perspectiva recognitiva de aprendizagem não está implicada necessariamente uma concentração” (p.101) visto que tal processo proposto visa existir um *colapso* ou *rachadura* durante o processo de aprendizagem, onde o indivíduo se encontra focalizado na atividade ou tema, sempre possuindo um link com a sua história ou realidade, permitindo assim que o mesmo

permaneça atento e distraia se, porém sem perder o elo com o conteúdo proposto, uma vez que ele o espelha na sua vida própria.

O autor, ainda, propõe que o processo de prestar atenção está ligado ao movimento de detenção e não de concentração. Detenção tem a ver com foco e não duração; e concentração tem a ver com certa abertura, seguida por uma distração revelada.

Varela (2003 *cit. in* De-Nardim e Sordi 2010) aponta a utilização do “*breakdown*” como um colapso ou rachadura no processo cognitivo, porém sem fazer com que o indivíduo perca o link com a vivência. O que acontece neste momento não é um rompimento do aprendizado, porém uma alteração, onde você sai de uma situação específica vivida e faz uma conexão com sua vida, analisando e espelhando os conteúdos da vivência no seu dia-a-dia.

Existem dois subtipos de “*breakdown*” para De-Nardim e Sordi (2010). No primeiro são considerados os momentos de atenção inventiva, onde o indivíduo, através da sua criatividade cognitiva cria diversas situações sócio cognitivas para traduzir a vivência em realidade, conhecidos também como momentos de problematização. Já o outro, seriam os momentos de não problematização, onde os indivíduos, ao voltarem de suas situações sócio cognitivas, não acolhem o tema.

Ainda de acordo com De-Nardin e Sordi (2010), “A capacidade atencional, tanto quanto a capacidade de brincar se aprendem; porém, ninguém pode ensiná-las” (p.105). Pode se concluir que tal asserção mostra que o papel de ensinar é de uma importância singular e que só será possível tal aprendizado se existir crença de que os envolvidos são capazes de pensar.

Frente ao exposto, conclui se que o aprendizado, partindo da atenção é construído pelo modo como experimentamos as vivências e como as alhamos conosco e com o mundo. Portanto, usar de práticas vivenciais, onde o conteúdo, teoricamente, inexistente, cria no indivíduo a necessidade de produzir, reproduzir, analisar e comparar, criando um natural aprendizado, partindo da invenção e problematização.

2.4. CAV – Ciclo de Aprendizagem Vivencial

Segundo Richatz (2010), os métodos vivenciais são uma maneira de proporcionar um aprendizado através de uma experiência em grupo. Isto é, primeiro, experimentar uma simulação através da proposição de uma atividade em que se tem um determinado objetivo de aprendizado; para depois avaliar o que aconteceu, relacionar com o cotidiano e criar novas práticas de comportamento para serem aplicadas futuramente.

De acordo Gramigna (1993), existem várias teorias relacionadas aos métodos vivenciais, mas destaca-se a utilização do CAV (Ciclo de Aprendizagem Organizacional), em que são definidas 5 etapas para o aprendizado: a vivência, o relato, o processamento, a generalização e a aplicação. Estas etapas num processo contínuo de experimentação. Pode ser mais bem visualizado na figura 1.

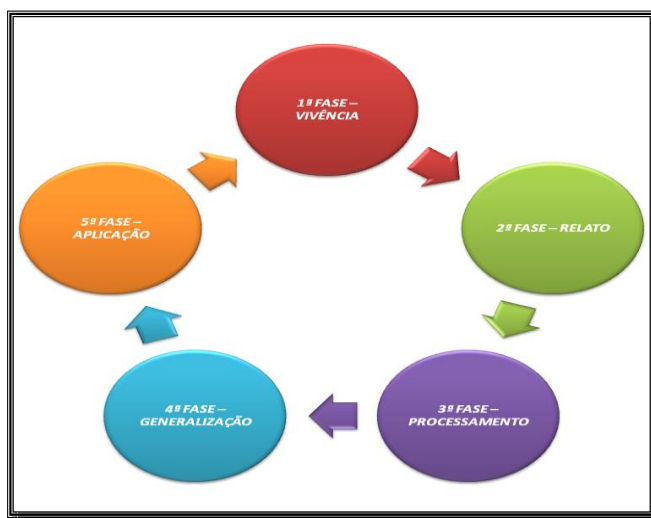


Figura 1. CAV – Ciclo de Aprendizagem Vivencial (Elaboração própria)

A Vivência é o momento em que os participantes são convidados a participar das atividades lúdicas, é um momento de descontração, um experimento da realidade. É a atividade propriamente dita, o jogo ou a dinâmica.

O Relato é o momento em que as pessoas demonstram seus sentimentos: podem falar, desenhar, escrever o que estão sentindo, também traduz o clima de trabalho do jogo ou vivência através de alguns recursos, como: desenho, fotos e gestos, cartazes de sentimentos, símbolos, etc. Através destes recursos que é possível fazer uma análise de clima das pessoas envolvidas.

O Processamento são os espaços oferecidos para as equipes analisarem suas performances no jogo (avaliação de competência). É o momento de identificar as competências, falhas e pontos fortes dos jogadores e das equipes envolvidas. Toda esta etapa é feita com o uso de roteiros para a discussão em equipes e a apresentação de conclusões em painéis ou lousas. É fundamental que o facilitador não interfira no processo do grupo.

Já na Generalização, o facilitador inicia o momento de sair do lúdico e estabelecer comparações do que ocorreu no jogo com a realidade. É a hora de identificar semelhanças e divergências do jogo, da vivência com o cotidiano e a hora do fórum de participação das “grandes sacadas e aprendizado pela vivência”.

E, por fim, ainda de acordo com Gramigna (1993), a Aplicação é o compromisso com as melhorias e mudanças. O próprio grupo fala das melhorias a serem feitas, efetivado através de contratos individuais, planos em equipe e elaboração de metas e resultados, onde os planos podem ser definidos em equipe ou realizados individualmente.

CAPÍTULO III – POLÍTICAS DE ACESSO ÀS UNIVERSIDADES NO BRASIL

3.1. Introdução

O Brasil é um país conhecido como fraco em investimento na educação, porém desde o ano de 2002, vem recebendo uma atenção especial em relação ao tema. Com a entrada de um novo grupo de políticos, diferentes dos que vinham governando anteriormente, a educação recebeu alguns programas que incentivaram o setor, movimentando e abrindo uma porta maior para uma parte da população que anteriormente não tinha acesso à mesma.

Este estudo não tem como objetivo verificar se estas políticas foram eficazes ou não, mas sim verificar o perfil do aluno que frequenta a sala de aula das universidades de hoje e mostrar como a Geração Y tem papel fundamental para a conclusão desta dissertação.

Nos próximos tópicos, ver-se-á que as políticas governamentais do governo Lula, abriram as portas das universidades para mais jovens e adultos, porém a heterogeneidade aumentou, conseqüentemente, o desafio do educador também, visto que este terá que possuir estratégias e ferramentas mais apuradas para alcançar o interesse e atenção de todos os alunos.

3.2. O Programa Universidade para Todos - PROUNI

De acordo com o site governamental do Ministério da Educação e Cultura (MEC), <http://prouniportal.mec.gov.br/>, O PROUNI – Programa Universidade para Todos é uma ação do Governo Federal, criada em 2004 e institucionalizada através da Lei nº 11.096 de 13 de janeiro de 2005 (Anexo I). O programa oferece bolsas de estudos parciais e integrais em instituições de ensino privadas, na graduação e especialização. Em contra partida, as instituições privadas de ensino que aderem a tal programa recebem isenção de tributos pela parceria.

Tal ação do governo tem como foco, ingressos do ensino médio das redes pública e particular. Para ter direito à bolsa parcial ou total, o aluno deve possuir renda familiar de no máximo três salários mínimos e obter nota mínima no Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM.

O site nos afirma que o Prouni já atendeu cerca de 1.400.000 estudantes, sendo que 70% destes com bolsas integrais.

Um dos objetivos do programa é permitir que todo estudante tenha condição de fazer um curso superior, conseqüentemente aumentando a sua empregabilidade. Porém pode se afirmar que as turmas, dentro das salas de aula, aumentaram significativamente o GAP entre os alunos, o que aumenta o desafio de lecionar para o educador, visto que o sistema de classificação para as Universidade se viu mais acessível, mais competitivo, porém com maior facilidade.

Não pode se dizer que aqueles que não possuem condições de arcar com as despesas de um curso superior sejam inferiores cultural e intelectualmente ao estudante que tem condições financeiras para tal. O que pode se afirmar é que a heterogeneidade dentro de sala de aula aumentou de forma significativa, conseqüentemente desafiando o educador a criar ferramentas de ensino mais amplas e não tradicionais, a fim de atingir todos os seus alunos.

3.3. O Programa Fundo de Financiamento Estudantil - FIES.

Outro programa do Ministério da Educação e Cultura da República Federativa do Brasil, sob a Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001 (Anexo II) é o Fundo de Financiamento Estudantil, o FIES.

O site do programa, <http://sisfiesportal.mec.gov.br/>, mostra que o foco são estudantes que passaram pelo processo de avaliação do MEC, o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e que conseguiram alguma vaga em instituição de ensino não gratuita.

A funcionalidade do programa se dá através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que é o Agente Operador do Programa, que

cobra um juro do estudante de 3,4% ao ano. A solicitação do FIES pode ser feita em qualquer período do ano, de acordo com a sua necessidade e de forma totalmente interativa e online, no mesmo site desta referência.

Para ter direito ao Fundo de Financiamento Estudantil, o estudante deve acessar o portal SisFIES e preencher seus dados pessoais, como Cadastro de Pessoa Física, data de nascimento, endereço e e-mail válido, este para posterior validação das informações. Logo que validado, o estudante irá informar seu curso, instituição e dados sobre o financiamento desejado.

Assim que fizer todo o processo acima citado, o estudante deverá procurar a sua instituição de ensino, mais objetivamente a Comissão Permanente de Supervisão e Acompanhamento (CPSA) para validação das informações pela Universidade ou Faculdade.

Depois de validada as informações na instituição de ensino, o estudante deve procurar um agente financiador do FIES em até 10 dias, para formalizar a contratação do financiamento. Vale ressaltar que o financiamento estudantil possui várias modalidades e que tem como principal objetivo, permitir ao estudante o desenvolvimento da sua empregabilidade e posteriormente, quando tiver uma colocação no mercado, possivelmente após sua formatura, iniciar o pagamento do programa.

Para apresentar de forma mais clara, o FIES é dividido em três fases. A primeira fase é a de utilização, que ocorre durante o curso. Enquanto o aluno está cursando a faculdade, ele terá um pagamento de R\$ 50,00 trimestrais, referente ao pagamento de juros incidentes do financiamento. Na sequência vem a fase de carência, onde novamente o estudante continua a pagar os R\$ 50,00 trimestrais, porem já se encontra formado. Esta carência dura 18 (dezoito) meses. Por fim, tem se a fase de amortização, onde depois de encerrado o período de carência, o saldo devedor será parcelado em até três vezes o período financiado, acrescentando se 12 (doze) meses.

O FIES é mais um programa que garante e permite ao estudante brasileiro acesso ao ensino superior, permitindo o desenvolvimento de uma carreira e a criação de uma empregabilidade mais condizente com o mercado de trabalho. Entretanto, assim como o Prouni, este programa traz mais um desafio para as Instituições de Ensino Particulares:

lecionar, para uma Geração ansiosa e com uma classe significativamente mais heterogênea do que outrora.

O acesso às faculdades particulares está cada vez mais facilitado pelo Governo, o que faz com que a economia gire e o ensino chegue a todos, mas a discussão, como já apresentado anteriormente, se refere à forma de lecionar e o desafio encontra se em atingir a todos dentro de uma sala de aula com culturas, costumes e níveis sociais diversificados.

Pode se concluir, então, que as políticas adotadas e estudadas nos capítulos anteriores, apresentaram uma abertura maior das instituições de ensino superior para a população que anteriormente não tinha acesso à mesma, subsidiada pelo Governo. Contudo, tal acesso aumentou ainda mais o desafio do educador, hora que este possui agora turmas mais heterogêneas e com culturas e instruções diversas, tornando seu desafio em lecionar mais rico e fascinante, visto que o desafio, dentro do potencial do profissional, motiva.

Quadro 2. Perfil do Universitário Brasileiro

PERFIL DO UNIVERSITARIO BRASILEIRO	PRESENCIAL	A DISTÂNCIA
Sexo	Feminino	Feminino
Categoria	Privada	Privada
Grau	Bacharelado	Licenciatura
Turno	Noturno	
Idade	21	29
Idade de ingresso	19	28
Idade de conclusão	23	31

Fonte: MEC/Inep

CAPÍTULO IV – A ATUAÇÃO DO PROFESSOR COMO FATOR DE GERAÇÃO DE MOTIVAÇÃO PARA O ENSINO

4.1. Introdução

O professor, educador ou qualquer outra nomenclatura que possa ser dada para este profissional, deve, por trás do conceito, trazer que o mesmo tem papel fundamental na formação dos alunos que passaram por sua sala de aula.

Lecionar não é apenas conhecer a disciplina e passar para os estudantes, consiste em estratégias e táticas apuradas para que, antes de passar o conteúdo, o interesse e a curiosidade do aluno sejam despertadas. Como fazer isto? Pode se entender como tal processo funciona no tópico a seguir, onde o intuito é mostrar o papel do educador no processo de aprendizado, não o colocando como mero multiplicador do conhecimento e sim como agente de estimulação e socialização.

4.2. O processo de Aprendizagem

Para se alcançar o objetivo da aprendizagem, nos tempos atuais, o planejamento é fator preponderante para o sucesso de tal processo. A motivação para aprender, vindo do indivíduo, só aparecerá caso o Educador, desperte no aluno o interesse em aprender. Caso ele consiga criar um link entre conteúdo e vida pessoal.

De acordo com Masetto (2003)

Estratégia e técnica não são a mesma coisa, estratégia é um termo mais amplo que técnica. Estratégia é uma maneira de se decidir sobre um conjunto de disposições, ou seja, são os meios que o docente utiliza para facilitar a aprendizagem dos estudantes. Técnica são recursos e meios materiais que estão relacionados aos instrumentos utilizados para atingir determinados objetivos (p.88).

Frente ao exposto, pode se adiantar que o trabalho proposto engloba ambos os termos. Estratégia do ponto de vista de facilitar a aprendizagem, criando um link entre o conteúdo e a atividade vivenciada, transformando o ato de estudar em uma maneira mais dinâmica. Por sua vez, a técnica é através do uso de instrumentos musicais, estilo musical e protagonismo do aluno, não coadjuvantismo.

Ainda de acordo com o autor, a sala de aula deve ser vista como espaço de vivência para o aluno: viver o ensino. O desenvolver se em sala de aula, a prática para aprender, a busca pelo conhecimento frente a um tutor é influência positiva para o aprendizado. Identificar e perceber que o que se vive em sala de aula é o que trará ferramentas e armas para enfrentar o que se viverá fora de sala de aula traz o interesse do aluno para protagonizar o ensino.

Para Neto (2003) o educador encontrará dificuldade para lecionar, mesmo possuindo estratégia e técnicas, caso não consiga criar um significado da aprendizagem ou o que se pretende com qualquer tipo de atividade. Percebe se que o aluno perde o interesse e não atua quando não consegue verificar a coerência entre conteúdo e prática, quando não consegue visualizar, com clareza, o objetivo e o que se pretende com tal ação de ensino.

Ressaltando Neto (2003), Libâneo (1985) afirma que o docente precisa criar e contextualizar ensino e realidade, ou seja, é necessário um trabalho onde o aprendiz consiga identificar com facilidade que o que está aprendendo (teoria) e o que está executando (prática) tem contextualização e coerência com a realidade que vive, com sua vida profissional e pessoal. Caso contrário, a falta de objetivo fará com que o aluno não crie expectativas e interesse para fazer parte daquele processo de ensino.

Garrido (2002) aponta que para vencer a resistência do aluno pelo aprendizado é fundamental estabelecer e criar pontes, andaimes e analogias entre conteúdo e realidade. A busca pelo significado da vivência e do aprendizado é premissa para angariar o interesse do aprendiz.

Gil (1994) ratifica que o aprendizado ainda terá mais significado caso o professor consiga apresentar com clareza os objetivos do estudo, quais são as ferramentas e estratégias para tal, assim como mostrar que o conteúdo possui significado para o aluno dentro e fora de sala de aula. Ainda para o autor, três pontos são fundamentais para conquistar o interesse e motivação do aluno para o aprendizado: Humor, Entusiasmo e Aplicação Prática. O Humor do professor atrai o aluno, prende e faz com que o aprendiz se sinta à vontade, pronto para se divertir no processo de aprendizagem. O Entusiasmo transmite ao aluno que o professor tem paixão pelo o que

está fazendo, ou seja, ele se diverte ao realizar aquelas atividades, portanto mostrando o significado que lecionar traz para ele, a importância que é para o docente, em desenvolver pessoas. Por fim, a Aplicação Prática é a técnica que o docente irá utilizar para o processo de aprendizagem e que está sendo defendida nesta tese. Fazer com que o aluno se veja como protagonista no processo de ensino é a maior arma de atração da motivação intrínseca deste.

Pode se afirmar, frente ao exposto e com outras palavras mais populares, que o Educador precisa possuir três pilares para o ensino, assim como qualquer profissional em qualquer outra área: gostar do que faz, para ter energia na execução de suas atividades rotineiras e criatividade na inovação em lecionar, buscando despertar, a todo o momento, o interesse em aprender de seus alunos.

Libâneo (1999) pontua sobre Recursos Auxiliares de Ensino. O professor deve se adaptar à sua turma, às novas gerações e suas particularidades e ter percepção aguçada para criar a melhor estratégia e técnica de ensino em prol do aprendizado. Muitos professores são engessados e continuam a utilizar a velha e tradicional forma de lecionar: giz e lousa. Porém, a Geração Y, como já dito anteriormente, possui característica bem peculiar e uma das mais afloradas é a de se sentirem desmotivados caso não percebam que são protagonistas, seja em qualquer circunstância. Portanto como dito por Gil (1994) a Aplicação Prática é exatamente um dos Recursos Auxiliares de Ensino proposto por Libâneo.

Santos (2003) afirma que quanto maior for a contextualização do ensino, maior é o significado dado ao processo de aprendizagem, facilitando o envolvimento do aluno para com as atividades e o aprendizado.

Novamente pode se afirmar que o aluno, quando se sente protagonista do processo de ensino ele se estimula e se motiva para tal, ele é participativo, ativo e busca, de forma natural e, muitas vezes, imperceptivelmente o conhecimento. A geração Y é estimulada desta forma, portanto ao colocar o aluno como protagonista, a chance de conquistar sua confiança para o processo é grande, porém se ele se sentir em um local, onde é um mero espectador ou plateia de um docente, a motivação nunca será ativada e o que consegue se ver é: aluno dormindo em sala de aula, utilizando meios eletrônicos

para passar o tempo, ou seja, estar em sala de aula se torna enfadonho e muitas vezes obrigatoriedade para se conquistar o papel diploma e não o conhecimento propriamente dito.

De acordo com Paro (2000) o papel do professor se torna o de agente motivador, na busca pelo interesse do aluno em aprender. Na mesma linha, Poletti (2002) ressalta que o professor deve manter o aluno curioso, pois uma vez despertada a curiosidade do mesmo, este se sente instigado a descobrir sobre o que se vive, ou seja, a motivação é natural por parte do aluno que se vê desafiado em relação à captação daquele conhecimento, visto a criação de significado e instigação da curiosidade, pautada com a correlação entre conteúdo e realidade.

4.3. Motivação

Motivar é, cada vez mais, um desafio do professor contemporâneo, pois se trata de um processo que se desenvolve no interior do indivíduo e o impulsiona a agir, mental ou fisicamente, em função de algo. O professor motivador encontra-se disposto a despender esforços para alcançar os seus objetivos; por sua vez, o aluno motivado também alcança mais facilmente os objetivos de aprendizagem.

Motivação é um tema estudado e debatido por diversos escritores, filósofos e autores. Busca-se neste a percepção de como o tema é fundamental na influência ao aprendizado e como o Educador deve movimentar-se para alavancar a motivação de seus alunos.

Barbosa (2005) inclina seu raciocínio, em relação à motivação, como uma força interior que estimula o homem e é decisiva para seu desenvolvimento. Se existe motivação, existe aprendizagem, pois aprender é um ato ativo e não passivo, portanto deve existir vontade para aprender.

De acordo com Bzuneck (2001) motivação é “aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de o curso” (p.9). Portanto, para que uma pessoa se sinta motivada é necessário despertar na mesma um motivo, uma necessidade, criar um

contexto onde o aprendizado seja necessário para a vida e para o desenvolvimento, aprender para crescer e não um aprender por aprender.

Para Perrenoud (2000)

(...) ensinar é reforçar a decisão de aprender, é não encerrar o aluno em uma concepção do ser sensato e responsável, que não convém à maior parte dos alunos. É também estimular o desejo de saber, entretanto, só se pode desejar algo, quando se concebe esse conhecimento e seu uso (p.71).

Assim, para alcançar o aprendizado, pela vontade do aluno é premissa do educador plantar a semente e colher o interesse do aluno, através da importância do conteúdo e do aprendizado. Pode se dizer, portanto, que o objetivo do professor é a aprendizagem do aluno, conforme defendem Codo e Gazzotti (1999), trabalhando a capacidade intelectual e vontade de aprender do mesmo. Ainda de acordo com os autores, quando existe motivação, o professor se propõe a ensinar e o aprendiz se dispõe a aprender.

Vale fazer uma colocação, defendida por Almeida (2012), onde destaca se que a motivação é premissa, porém a desmotivação é fator agravante, visto que muitos estudantes se predem, quando o fazem, a poucas anotações e estudos em vésperas de provas. Tal conduta, em sua maioria, se dá pelo papel do professor, que como defendido anteriormente, não instiga a importância do aprendizado e não aplica novas estratégias e técnicas para a participação como protagonista do aluno em sala de aula.

Existe outro ponto a se destacar, onde Almeida (2012) tratam como o estudante ingressa no Ensino Superior. Um mundo novo onde a realidade é bem diferente do tripé - autoridade do professor, organização e transmissão de informação – vivenciado nos ensinos fundamental e médio. O ensino de formação tem um perfil onde o aluno é telespectador, onde o professor dissemina o conteúdo e esta capta o mesmo. O ensino superior, por sua vez, espera a participação ativa do estudante e seu poder questionador, porém, em que momento o aluno percebe isto, se não for através das estratégias e técnicas de ensino do educador?

Frente ao exposto, o autor ainda ressalta que o eterno empurra-empurra da responsabilidade da motivação do aluno seja mantido, pois a zona de conforto do educador e do aluno é a justificativa para não assumir o seu papel como formador do

conhecimento. Percebe-se, então, o papel fundamental do educador no processo de aprendizagem, onde este não pode se eximir de sua responsabilidade em lecionar com criatividade e energia, plantando um significado do conhecimento no aluno, onde este germina através de sua motivação, plantada pelo educador, porém regada diariamente por sim mesmo.

Seguindo nesta linha, Pozo (2002) defende que é fundamental criar expectativas com relação ao processo de aprendizagem. Tal expectativa é provinda do Educador e gerador de motivação no aluno, portanto o educador cria o mecanismo para estimular o aluno a se motivar.

Para Witter e Lomônaco (1984), a motivação é consequência de fatores como: determinantes ambientais, forças internas, necessidade e desejos, onde o próprio organismo do ser humano busca a ação frente a um motivo.

Já para Salanova, Hontangas e Peiró (1996) a motivação existe caso exista um objetivo alinhado, impulsionado internamente pelo próprio indivíduo, ativado pela necessidade, emoção, valores e expectativas pessoais.

Os autores Soler e García-Sevilla (1997) apontam que os estímulos despertados dentro do interesse do ser humano, são percebidos antecipadamente, visto serem de uma zona de relevância deste, conseqüentemente, despertam maior atenção e motivação para a participação e emissão de respostas às vivências. Para Ramalho (2009) a motivação é uma manifestação corporal de caráter explícito, uma resposta automática a uma ação que lhe atraiu.

Ainda de acordo com os autores, quando a pessoa se encontra motivada para executar determinada tarefa, estas irão despender maior esforço na busca pelas respostas e soluções da mesma. Frente ao exposto, pode se afirmar que motivar é manter o profissional desafiado dentro de seu potencial, uma vez que instigado dentro de uma zona de seu interesse, sentindo que o desafio está coerente com suas competências e potencialidades e que a ação possui correlação com sua vida, o mesmo executará ações de forma mais vibrante e com maior afinco na busca de soluções, resoluções ou respostas aos estímulos ou problemas propostos inicialmente.

Os autores González e García-Señorán (2004) apontam que aspectos motivacionais e metacognitivos são fundamentais para a aprendizagem do indivíduo. O modelo proposto pelo autor traz cinco componentes essenciais, como aspectos motivacionais para o ensino:

(1) motivos: o porquê daquela ação, problema ou atividade;

(2) metas: o que se pretende com esta vivência? Está de acordo com minhas potencialidades e competências?;

(3) os planos: quais são as respostas esperadas e o que se pretende fazer com as mesmas?;

(4) a atividade: está é impactante, pois se não for escolhida de acordo com o grupo, pode não trazer a motivação esperada; e

(5) avaliação: qual será minha contribuição e como o resultado deste processo ou atividade pode impactar para mim e para a sociedade?

Percebe se que a motivação surgirá, muitas vezes, frente à imperceptível análise de tudo que cerca a atividade e a ação.

Ainda para Ramalho (Op.cit.), os aspectos emocionais ganham força a cada dia e passam a ser fator preponderante no processo de aprendizagem. Por serem estados secundários à cognição, as emoções só vão proporcionar estímulos para respostas após a vivência e posterior identificação e análise positiva ou negativa deste. A emoção está ligada à focalização e manutenção da atenção, portanto fator fundamental no processo de aprendizagem. O sentir é mais um sentido do ser humano e passa a ser primordial no processo de aprendizagem, visto que desperta de forma avassaladora estímulos para respostas quando o que é sentido é interpretado como positivo.

Em um processo de aprendizagem, principalmente da Geração Y, como vista anteriormente como uma geração ansiosa e imediatista, a emoção, o sentir, de acordo com Schaps e Battistich (1996) é premissa para uma maior capacitação, inclusive em indivíduos que possuem uma aprendizagem emocional mais desenvolvida. A percepção para com a emoção e o sentimento despertado evidenciam uma melhora nas

competências cognitivas, como tolerância a frustração, menos impulsividade e maior autocontrole.

Para Soler e García-Sevilla (1997), os resultados de uma tarefa, problema ou resposta a estímulos, estão diretamente relacionados a como é a característica da apresentação da tarefa, problema ou estímulo. Portanto, pode se afirmar que em uma Geração que possui características ansiosas, de movimentação e não rotineiras, a atividade para o aprendizado não deve ser, de forma nenhuma, rotineira, estática ou monótona, caso contrario a dispersão será consequência certa e a falta de interesse e posteriormente atenção, fins irreversíveis.

Para o mesmo autor, a complexidade da tarefa é fator preponderante para o sucesso da atração e retenção da atenção. Diante do exposto, novamente afirmamos que a atividade a ser escolhida e selecionada pelo educador para seus alunos é premissa básica para o sucesso da aprendizagem. Esta deve estar coerente com a realidade dos alunos, ter correlação com a vida pessoal e profissional e apresentar complexidade dentro das potencialidades e competências de cada um deles. Ou seja, o aluno tem que ter o sentimento do desafio, dentro de suas potencialidades, o que é consequente gerador de motivação.

Para Ruiz (2004) existe uma questão que agrava e aumenta o desafio de lecionar. As instituições de ensino superior não possuem a preocupação em criar ferramentas de motivação no aluno, muito menos em diminuir as dificuldades de aprendizagem do mesmo. Isto se agrava, como já vimos, pelo fato das salas de aulas serem cada vez mais ecléticas, impulsionadas pelos programas de governo de acesso às Universidade.

Portanto, na fala de Guimarães (2001), percebe se que o fator preponderante para o ensino é a socialização do professor com os alunos, fazendo com que a distância entre eles seja mínima, permitindo ao docente diagnosticar o perfil da classe e criar estratégias e técnicas de ensino adequadas para aquele grupo. Gil (1995) enfatiza que a sala de aula é um ambiente social e que as ações dos docentes são formadoras do comportamento do aluno. Pode-se afirmar, então, que o professor é peça fundamental para despertar o interesse do aluno e como ele se empenhará no processo de aprendizagem.

PARTE II – ENQUADRAMENTO EMPÍRICO

CAPITULO V- ASPETOS METODOLOGICOS

*Todos os modelos começam com um problema. (...)
Um problema é, pois, sempre o ponto de partida.
Carvalho (2009)*

5.1. Introdução

Num processo de investigação, a metodologia constitui o caminho para o desenvolvimento e concretização dos objetivos.

A metodologia proposta para este estudo visa investigar a fundo os impactos das estratégias e táticas utilizadas pelo educador no processo de aprendizagem e corroborar com autores estudiosos do tema, confirmando a hipótese de que tal ação é fator preponderante para o sucesso do aluno no processo de aprender.

5.2. Pergunta de partida e objetivos da investigação

A finalidade deste projeto é buscar a resposta para a seguinte pergunta problema:
Como o professor do ensino superior pode atrair o interesse e gerar motivação no aluno da Geração Y, para a aprendizagem?

O objetivo geral do estudo é demonstrar que o educador, através de táticas vivenciais, com links da realidade é capaz de atrair a atenção do aluno e interesse para o aprendizado.

Como objetivos específicos, propõe se:

1. Realizar revisão bibliográfica dentre os assuntos que englobam o tema, como: aprendizagem, motivação, Gerações.
2. Realizar uma pesquisa documental (na Universidade), a fim de levantar dados dos resultados de cada turma do estudo de caso, para corroborar tais resultados com a hipótese proposta.
3. Levantar a opinião de alunos envolvidos no estudo e que fizeram a dinâmica vivencial *No Ritmo do Sucesso*.

5.3. Hipóteses

Um estudo de caso pode não ter hipóteses, mas deve ter sempre uma proposição. Optou se por formulá-las, pois as hipóteses de investigação “além de reflectirem questões técnicas, auxiliam no sentido de canalizar a atenção do estudo para evidências relevantes” (Barañano, 2008, p.103).

Face à pergunta de partida e aos objetivos de investigação, formulou se as seguintes hipóteses:

- H.1. O professor do ensino superior pode atrair o interesse e gerar motivação no aluno da Geração Y.
- H.2. A motivação dos alunos contribui para o sucesso educativo.
- H.3. A Técnica de ensino utilizada pelo professor contribuiu para o aprendizado dos alunos.

5.4. Publico-Alvo

Para que uma pesquisa qualitativa tenha resultados satisfatórios, a escolha pela amostra, dentro do universo proposto é fundamental.

Trata se de definir toda a população e a população amostral. Entenda se aqui por população não o número de habitantes de um local, como largamente é conhecido o termo, mas um conjunto de elementos (empresas, produtos, pessoas, por exemplo) que possuem as características que serão objeto de estudo. População amostral ou amostra é uma parte do universo (população) escolhida segundo algum critério de representatividade (Vergara, 2011, p.46).

A população deste estudo de caso são os alunos de duas turmas, porém para a aplicação da pesquisa qualitativa proposta, a população é apenas integrada pelos alunos da *Sala 40*, visto que apenas estes tiveram acesso à didática diferenciada, portanto somente os mesmos poderão relatar sobre a mesma.

Já em relação à amostra, de acordo com Vergara (2011), a definida para este estudo foi a por acessibilidade, visto que tais estudantes já se encontram formados e o acesso aos mesmos é limitado, portanto o cálculo da mesma é longe de qualquer procedimento estatístico.

5.5. Instrumentos de recolha de dados

Muitos são os métodos e técnicas de recolha de dados de que um investigador se pode socorrer num estudo de natureza qualitativa. Duas das mais conhecidas são: o questionário e a entrevista. São frequentemente utilizados em estudos de caso – de que é exemplo esta investigação – pelo seu pertinente emprego em ciências sociais. Estes dois instrumentos têm vantagens e desvantagens. Optou se pela entrevista considerando a amostra. Apresenta se no quadro 3 as vantagens e as desvantagens da entrevista:

Quadro 3. Entrevistas: vantagens e desvantagens

Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none">•É flexível, uma vez que permite explorar linhas de interrogatório que não estavam previstas;•Pode ser marcada de acordo com a conveniência do entrevistado e do entrevistador, o que é um aspecto muito facilitador;•Possibilita o aprofundamento dos assuntos.	<ul style="list-style-type: none">• Consome muito tempo;• Está sujeita à influência do entrevistador que, consciente ou inconscientemente, pode induzir as respostas do entrevistado;• As pessoas poderão dar respostas socialmente correctas em vez de exprimirem as suas próprias ideias ou comportamentos.

Fonte: Alves, M.P.(2012)

Duarte (2008) define entrevista como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção da informação por parte do outro, o entrevistado” (p.103) e acrescenta que “a entrevista apresenta vantagens sobre as outras técnicas, pela empatia que é possível estabelecer com os outros participantes, implicando uma orientação das interações de modo a obter dados pertinentes ao estudo” (p.103).

5.6. Metodologia

Para Alves (2012) “A investigação é a atividade que ajuda, no âmbito da ciência, a obter conhecimento” (p.57). Na verdade, investigação consiste em procurar obter conhecimento acerca de um determinado assunto.

“Método é a forma de proceder ao longo de um caminho”. Com esta citação de Marconi e Lakatos (2011, p.44) pode se explicar que a finalidade deste capítulo é

apresentar os métodos, meios e ferramentas utilizadas para alcançar os objetivos traçados pela dissertação.

Ainda de acordo com o autor, sete passos são fundamentais para um método, com base nos estudos de Galileu Galilei (*cit. in* Marcone & Lakatos, 2011): observação dos fenômenos, análise das partes, indução de hipóteses, verificação de hipóteses (experimento), generalização dos resultados, confirmação das hipóteses e estabelecimentos de leis gerais. Esta dissertação tem como um de seus objetivos, transformar experimentos em um estudo de caso, para que possamos verificar hipóteses, generalizando resultados e obtendo conclusões argumentadas para a conclusão do mesmo.

Conforme exposto anteriormente, este trabalho apresentou um problema, que de acordo com Marconi e Lakatos (2011), “problema é o que vai desencadear a pesquisa” (p.76). Frente ao problema, surgirão as hipóteses, que também é apresentada pelo autor (*cit. in*, 1969), como: “Hipótese é uma proposição enunciada para responder tentativamente a um problema”.

Para Gil (2010) cada pesquisa é única e difere de todas as demais, assim como identificar e classificar o tipo de pesquisa de seu projeto, este tende a ter maior racionalidade, conseqüentemente maior chance de êxito. Partindo deste ponto, pretende se classificar este estudo de forma bem clara e transparente, para que os resultados se façam quase que naturalmente.

Vergada (2011) corrobora Gil, ao citar que “o leitor deve ser informado sobre o tipo de pesquisa que será realizada, sua conceituação e justificativa à luz da investigação científica” (p.41).

Ainda de acordo com este autor e seguindo a classificação da CNPq (Conselho Nacional de Tecnologia), em relação à área de uma pesquisa, aponta se que o estudo proposto é em relação à área das Ciências Humanas.

O método de investigação usado foi o estudo de caso, por parecer a opção mais adequada à investigação. Para Meirinhos e Osório (2010) “(...) o estudo de caso rege-se dentro da lógica que guia as sucessivas etapas de recolha, análise e interpretação da

informação dos métodos qualitativos, com a particularidade de que o propósito da investigação é o estudo intensivo de um ou poucos casos” (p.52).

De acordo com Marconi e Lakatos (2011), estudos de casos precisam possuir algumas características fundamentais, como: visar a descoberta, retratar a realidade de forma ampla, valer se de fontes diversas de informações, usar linguagem simples. Estas, como todas as características fundamentais para um estudo de caso foram identificadas no estudo proposto e aplicado.

Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados (Gil, 2010, p.37).

De acordo com Gil (Op. cit.), utilizar estudos de casos, como ferramenta de investigação deve-se identificar algum destes propósitos:

- a) Explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- b) Preservar o caráter unitário do objeto estudado;
- c) Descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
- d) Formular hipóteses ou desenvolver teorias; e
- e) Explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (p.38).

Perceber-se-á que, para este estudo, todos os itens acima apontados são atendidos e demonstrados. De acordo com o mesmo autor, para que um estudo de caso traga resultados objetivos e palpáveis é de suma importância a utilização de múltiplas técnicas de coletas de dados. Apresenta se, portanto, além do levantamento dos resultados do estudo de caso (para o qual foi elaborado um Guião de entrevista- Anexo III, solicitada autorização ao Diretor – Anexo IV, que concordou com a sua aplicação – Anexo IV) através de pesquisa documental (média de notas, reprovações, desistências de cada turma), como mais uma das formas de pesquisa, um guião qualitativo, aplicado aos participantes de uma das salas do estudo de caso proposto, tendo cada um dos alunos preenchido uma declaração de consentimento (Anexo V). De acordo com Marconi e Lakatos (2011),

A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre a investigação, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc. (p.269).

Para o tratamento dos dados recorreu-se ao programa Microsoft Excel, que é um aplicativo Windows que fornece ferramentas para organizar, analisar e interpretar dados. Os dados foram apresentados através de tabelas, os quais foram, posteriormente, representados em gráficos produzidos a partir do software acima citado, pois têm a vantagem de transmitir os dados de uma maneira simples, clara e verdadeira, oferecendo uma visão imediata sobre o comportamento do fenômeno que estamos a descrever.

5.7. Caracterização da Instituição

A Faculdade Pitágoras pertence ao Grupo Kroton de ensino e a história deste grupo se inicia em 1966, exatamente com o nome de Pitágoras, porém na época era apenas um pré-vestibular criado por 5 (cinco jovens amigos) que ousaram em criar um empreendimento na área de educação.

Apenas dois meses após a criação da instituição, que contou em seu primeiro período de aulas, com 35 (trinta e cinco) alunos, um pouco mais de 94% (noventa e quatro por cento) destes, ou seja, 33 (trinta e três) alunos foram aprovados para ingressar em diversas faculdades.

Devido ao sucesso e grande exposição, em apenas dois anos, o número de alunos do Pré-vestibular Pitágoras, passou dos 35 (trinta e cinco) alunos, para 600 (seiscentos) alunos.

Nos anos 70 (setenta), o grupo de jovens realiza mais um sonho, criando o primeiro Colégio Pitágoras, com ensino para o 1º e 2º graus, hoje conhecidos como Ensino fundamental e médio. Esta inauguração aconteceu em 1972 e o grupo Pitágoras já contava com cinco mil jovens alunos entre 11 (onze) e 18 (dezoito) anos. Já em 1974, um grande passo para o Grupo Pitágoras, que inaugurou a sua maior unidade, o Colégio Pitágoras da Cidade Jardim.

Nos anos 80, para driblar a crise que se instalava no Brasil, o Grupo Pitágoras iniciou um processo de migração geográfica. A oportunidade surgiu e aqueles jovens inovadores, buscaram desenvolver um trabalho de vanguarda na educação. Em conjunto

com uma grande construtora, que iria realizar duas grandes obras de infraestrutura no Iraque e na Maurítânia, o Pitágoras dirigiu unidades de ensino para tais países, buscando atender mais de mil alunos brasileiros que se encontravam nestes países.

Já nos anos 90, buscando ser um grupo de ensino diferenciado e ter um modelo de referência para a expansão do Ensino Básico, criou se a REDE PITÁGORAS, um conjuntos de escolas comprometidas com o aperfeiçoamento contínuo dos serviços prestados em educação. Eram 106 (cento e seis) escolas em menos de um ano. Já em 1999, inaugurou se a Fundação Pitágoras, com foco em viabilizar projetos educacionais em instituições públicas e privadas.

Entre 2000 e 2009, muitas novidades. Com a mudança do marco regulatório do setor da educação, surge a primeira Faculdade Pitágoras, em 2000. Um novo sistema de ensino, com uma metodologia exclusiva, criada em parceria com uma das maiores companhias de educação do mundo – Apollo International, que viria a vender sua participação aos fundadores no ano de 2005.

O ano de 2007 foi marcado pela abertura de capital do Pitágoras, na BM & Bovespa, já com o nome de Kroton Educacional, consolidando uma fase de grade expansão. Logo em seguida, em 2009, a Kroton se funde com a Advent Internacional, que começa a compartilhar o controle da organização com seus fundadores.

Após 2010, a Kroton Educacional conheceu seu maior crescimento. Neste ano houve a maior aquisição do mercado de ensino superior no Brasil, adquirindo o Grupo IUNI Educacional, instituição que já atuava em graduação e pós-graduação, com os nomes de UNIC (Universidade de Cuiabá), UNIME (Universidade Metropolitana de Educação e Cultura) e FAMA (Faculdade de Maceió).

Novas aquisições aconteceram em 2011. Compra da Faculdade Atenas Maranhense, Faculdade União, FAIS e por fim, realizou a maior aquisição da história da educação, comprando a UNOPAR (Universidade do Norte do Paraná), se tornando líder no setor de educação à distância no Brasil. Em 2012, novas aquisições, dando continuidade ao projeto de crescimento da instituição.

De acordo com o site da própria instituição foi possível levantar estes dados. E de acordo com a Revista Exame (abril/2014), após ter adquirido a Faculdade Anhanguera, a Kroton Educacional se tornou a maior empresa de educação do mundo, com aproximadamente 1,5 milhão de alunos.

A Faculdade Pitágoras, uma das instituições de ensino da Kroton Educacional, e local onde se realizou este estudo de caso, tem como sua missão educacional, de acordo com seu próprio site: *Capacitar alunos a tornarem-se profissionais competentes para enfrentar os desafios de um mundo em constante mutação. Participar ativamente do processo de melhoria da qualidade educacional do País e do aumento do número de vagas acessíveis à população de renda média.* Também de acordo com o site da instituição, sua visão em julho de 2014 é: *Atuar como corresponsáveis com nossos alunos na realização de suas carreiras e projetos de vida.* Ainda, em seu site a Faculdade Pitágoras se intitula com *uma empresa de educação superior, fruto da rede de ensino Pitágoras (MG, Brasil). Oferecemos uma proposta que é uma volta às tradições clássicas da boa educação e que, ao mesmo tempo, contém uma forte incorporação de novas tecnologias, tanto originárias dos avanços da informática e comunicações como da psicologia.*

O que tira se desta exposição de novas tecnologias de ensino, como meio para se atingir a visão da instituição, partindo de sua missão é que o foco é atrair o interesse do aluno a partir de um ensino prático que chegue ao entendimento eficaz e satisfatório do aluno, através da autonomia dada aos professores, na busca por estes objetivos.

A Faculdade Pitágoras, de acordo com o exposto, é uma Universidade que procura, acima de tudo, o sucesso dos seus alunos e para isso sabe acarinhar as propostas dos seus docentes desde que sejam pertinentes e exequíveis. Assim, apresenta se no ponto seguinte uma estratégica levada a cabo em uma turma, pela implementação do *Projeto no Ritmo do Sucesso*, com vista a contribuir para motivação dos alunos para a aprendizagem. Os resultados alcançados foram a motivação para esta nossa investigação.

5.8. Projeto no *Ritmo do Sucesso*

Partindo deste exposto, é possível iniciar a apresentação do estudo, entendendo o apoio incondicional da instituição frente à vivência de dois grupos de alunos desta instituição.

Os grupos de alunos constituem duas turmas do curso de Gestão Comercial, desta faculdade com frequência da disciplina de Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas, aqui designada por FDEV, lecionada pelo mesmo professor, autor deste estudo. A única diferença frente a esta questão é que como experimento, o professor escolheu aplicar apenas em uma turma as atividades vivências práticas chamada *No Ritmo do Sucesso* e manter o resto do período de aulas embasado na experiência vivida, alinhando a reflexão sobre a mesma com os conteúdos teóricos previstos para os subsistemas de Recursos Humanos: Treinamento e Desenvolvimento (T&D), Recrutamento e Seleção (R&S), Comportamentos e Liderança (C&L).

O grupo que será designado por *Sala 40* é a turma que recebeu, no início das aulas, a Dinâmica Vivencial *No Ritmo do Sucesso*, por sua vez, a turma que será designada por *Sala 27*, não recebeu esta didática de ensino. Permitindo, assim, ao término do estudo, uma comparação de resultados na busca da afirmação da proposta deste estudo.

Ressalta se que as disciplinas foram dadas em sequência, ou seja, com apenas um período letivo de diferença, 6 (seis) meses.

A *Sala 40* foi a primeira a ter a disciplina FDEV, no segundo semestre de 2013, iniciando se em agosto de 2013. Já a *Sala 27*, teve tal disciplina iniciada no primeiro semestre de 2014, nos primeiros dias de fevereiro do ano citado. As variáveis que poderiam influenciar em uma possível comparação, foram estudadas para que não influenciassem no resultado. Portanto, sala de aula, material didático teórico, mesas, cadeiras, ar condicionado, localização geográfica, entre outros, não variaram, ou seja, não influenciam o resultado da investigação. Assim, como outras variáveis importantes foram eliminadas, ou melhor, anuladas, visto que País, Estado, Cidade, cultura, média de idade, perfil dos alunos, Instituição de Ensino, Curso, Disciplina, conteúdo

lecionado, coordenação de ensino e professor foram exatamente os mesmos, garantindo assim a uniformidade do processo.

A atividade lúdica vivencial *No Ritmo do Sucesso* é uma criação do próprio professor que faz um comparativo prático entre uma bateria de escola de samba e o dia-a-dia dos alunos em seu ambiente de trabalho tradicional.

Em suma, a atividade tem como objetivo comparar uma bateria de escola de samba a uma empresa. Inicialmente comparando o profissional ao ritmista, onde ambos têm que executar com precisão suas atividades e funções, para isto é fundamental o conhecimento e as habilidades para tal ação, ou seja, competências técnicas e, principalmente, atitude para desenvolver a atividade, portanto, competência comportamental.

Na sequência, busca se comparar os naipes – grupo de ritmistas que tocam o mesmo instrumento musical – com um departamento de uma empresa, que também necessitam executar as mesmas atividades fim com foco na entrega do mesmo resultado.

Por último, o comparativo macro, onde se compara a junção dos naipes, ou seja, a bateria de escola de samba com a junção dos departamentos de uma empresa, ou seja, a organização com um todo.

Parece simples, frente à exposição, porém como indivíduos que nunca executaram ou tocaram quaisquer dos instrumentos que serão citados abaixo, podem, em tão curto espaço de tempo, realizar tal atividade? Esta é a primeira comparação com a matéria teórica lecionada em sala de aula, posteriormente: a Liderança e a presença do Líder como inspirador e instrutor do processo de produção.

A dinâmica se desenvolveu da seguinte forma, os alunos foram divididos, aleatoriamente entre os instrumentos: surdos, caixas de guerra, malacachetas, repiques, tamborins e rocares. De acordo com Bolão (2003), as definições dos instrumentos se dão da seguinte forma:

SURDO: é o maior instrumento de uma bateria de escola de samba e possui o som mais grave dentre os instrumentos musicais presentes. Tem como objetivo dar o

ritmo do samba e é conhecido como *o coração da bateria*. Nas baterias de escola de samba, tradicionalmente são usados três tipos de surdos, divididos por sua afinação e com sua função predefinida na bateria.

Na atividade, utilizou se apenas dois tipos de surdo, o surdo de primeira e o surdo de segunda, que popularmente são chamados de pergunta e resposta, ou seja, um toca respondendo o som do outro.

O Tamborim é o menor instrumento da bateria, mas seu tamanho é indiretamente proporcional à potência de seu som. O tamborim possui o som mais agudo de uma bateria de escola de samba. Serve para fazer o floreio nas apresentações da bateria e geralmente possui o maior número de integrantes em seu naipe, como foi na vivência No Ritmo Do Sucesso.

Já a Malacacheta ou Caixa de Guerra ou Tarol, na bateria de escola de samba, possuem o mesmo objetivo, popularmente falando, estes instrumentos dão o molho da bateria, a cama para que os outros instrumentos se desenvolvam.

O Rocar, popularmente conhecido por chocalho ou até mesmo *chique chique*, tem como objetivo dar uma pressão quando a bateria entra no refrão das músicas. Os rocares, quando começam a tocar, dão uma sensação de poder para a bateria.

O Repique é o instrumento que possui o menor número de integrantes dentro de uma bateria de escola de samba, pois seu principal papel é realizar as chamadas para mudanças de ritmo, início e final das apresentações.

Fazendo uma breve comparação, pode se comparar o Repique aos gerentes ou gestores de áreas, onde são eles que dão o ritmo da produção, aparecendo sempre para modificar, manter, acelerar ou cadenciar o processo das empresas.

Porém, nenhuma bateria de escola de samba, assim como as empresa, caminha se não tiver uma liderança forte e eficaz, que na escola de samba é conhecida como o *Mestre de Bateria*.

Na atividade vivencial, a figura do *Mestre de Bateria* se deu através do professor, que fez, durante toda a atividade, o papel de líder, colocando todos os instrumentos em sintonia, para que o objetivo principal fosse atingido.

Obviamente percebeu-se que o professor possuía grande competência técnica para a realização da atividade, visto que possui histórico e experiência ricos na área de samba enredo.

Diante do exposto, pode-se visualizar a divisão da *turma 40*, em 6 (seis) grupos/naipes distintos:

- Surdo de primeira;
- Surdo de segunda;
- Caixa de guerra, tarol e malacacheta;
- Repique;
- Rocar; e
- Tamborim.

Assim, as atividades começaram a ser desenvolvidas seguindo a ordem a seguir: Primeiro os grupos/naipes foram separados e isolados uns dos outros, onde se iniciaram as cinco primeiras etapas do processo de aprendizagem:

1. Conhecimento do instrumento que seria sua ferramenta de trabalho. Cada aluno foi apresentado à sua ferramenta e conheceu a história e, principalmente, a função daquele instrumento, dentro da bateria, assim como exposto aqui anteriormente;
2. Em seguida os alunos foram desafiados a utilizar da sua criatividade para tentar buscar o resultado daquela ferramenta, sem qualquer auxílio de quem detinha o domínio sobre ação correta;
3. Na sequência, aquele que possuía o domínio e que era chamado de facilitador durante a atividade lúdica, apresentou e demonstrou a forma correta de manuseio e execução do instrumento que, desta maneira, alcançaria o objetivo fim;
4. Após a demonstração correta, o grupo foi convidado a criar um som que se assemelhasse ao ruído emitido pelo instrumento executado pelo facilitador.

Desta forma, criando este som vocal. Os alunos tinham uma linha para seguir, a fim de atingir tal ruído vocal na execução física do instrumento, ou seja, ele tinha um modelo pra seguir, criado por eles mesmos;

5. Agora, com a participação do facilitador, os alunos começaram a executar, de forma correta, o instrumento que era de sua responsabilidade, sempre com a intervenção daquele que dominava o processo.

Fazendo uma breve comparação com a teoria da disciplina *FDEV*, que foi lecionada posteriormente em sala de aula, pode se perceber que cada etapa tem uma ligação forte com as ações de gestores dentro de uma organização. Ou seja, os alunos, em uma formação de Gestores Comerciais, estavam aprendendo na prática como lidar com as atividades diárias de formação de uma equipe. Observando assim cada passo:

1. Ao receberem informações sobre a história do instrumento e sua função dentro do todo, dentro da bateria de escola de samba, remeteu se a eles que todo e qualquer profissional, em uma nova função deve receber instruções claras sobre suas ferramentas de trabalho, sobre o ambiente que irá frequentar e qual é a sua parcela de responsabilidade para o resultado da organização;
2. Nesta etapa, o *link* com a realidade foi feito em relação a se ter criatividade e inovação, na busca de conhecer novas ferramentas e processos, sabendo a hora e momento de tal ação, não prejudicando a organização;
3. Ao receber a instrução correta de como tocar o instrumento musical, pode se fazer um paralelo com os treinamentos e formações técnicas que devem ser aplicadas nas organizações quando da contratação ou movimentação de um profissional, assim como da implantação de uma nova ferramenta, sistema ou processo. Conclui se que esta etapa se iguala com o processo de T&D das empresas, que deve ser contínuo;
4. Nesta etapa, ao criar sons que imitam o som da execução correta, instiga o aluno a perceber que o profissional deve criar ferramentas internas que possam ajuda-lo na busca de seus objetivos, como por exemplo, processos explícitos;
5. Por fim, é ter a consciência que só podemos executar uma ação ou realizar uma atividade de forma eficaz e eficiente se possuímos o domínio da mesma e

isto requer muita repetitividade e *Know How*. Portanto precisa se de muita experiência que é conquistada com o tempo nas empresas.

Seguindo a atividade o próximo passo é reunir os grupos, certo de que cada naipe está preparado para apresentar seu resultado para interagir e integrar o resultado do outro. Nesta etapa, temos os seguintes passos:

1. Cada grupo/naipe apresenta para o resto da turma o som criado para seu instrumento. Nesta etapa não são utilizados os instrumentos, apenas os ruídos vocais.
2. Após todos os grupos terem se apresentado, o Mestre de Bateria alinha os naipes e de forma sincronizada faz com que cada grupo inicie a sua execução vocal, unindo todos os sons. Em ordem: os repiques apresentam suas frases para chamar os demais instrumentos, onde, imediatamente ao término delas, os surdos, simultaneamente, entram executam seus ruídos, dando o ritmo e a batida para a bateria; em seguida as caixas iniciam suas execuções, apresentando o molho da bateria, o grosso do ruído; na sequência aparecem os tamborins, floreando o enredo e apresentando suas frases que moldam a bateria e diferenciam uma das outras; e por fim para mostrar que a bateria irá entrar no seu auge, ou seja, no refrão, o repique novamente executa suas frases para que os rocares entrem dando poder e corpo ao grupo, criando uma cadência sonora. Lembrando que esta etapa é toda realizada vocalmente, portanto, neste momento os alunos estão executando uma bateria de escola de samba com suas vozes;
3. Ao término da etapa 2 (dois) o Mestre de Bateria, verificando sincronia, harmonia e bom andamento da bateria vocal, faz o mesmo processo, o mesmo caminho, porém agora com a execução dos instrumentos. Ressalta se que a execução dos instrumentos se dá sempre com o acompanhamento incansável das vozes, para que não se perca o foco no resultado;
4. Visto que a bateria conseguiu executar o passo 3 (três) com eficácia, esta fase visa iniciar a bateria de forma conjunta, com a exceção dos rocares que só entram nos refrãos. Portanto, percebido que individualmente os naipes conseguem iniciar seus sons, é hora de verificar em conjunto com os demais naipes. Sendo assim, após as frases dos repiques, os instrumentos (surdos,

caixas, repique e tamborins) iniciam a execução de seus sons simultaneamente e os rocares ficam no aguardo do chamado para realizarem a sua função.

Novamente, pode se fazer o paralelo com o conteúdo da disciplina e alinhar com as organizações, como se pode ver no esboço abaixo:

1. Ao apresentar as ferramentas de apoio que criaram para a sua própria equipe, pode se trabalhar o profissional, estimulando o a perceber que o compartilhar conhecimentos e novos métodos são fundamentais para o processo de crescimento do par e da organização e que laboratórios da realidade foram feitos para que a melhoria contínua sempre fosse almejada por todos;
2. A apresentação vocal, do grupo completo, mostra claramente que uma ferramenta de apoio, pode ser utilizada com sincronia com outras ferramentas de apoio, portanto, novamente o laboratório da realidade pode trazer frutos incríveis para a organização. Percebe se isto nas empresas que possuem grupo de estudo com foco em inovação;
3. Nesta etapa pode se perceber claramente que os ensaios da realidade podem ser aplicados no dia a dia de trabalho. Uma vez testado, podemos implantar. Acontece muito com setores da qualidade, que buscam nas evidências de planos de ação, incansavelmente questionados por qual a sua causa raiz, implantar ações de correção ou prevenção que surtam efeito para a empresa;
4. Na etapa de apresentação final, com a utilização de todos os instrumentos, cada um em seu tempo real, percebe se que os departamentos trabalham em ritmos e velocidades diferentes, porém possuem o mesmo objetivo, que está diretamente ligado à missão, visão e aos valores da empresa. Exemplificando: o departamento de produção, ao terminar sua etapa, executa a chamada ou envia uma informação, para o setor de vendas que podem iniciar suas ações. Neste caso a produção fez o papel do repique. Logo em seguida, com a certeza de que pode se vender, pois pode se entregar, os setores: comercial, marketing, atendimento começam a desempenhar suas atividades, juntamente com o financeiro, contabilidade, administrativo, etc. Neste momento visualiza se que tais departamentos fazem o papel dos surdos, caixas, repiques e tamborim. E os rocares, são os setores de apoio que dão suporte o tempo inteiro para a bateria

nunca perder o brilho, se tornando referência. Departamento jurídico ou secretarias em geral seriam os rocares.

No *Ritmo do Sucesso*, tem como um de seus papéis fazer esta análise entre bateria e organização, facilitando o aprendizado do aluno, mas a vivência não terminou aqui. Após a execução da etapa da atividade conjunta é hora de demonstrar o sentimento por aquilo que viveu, portanto é a hora de extravasar o que sentiu durante a atividade. O *Mestre de Bateria*, que neste ponto pode ser visto como o Líder da organização informa que, ao término da execução da bateria, cada integrante deverá externalizar, à sua maneira, o seu sentimento sobre o que vivenciou.

Esta etapa, novamente estudada à frente com os alunos, em sala de aula, é a oportunidade de o profissional dizer aquilo que pensa e sente e é importante a empresa apresentar e possuir ferramentas que permitam a realização desta atividade. Tais ferramentas são as Avaliações de Desempenho, pesquisa de clima organizacional; *Feedback*, busca pela melhoria contínua, como processo de aprendizagem e papel de multiplicação por parte da Liderança, entre outros. Todas estas ferramentas estão dentro da disciplina FDEV.

A *Sala 40 viveu* cada uma destas etapas e junto com o professor levou tal prática para dentro de sala de aula, retornando à experiência durante toda a matéria lecionada. Ressalta se que as aulas continuaram acontecendo naturalmente, seguindo as normas da Faculdade Pitágoras, aplicando os trabalhos, provas e visitas técnicas até o final do semestre letivo.

Depois de terminada a vivência, que perdurou por duas semanas, com apenas 2 encontros de 1h:40m, totalizando menos de 3h de atividade prática, a *Sala 40* foi convidada para realizar uma apresentação dentro da Faculdade para todos os alunos, dentro do projeto do curso de comunicação, chamado *Projeto Ruído*.

A apresentação gerou grande alvoroço dentro da instituição, onde professores, diretores e alunos se viram surpreendidos e se perguntavam: *como era possível um grupo de alunos, não músicos, em tão pouco tempo, conseguir realizar uma apresentação com tamanha eficácia?* Tal alvoroço despertou mais o interesse deste professor em comprovar sua hipótese de que, dinâmicas, práticas e jogos são muito mais

eficientes e eficazes no processo de aprendizagem de alunos, principalmente da geração Y, se corretamente interligados com a teoria.

Ressalta se que todas as etapas vividas em sala de aula, são exatamente as etapas do CAV – Ciclo de Aprendizagem Vivencial, que fora dissertado no desenvolvimento deste estudo, constituindo parte significativa de seu referencial teórico, baseado na linha de pensamento de Gramigna (1993).

De acordo com o mesmo autor, pode se apontar que a Vivência, do CAV, foi a execução exposta acima, onde os alunos viveram a experiência e desenvolveram as etapas lúdicas da dinâmica. O relato, feito logo após a Vivência, foi o momento em que os alunos externalizaram entre eles, formalmente, com a presença e acompanhamento do professor, porém sem a sua interferência direta.

O Processamento foi feito dentro de sala de aula e foi o momento onde os alunos apontaram de forma descontraída, porém com seriedade, os pontos fortes e pontos de melhoria de cada um deles. Quais foram as fases que mais se destacaram e quais os momentos marcantes do ponto de vista individual e grupal. Novamente o professor não interfere durante o processo, identificando o comportamento e postura de cada aluno, porém é ele, o professor, quem criou o roteiro bem estruturado para que os envolvidos possam ter um trilho a seguir, sem que saiam do objetivo final.

Na generalização, o professor toma frente dos trabalhos e começou a buscar um debate saindo daquela vivência, saindo do lúdico e fazendo um alinhamento com a vida profissional e pessoal de cada um, para que o aprendizado se torne eficaz, seletivo e se transforme em parte relevante do que é importante ou fundamental para o aluno, só assim a vivência se torna um aprendizado, pois o *link* com a realidade do estudante atrai sua atenção, interesse e gera motivação.

Pôde se verificar que o aprendizado foi eficaz, pois evidenciou se um compromisso dos alunos para com seus objetivos pessoais e profissionais, assim como os objetivos educacionais dentro de sala de aula, que é exatamente a ultima fase do CAV – Ciclo de Aprendizagem Final – e se seguiu até o final do primeiro semestre de 2014, semestre este que o professor lecionou outra matéria para a *Sala 40* e comprovou, nas posturas de seus alunos, que os conhecimentos sobre a matéria anterior estavam

afiados e perceptíveis, pois utilizavam conceitos e exemplos na nova matéria, relacionando com a matéria anterior.

Um ponto que pode se acreditar na comprovação da captação dos conhecimentos e estes se tornarem habilidades e postas em práticas através da atitude, se transformando em competência, é que a disciplina do primeiro semestre, período que ocorreu a vivência *No Ritmo do Sucesso*, era FDEV e a disciplina lecionada no semestre seguinte (2014/1), que evidenciou se posturas e presença de conhecimentos tácitos em relação à matéria anterior, era Técnicas de Negociação. Ou seja, matérias totalmente distintas entre si.

Acreditando no sucesso do processo de aprendizagem, o professor continuou seu processo de investigação, porém para tentar identificar o que aconteceria com o aprendizado de alunos, envolvidos nas mesmas variáveis, mas desta vez, sem a realização da vivência, utilizando se apenas de métodos tradicionais de ensino.

Exatamente, com foco neste objetivo, o professor iniciou seus trabalhos com a *Sala 27*, lecionando a mesma matéria, na mesma faculdade, no mesmo curso e com o mesmo perfil de alunos. Diante da situação, as aulas seguiram normalmente os padrões ditos tradicionais na forma de lecionar.

Seguindo a investigação, o Professor, também lecionou para a *Sala 27* a matéria Técnicas de Vendas, no semestre seguinte à FDEV. Podendo verificar, através da observação, que o ganho de conhecimento e captação do aprendizado foi inferior ao verificado na *Sala 40*.

Verificou-se que o professor criou um grande vínculo com os alunos da *Sala 40*, sendo convidado para ser o Patrono da formatura destes e se tornando, para muitos um apoio extraclasse, sendo procurado constantemente para partilhas de conquistas e apoios consultivos, sem ônus, para problema ou desafios vividos. Tal situação confirma a linha de pensamento de Piletti, 1997, “(...) ao lado da motivação para aprender da interação positiva entre professores e alunos, a criação de um clima de liberdade na sala de aula é, também, de suma importância para que possa ocorrer aprendizagem” (p.92).

CAPITULO VI – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

6.1. Aspectos introdutórios – algumas considerações

Conforme proposto no estudo desta dissertação, o levantamento de dados, a partir de investigações qualitativas e documentais se faz fundamental para enfatizar a ideia de que o educador tem papel fundamental no processo de aprendizagem de seus alunos, principalmente da Geração Y, através das estratégias e técnicas aplicadas para lecionar o conteúdo proposto.

Antes de adentrar na análise dos resultados, se faz necessária a exposição de alguns dados coletados, corroborando com a ideia de que a população das universidades brasileiras, atualmente, é composta com indivíduos da geração Y em sua maioria.

De acordo com Helice (2011), a Universidade Federal do Paraná divulgou os resultados de uma pesquisa nacional sobre o perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades federais brasileiras. O estudo foi realizado pelo Fonaprace (Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis), com apoio da Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior).

Tal pesquisa, realizada em 19.663 alunos em 117 cursos, apontou que a média de idade dos estudantes universitários destas instituições é de 23 (vinte e três) anos.

Confirmando tal pesquisa, a Revista de Ensino Superior, identificou que o perfil do aluno do ensino superior, não somente das universidades federais, apresenta uma faixa de idade de ingresso em tais instituições de ensino, entre os anos de 2000 e 2006, de 25 a 29 anos. Idades que também pertencem a Geração Y.

Aumentando a credibilidade das informações, segundo Tancredi (2014), a idade média dos universitários brasileiros é 21 anos, ingressando nas faculdades e instituições de ensino aos 19 anos e concluindo seus respectivos cursos aos 23 anos de idade. A pesquisa realizada pelo MEC (Ministério de Educação e Cultura – BRASIL) aponta que, inclusive os cursos à distância apresentam média de idade de 28 anos.

E para Targino (2014), a idade média dos alunos presenciais é 21 anos e à distância é 28 anos. Portanto, percebe-se que todas as pesquisas afirmam e comprovam que o perfil dos alunos do ensino superior no Brasil, com base na idade, pertence à Geração Y, que será apresentada no desenvolvimento desta investigação.

Portanto, os desafios deste trabalho é apresentar uma proposta que confirme a hipótese de que para atrair a atenção e interesse do aluno em sala de aula e conseguir gerar motivação no mesmo para o ensino, se dá através do professor e de atividades vivenciais práticas e dinâmicas.

Partindo deste acordo, apresenta-se os resultados e a análise das pesquisas qualitativas, aplicadas nos alunos da *Sala 40*, após preenchimento da Declaração de Consentimento (Anexo IV) e a pesquisa documental (Anexos VI e VII), onde levantou-se os resultados das duas turmas envolvidas no estudo de caso.

6.2. Análise dos dados obtidos

Pretende-se com a apresentação e análise dos resultados da pesquisa qualitativa (Anexo VIII) aplicada em uma amostra dos alunos da *Sala 40*, corroborar a ideia proposta por esta dissertação e comprovar que a técnica, principalmente o uso de atividade vivencias práticas, *linkados* à realidade do aluno é ferramenta indispensável para a captação do interesse e curiosidade do aluno, conseqüentemente colaborando com o processo de aprendizagem do mesmo.

Iniciando pela análise da questão 1: *Qual a idade que você possuía quando cursou a disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipe de Vendas no Curso de Gestão Comercial na Faculdade Pitágoras, no ano de 2013?* Verificou-se que a média da idade dos alunos respondentes está dentro da faixa que representa a Geração Y (quadro 4), afirmando assim que estes alunos fazem parte do universo proposto pela dissertação.

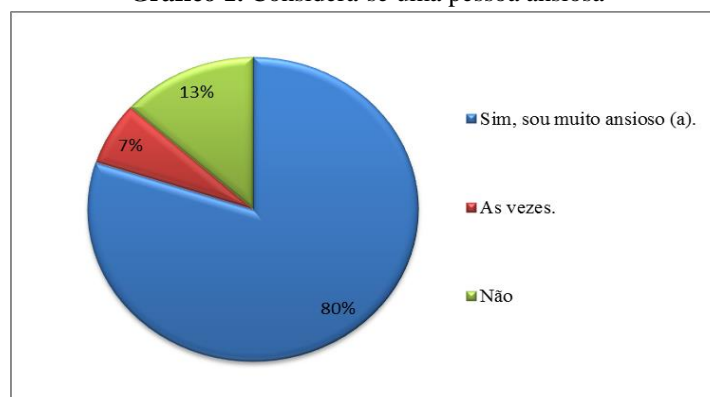
Quadro 4. Idade da amostra no segundo semestre de 2013

ALUNO	IDADE
Aluno da Amostra 1	35
Aluno da Amostra 2	30
Aluno da Amostra 3	38
Aluno da Amostra 4	24
Aluno da Amostra 5	39
Aluno da Amostra 6	24
Aluno da Amostra 7	27
Aluno da Amostra 8	25
Aluno da Amostra 9	20
Aluno da Amostra 10	23
Aluno da Amostra 11	48
Aluno da Amostra 12	30
Aluno da Amostra 13	30
Aluno da Amostra 14	24
Aluno da Amostra 15	24

Fonte: Elaboração própria com recurso ao Software Microsoft Excel

Quanto à pergunta número 2: *Você se considera uma pessoa ansiosa? Disserte sobre o seu perfil, caso seja uma pessoa ansiosa.* Verificou se pela análise do Gráfico 1, que a grande maioria da amostra, 80% (oitenta por cento) dos alunos se consideram ansioso, outros 7% (sete por cento) às vezes e apenas 13% (treze por cento) não se considera ansioso. Percebe se com este resultado que uma das características mais marcantes nos indivíduos da Geração Y é presente na amostra, confirmando que a *Sala 40* era uma turma com grande maioria de alunos desta geração.

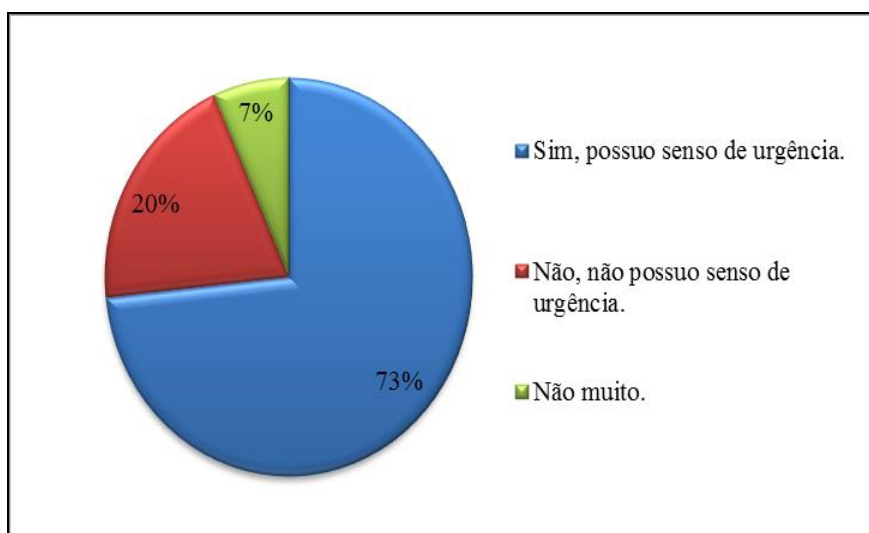
Gráfico 1. Considera-se uma pessoa ansiosa



Fonte: Elaboração própria com recurso ao Software Microsoft Excel

Em relação à questão nº 3: *Você se considera uma pessoa com senso de urgência na realização e concretização de seus sonhos e objetivos? Disserte sobre seu perfil, caso seja uma pessoa com senso de urgência.* Pela análise do Gráfico 2, verificou se que grande parte dos respondentes diz ter senso de urgência (73%), em contrapartida cerca de 20% diz não possuir e 7% diz possuir, mas pouco. Mais uma característica marcante da Geração Y se faz presente na amostra da *Sala 40*, corroborando que esta turma possui, além de idade da Geração citada, comportamentos da mesma.

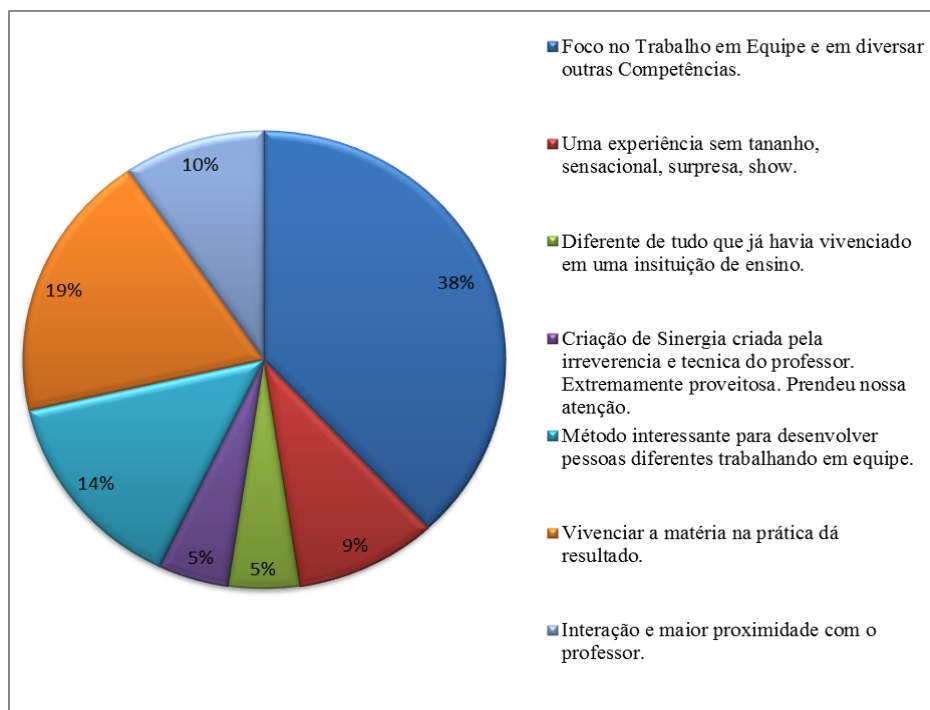
Gráfico 2. Você se considera uma pessoa com senso de urgência na realização e concretização de seus sonhos e objetivos



Fonte: Elaboração própria com recurso ao Software Microsoft Excel

Partindo para a questão de número 4: *Qual é a sua visão da Disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas, do ponto de vista da mesma ter sido realizada com base na vivência com a Bateria de Escola de Samba?* Constatou se, pela análise do Gráfico 3, que várias questões defendidas pelos autores na revisão bibliográfica foram apontadas pelos alunos, como: socialização do professor com a turma, prática vivencial como isca para a atração do interesse do aluno, a novidade como atrativo.

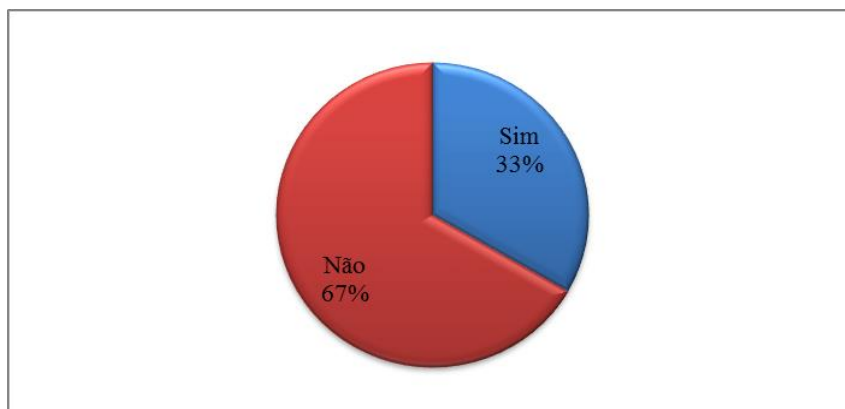
Gráfico 3. Visão da Disciplina com base na vivência da Bateria de Escola de Samba



Fonte: Elaboração própria com recurso ao Software Microsoft Excel

Partindo para a Questão de número 5: *Você acha que seu desempenho, assiduidade e participação na disciplina teria sido a mesma, caso a estratégia e técnica do professor não fosse pautada com a vivência da bateria de escola de samba?* Verificou se que dois terços da turma afirmaram que seu desempenho não seria o mesmo, caso a dinâmicas vivências da bateria de escola de samba não tivesse sido aplicada, como pode se visualizar no gráfico 4.

Gráfico 4. Seu desempenho seria o mesmo sem a vivência da Bateria de Escola de Samba



Fonte: Elaboração própria com recurso ao Software Microsoft Excel

O gráfico 5, nos traz as respostas dos alunos com maiores detalhes, onde percebe se que os outros um terço dos alunos, afirmaram que o desempenho deles seria o mesmo, pois são comprometidos com os estudos, só que reiteram que a vivência fazia com que os mesmos fossem para as aula mais animados e motivados. Frente ao exposto pode se apontar que a prática vivencial gera motivação no aluno, atrai interesse e estimula o aprendizado.

Gráfico 5. Seu desempenho seria o mesmo sem a vivência da Bateria de Escola de Samba (Detalhado)

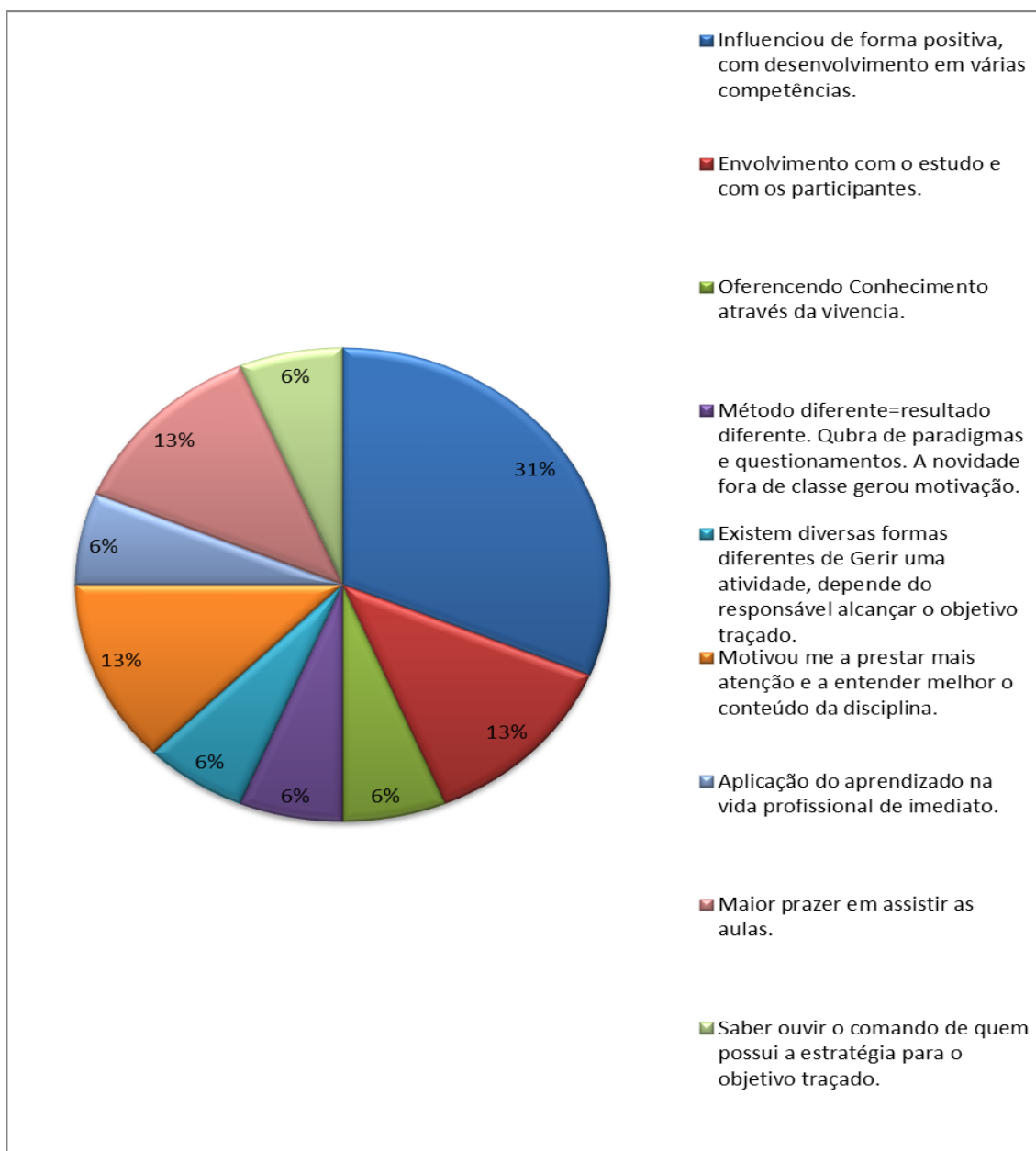


Fonte: Elaboração própria com recurso ao Software Microsoft Excel

Na questão de número 6: *Como você acha que a vivência Bateria de escola de samba influenciou sua postura e conduta frente à disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas?* Verificou se pela observação do Gráfico 6 que os alunos se intertiram com a dinâmica e 31% dos mesmos afirmaram que a influência foi positiva, com o desenvolvimento de várias competências, um dos objetivos da disciplina. Em seguida pode se perceber que em três tópicos, todos com 13%, os alunos afirmaram que tiveram envolvimento com o estudo e com os participantes; maior prazer

em assistir as aulas; e motivação para prestar atenção nas aulas e entender com maior facilidade o conteúdo.

Gráfico 6. Influência da Bateria frente na postura e conduta do aluno frente à disciplina

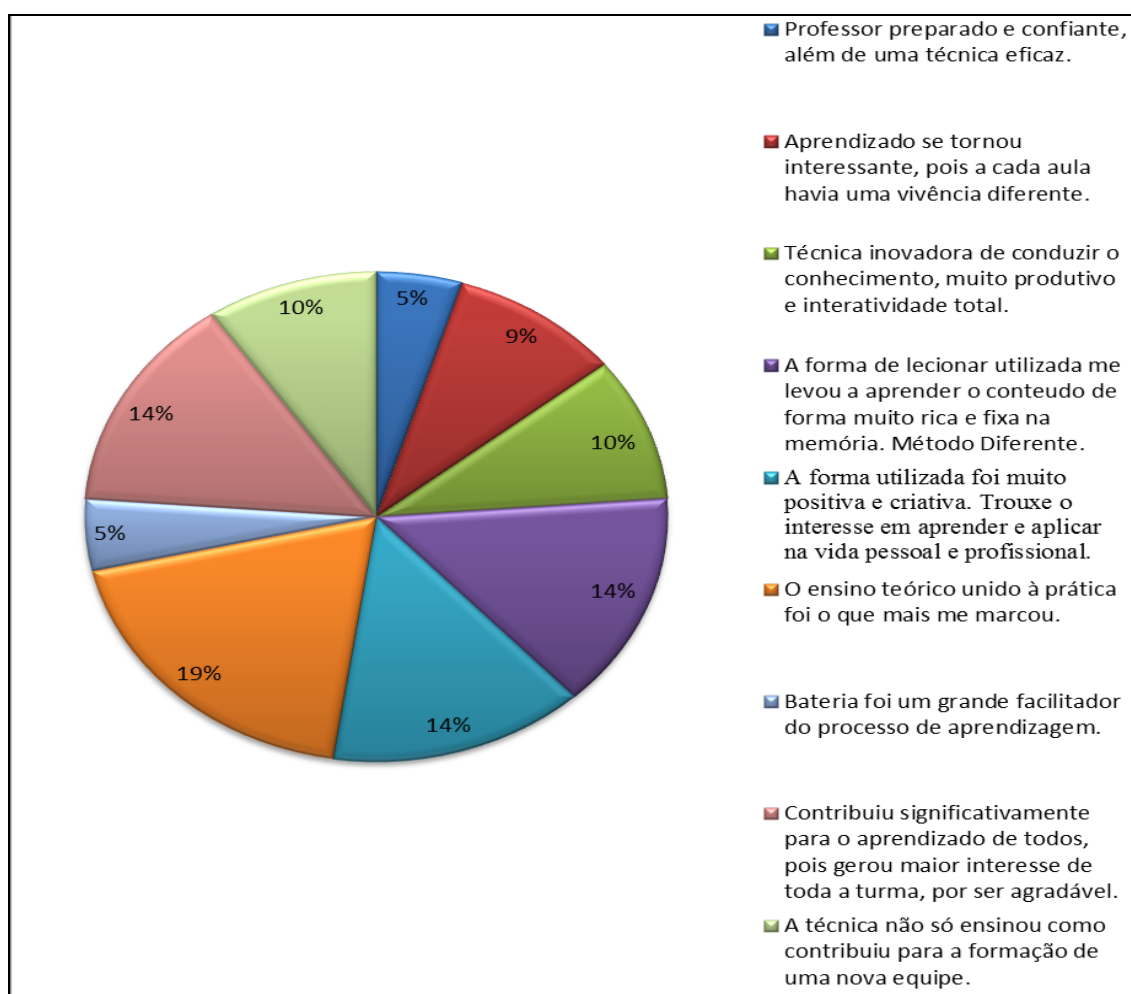


Fonte: Elaboração própria com recurso ao Software Microsoft Excel

Por último, na questão de número 7: *Disserte sobre a técnica de ensino utilizada pelo professor na disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas. Como você acha que a forma de lecionar contribuiu, ou não, para o seu aprendizado?* Observou se, pela análise do Gráfico 7, que para 19% dos alunos, o que mais os marcou

foi a união de teoria e prática. Em três tópicos, verificou se a ocorrência de notas em torno de 14%: em uma delas os alunos afirmaram que contribuiu significativamente para o ensino, visto que gerou maior interesse da turma, por ser mais agradável; no segundo, o interesse surgiu em aprender e aplicar na vida profissional e pessoal, por causa da criatividade; e no terceiro tópico, os alunos afirmaram que a forma de lecionar, o método diferente, os levou a aprender o conteúdo. Os demais tópicos ajudam a corroborar que a técnica foi criativa e fundamental, o interesse surgiu pelo professor estar preparado e que a estratégia foi um grande facilitador para o aprendizado. Nenhum dos alunos respondeu que a técnica não contribuiu para o aprendizado.

Gráfico 7. Técnica de ensino como contribuição para o aprendizado



Fonte: Elaboração própria com recurso ao Software Microsoft Excel

6.3. Pesquisa Documental – Registo da Universidade

Seguindo o processo de apresentação e análise das investigações propostas pelo autor desta dissertação, apresenta se agora, os dados levantados através da pesquisa documental, no sistema da instituição de ensino, já apresentado anteriormente e que ofereceu autorização, juntamente com os alunos envolvidos, para consultar suas notas, faltas e reprovações.

O quadro 5 apresenta a tabulação dos resultados das duas turmas, 40 e 27. Verificamos que a *Sala 40* possuiu uma média de notas superior à *Sala 27*, em mais de 10%, o que colabora no enriquecimento da hipótese da dissertação que as estratégias e técnicas utilizadas pelo educador são ganchos para o aprendizado e consequentemente entendimento e comprometimento com a disciplina.

Na *Sala 40* tivemos apenas uma reprovação enquanto a outra sala teve duas reprovações, porém vale ressaltar que a reprovação da *Sala 40*, se deu por motivos pessoais do aluno, que se afastou nos estudos no início do período letivo, enquanto na *Sala 27*, as reprovações se deram por falta de empenho e comprometimento.

Percebe se também que no quesito frequência, a *Sala 40* obteve um número maior de faltas, se comparado à *Sala 27*. Tal variável pode nos questionar sobre o comprometimento do aluno frente à disciplina, porém, pelas constantes aulas extraclasse da *Sala 40*, muitas faltas foram lançadas equivocadamente, porém sem ônus para o aluno. Em contra partida, percebeu-se que muitas chamadas de sala de aula não foram devidamente realizadas pelo professor, portanto inviabilizando o uso desta variável neste estudo.

Frente o exposto, é possível verificar que, por mais que a frequência da *Sala 27* tenha sido maior que a da *Sala 40*, os resultados foram bem diferentes, além de este autor afirmar que a postura e conduta da *Sala 40* foram de maior comprometimento e determinação do que a outra sala, o que gerou a motivação no mesmo para transformar tal investigação nesta dissertação.

Quadro 5. Resultados Salas 40 e 27(Notas, frequência e reprovações).

SALA 40				SALA 27			
ALUNO	NOTA FINAL	% FALTA	STATUS	ALUNO	NOTA FINAL	% FALTA	STATUS
ALUNO 1	8,1	16	APR	ALUNO 1	6,4	0	APR
ALUNO 2	9,7	8	APR	ALUNO 2	6,8	6	APR
ALUNO 3	9,2	14	APR	ALUNO 3	9,5	2	APR
ALUNO 4	9,1	6	APR	ALUNO 4	9,5	4	APR
ALUNO 5	9,7	4	APR	ALUNO 5	7,9	0	APR
ALUNO 6	9	8	APR	ALUNO 6	6,2	0	APR
ALUNO 7	9,3	8	APR	ALUNO 7	7,4	4	APR
ALUNO 8	7,5	12	APR	ALUNO 8	7,9	0	APR
ALUNO 9	8,6	4	APR	ALUNO 9	8,4	2	APR
ALUNO 10	8,5	12	APR	ALUNO 10	0,8	6	RPM
ALUNO 11	9,2	14	APR	ALUNO 11	7,3	2	APR
ALUNO 12	7,4	6	APR	ALUNO 12	8,6	2	APR
ALUNO 13	7,8	18	APR	ALUNO 13	6,7	4	APR
ALUNO 14	8,1	12	APR	ALUNO 14	6,4	6	APR
ALUNO 15	9,6	6	APR	ALUNO 15	8,2	2	APR
ALUNO 16	9,2	8	APR	ALUNO 16	9,2	0	APR
ALUNO 17	7,9	20	APR	ALUNO 17	7,7	2	APR
ALUNO 18	9,7	4	APR	ALUNO 18	7,8	0	APR
ALUNO 19	9,4	6	APR	ALUNO 19	7,4	2	APR
ALUNO 20	7,8	12	APR	ALUNO 20	8,8	0	APR
ALUNO 21	8,7	12	APR	ALUNO 21	7	4	APR
ALUNO 22	0,4	28	REP	ALUNO 22	7,2	0	APR
ALUNO 23	7,9	10	APR	ALUNO 23	8,1	4	APR
ALUNO 24	9,7	8	APR	ALUNO 24	8,3	2	APR
ALUNO 25	9,6	20	APR	ALUNO 25	8,2	4	APR
ALUNO 26	9,4	2	APR	ALUNO 26	7,4	0	APR
ALUNO 27	9	0	APR	ALUNO 27	7,9	4	APR
ALUNO 28	9,8	12	APR	ALUNO 28	7,9	2	APR
ALUNO 29	8,2	6	APR	ALUNO 29	8,5	2	APR
ALUNO 30	8	20	APR	ALUNO 30	8,3	4	APR
ALUNO 31	8,6	4	APR	ALUNO 31	8,7	0	APR
ALUNO 32	9,5	8	APR	ALUNO 32	0,8	6	RPM
ALUNO 33	9,4	10	APR	ALUNO 33	8,8	0	APR
ALUNO 34	9	6	APR	ALUNO 34	8,9	0	APR
ALUNO 35	8,6	2	APR	ALUNO 35	7,3	0	APR
ALUNO 36	9,5	4	APR	ALUNO 36	7,1	0	APR
ALUNO 37	10	14	APR	ALUNO 37	9,2	0	APR
ALUNO 38	9	0	APR	ALUNO 38	7,2	4	APR
ALUNO 39	9,4	12	APR	ALUNO 39	7,9	0	APR
ALUNO 40	9	12	APR	ALUNO 40	9,4	2	APR
ALUNO 41	8,9	0	APR	ALUNO 41	8,4	0	APR
Médias	8,7	9		ALUNO 42	8,7	4	APR
				ALUNO 43	6,8	0	APR
				Médias	7,7	2	

Fonte: Elaboração própria com recurso ao Software Microsoft Excel

6.4. Discussão dos resultados

Frente aos resultados expostos anteriormente pode se afirmar que se faz perceptível a satisfação, interesse e envolvimento dos alunos frente à metodologia utilizada pelo professor. Não apenas em relação à pesquisa qualitativa, mas também frente à pesquisa documental, que apontou um resultado significativamente maior da turma que recebera a didática inovadora, frente à turma que recebeu a didática tradicional.

Cruzando os resultados obtidos com as três hipóteses elencadas:

H.1. O professor do ensino superior pode atrair o interesse e gerar motivação no aluno da Geração Y.

H.2. A motivação dos alunos contribui para o sucesso educativo.

H.3. A técnica de ensino utilizada pelo professor contribuiu para o aprendizado dos alunos.

Partindo para a questão de número 4: *Qual é a sua visão da Disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas, do ponto de vista da mesma ter sido realizada com base na vivência com a Bateria de Escola de Samba?* Verificou se pelas respostas obtidas que uma atitude diferente do Professor de Disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas permitiu desenvolver aspectos como: socialização do professor com a turma, prática vivencial como isca para a atração do interesse do aluno, a novidade como atrativo. Tendo em a soma destes aspetos atingido 100% de respostas.

Face a estes dados, a nossa **H.1.** O professor do ensino superior pode atrair o interesse e gerar motivação no aluno da Geração Y **foi confirmada.**

Analisando as respostas à questão número 6: *Como você acha que a vivência Bateria de escola de samba influenciou sua postura e conduta frente à disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas?* Verificou se pela observação do Gráfico 6 que os alunos se envolveram com a dinâmica e 31% dos mesmos afirmou que a influência foi positiva, com o desenvolvimento de várias competências. Em seguida

pode se perceber que em três tópicos, todos com 13%, os alunos afirmaram que tiveram envolvimento com o estudo e com os participantes; maior prazer em assistir as aulas e motivação para prestar atenção nas aulas e entender com maior facilidade o conteúdo. São ainda referenciados outros aspetos todos eles com 6% de respostas:

Face aos dados obtidos, a **H.2**. A motivação dos alunos contribui para o sucesso educativo **foi confirmada**

Para as hipóteses 1 e 2, com bases nas investigações, evidenciou-se que o aluno teve sua curiosidade instigada, fazendo com que seu interesse fosse alinhado para a vivência, gerando motivação para a participação e, conseqüentemente, o aprendizado se deu de forma natural, atendendo o processo educacional. Na verdade pelo documento disponível no portal do professor, verificamos que a média dos resultados escolares é de 8,7% (numa escala de 1/10).

Constatamos que várias questões defendidas pelos autores na revisão bibliográfica foram apontadas pelos alunos, como: socialização do professor com a turma, prática vivencial como isca para a atração do interesse do aluno, a novidade como atrativo.

A questão de número 7: *Disserte sobre a técnica de ensino utilizada pelo professor na disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas. Como você acha que a forma de lecionar contribuiu, ou não, para o seu aprendizado?* Dá-nos a conhecer a opinião dos alunos sobre a prática pedagógica do docente. Assim, verificamos que para 19% dos alunos, o que mais os marcou foi à união de teoria e prática. Em três tópicos, verificou se a ocorrência de notas em torno de 14%: em uma delas os alunos afirmaram que contribuiu significativamente para o ensino, visto que gerou maior interesse da turma, por ser mais agradável; no segundo, o interesse surgiu em aprender e aplicar na vida profissional e pessoal, por causa da criatividade; e no terceiro tópico, os alunos afirmaram que a forma de lecionar, o método diferente, os levou a aprender o conteúdo. Os demais tópicos ajudam a corroborar que a técnica foi criativa e fundamental, o interesse surgiu pelo professor estar preparado e que a estratégia foi um grande facilitador para o aprendizado.

Nenhum dos alunos respondeu que a técnica não contribuiu para o aprendizado.

As respostas a esta questão e a correspondente análise também nos permitiram **comprovar** a **H.3**. A Técnica de ensino utilizada pelo professor contribuiu para o aprendizado dos alunos.

A experiência de docente e os resultados desta investigação permitiu concordar com Garrido (2002,) que vê o papel do professor como o de mediador, o que lhe confere um grande domínio de conteúdo, pois ele tem de estar disposto e preparado para estar relacionando a fala do aluno com o tema abordado, e diz que:

[...] aproxima, cria pontes, coloca andaimes, estabelece analogias, semelhanças ou diferença entre cultura “espontânea e informal do aluno”, de um lado, e as teorias e as linguagens formalizadas da cultura elaborada, de outro favorecendo o processo interior de ressignificação e retificação conceitual (p.46).

Em relação à pergunta partida desta dissertação ou pergunta problema: *Como o professor do ensino superior pode atrair o interesse e gerar motivação no aluno da Geração Y, para a aprendizagem?* Evidenciou se que o planejamento do professor, criando estratégias e técnicas de ensino criativas, participativas, correlacionadas com a realidade dos alunos, movimentadas, práticas, faz com que a atenção e interesse do aluno sejam atraídos com maior facilidade, despertando a curiosidade, trazendo o envolvimento e conseqüentemente gerando motivação para o aprendizado.

Quanto aos objetivos:

O objetivo geral. Demonstrar que o educador, através de táticas vivenciais, com links da realidade é capaz de atrair a atenção do aluno e interesse para o aprendizado. **Foi atingido.** Faz se perceptível também, com base na revisão bibliográfica e nos relatos dos alunos da *sala 40*, que a proximidade do professor com os alunos, a socialização do mesmo com a sala, colabora com o envolvimento destes dentro de sala de aula, com a disciplina e com o aprendizado.

Este estudo possibilitou uma maior visão e entendimento frente à Geração Y, assim como todas as gerações, permitindo ao profissional da educação: professor, educador, diretor, coordenador, seja qual for a nomenclatura do cargo, entender que para ter sucesso no processo de aprendizagem desta geração é fundamental a participação do aluno como protagonista e não mais como coadjuvante do ensino. Ele tem a necessidade de participar, estar à frente, compreender a todo o momento como

aquela atividade, aquela vivência ou aquele conteúdo tem relação com a sua realidade e como ele irá agregar para a sua vida. As entrevistas aos alunos permitiram conhecer a opinião dos alunos face à dinâmica vivencial na sala de aula 40 com o projeto *No Ritmo do Sucesso*. Quanto aos nossos objetivos específicos 1. Realizar revisão bibliográfica dentre os assuntos que englobam o tema, como: aprendizagem, motivação, Gerações; 2. Realizar uma pesquisa documental, a fim de levantar dados dos resultados de cada turma do estudo, para corroborar tais resultados com a hipótese proposta. 3. Levantar a opinião de alunos envolvidos no estudo e que fizeram a dinâmica vivencial *No Ritmo do Sucesso* - **foram atingidos.**

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES

Qualquer investigador deseja que os seus trabalhos sirvam para alguma coisa.
Quivy e Campenhoud (2008, p. 2004).

1. Considerações finais

A relevância científica, profissional e social do estudo é poder refletir cientificamente sobre a situação vivida, trabalhando os registos efetuados (evidências), em processo devidamente alicerçado num quadro teórico sólido e abrangente, de forma a comprovar ou infirmar se *As atividades vivenciais práticas são ferramentas de atração do interesse e geração de motivação para o aluno do ensino superior*, nomeadamente comparando tal experiência com resultados de investigações congêneres, usando diferentes metodologias ativas. Assim, pretende-se contribuir para a melhoria da aprendizagem no Ensino Superior, acrescentando e trazendo uma educação nobre e competente para o meio em questão.

A fim de comprovar a teoria que propõe, em seu Objetivo Geral - o educador, através de táticas vivenciais, com links da realidade é capaz de atrair o interesse, gerar motivação no aluno e, conseqüentemente, alcançar a meta principal, o aprendizado do estudante - fez se necessário o levantamento minucioso de dados e informações. Para garantir o resultado da dissertação e proporcionar para a sociedade uma resposta assertiva, propõe se a aplicação de uma pesquisa qualitativa, em parte dos alunos da classe que havia recebido as estratégias de ensinios diferenciadas, buscando encontrar em seus relatos, comprovações de que o educador e sua estratégia foram fundamentais para o resultado desta turma.

Ao analisar se as Gerações (Baby Boomers, X, Y e Z) pode se perceber que a postura e conduta de uma, era reflexo da educação de outra, seguindo uma linha cronológica bem interessante. A linha de pensamento dos autores Silva (2014), Lipkin e Perrymore (2010), Barbosa (2005) e Neto e Franco (2010) convergiam no mesmo rumo, onde a Geração Baby Boomers, tomada por um mercado fechado, oportunidades de formação acadêmica limitada e economia instável, vivia dias regrados, onde todo esforço era pouco para conquistar o básico para sua segurança e sobrevivência. A Geração X, filha da geração citada anteriormente, foi educada neste cenário e teve como

exemplo seus pais, muitos esforçados, para conseguir o básico, logo pensaram que deveriam estudar muito, para ter um futuro diferente e melhor que o dos pais. Portanto, se prepararam arduamente e ao chegar ao mercado de trabalho estavam prontos para a batalha e com uma expectativa de retorno parecida com as de seus pais. Porém eles se depararam com uma economia mais aberta e um mercado mais receptivo, sendo assim entrou e dominou o mercado, obtendo grande retorno, muitas vezes de forma rápida. O desafio agora era descobrir como atrair a atenção e conseqüentemente levar o aluno da Geração Y ao aprendizado.

Portanto, para responder a pergunta problema desta dissertação - *Como o professor do ensino superior pode atrair o interesse e gerar motivação no aluno da Geração Y, para a aprendizagem?*- foi realizado, seguindo a linha de pensamento de Gil (2010), Marconi e Lakatos (2011) e Vergara (2011), uma metodologia rica, que abrangeu uma pesquisa bibliográfica, onde, dentro dos objetivos específicos, propõe se o estudo das gerações, não apenas da Geração Y; estudo sobre atenção e aprendizagem; estudo sobre motivação; e estudo sobre a acessibilidade nas universidades brasileiras. Além da pesquisa bibliográfica, propõe se também um estudo de caso, dentro de uma instituição de ensino superior, que apoiou o projeto e permitiu que duas classes distintas de alunos, com grandes semelhanças, sofressem uma intervenção, permitindo um comparativo entre uma turma com estratégias tradicionais de ensino e outra com aplicação de atividades vivenciais, correlacionadas à realidade dos estudantes. Este estudo de caso resultou em dados ricos, que foram coletados através de uma pesquisa documental, autorizada pelos alunos e pela faculdade. Assim, em resposta pode se dizer que este estudo ressalta que o planejamento do professor, criando estratégias e técnicas de ensino criativas, participativas, correlacionadas com a realidade dos alunos, movimentadas, práticas, faz com que a atenção e interesse do aluno sejam atraídos com maior facilidade, despertando a curiosidade, trazendo o envolvimento e conseqüentemente gerando motivação para o aprendizado.

No que concerne às hipóteses de investigação, pela análise dos dados obtidos, verificamos que três hipóteses **foram confirmadas. A primeira, H.1.** O professor do ensino superior pode atrair o interesse e gerar motivação no aluno da Geração Y - pelas respostas à 4ª **questão:** *Qual é a sua visão da Disciplina Formação e Desenvolvimento*

de Equipes de Vendas, do ponto de vista da mesma ter sido realizada com base na vivência com a Bateria de Escola de Samba? As respostas obtidas permitiram verificar que uma atitude diferente do Professor da Disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas permitiu desenvolver aspectos importantes no processo de ensino/aprendizagem como: socialização do professor com a turma, prática vivencial como isca para a atração do interesse do aluno, a novidade como atrativo. **A segunda H.2.** *A motivação dos alunos contribui para o sucesso educativo. Analisando as respostas à questão número 6: Como você acha que a vivência Bateria de escola de samba influenciou sua postura e conduta frente à disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas?* Verificou-se que os alunos consideraram importante a dinâmica imprimida nas aulas, tendo sido a sua influência positiva, com o desenvolvimento de várias competências. **A terceira H.3.** *A Técnica de ensino utilizada pelo professor contribuiu para o aprendizado dos alunos.* As respostas dadas à questão 7: *Disserte sobre a técnica de ensino utilizada pelo professor na disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas. Como você acha que a forma de lecionar contribuiu, ou não, para o seu aprendizado?* Dão a conhecer a opinião dos alunos sobre a prática pedagógica do docente. Nenhum dos alunos respondeu que a técnica não contribuiu para o aprendizado. Assim, verificou-se que 100% dos alunos considera que uma atitude diferenciada das práticas dos professores contribuiu de forma positiva para o sucesso educativo. De entre as várias respostas, a que obteve a percentagem mais elevada foi **a união de teoria e prática**. Os alunos afirmaram que a forma de lecionar, o método diferente utilizado, os levou a aprender o conteúdo com mais facilidade. Assim **a H.3.** *A motivação dos alunos contribui para a assiduidade dos alunos, foi confirmada.*

Mostrou-se, com base na revisão bibliográfica e nos relatos dos alunos da sala 40, que o educador, através de táticas vivenciais, com *links* da realidade é capaz de atrair a atenção do aluno e interesse para o aprendizado, a proximidade do professor com os alunos, a socialização do mesmo com a sala são muitos importantes. Os resultados deste estudo vão de encontro aos realizados por outros estudiosos. Os estudos com Masetto (1997) que defendia que a vivência em sala de aula, com um paralelo ou espelho com a realidade era ferramenta fundamental para o processo de aprendizagem; Neto (2003) que afirmava que o interesse do aluno no aprendizado estava diretamente

ligado à forma como o professor leciona a disciplina em sala de aula; Barbosa (2005) a motivação é intrínseca e quando estimulado leva o indivíduo ao caminho do aprendizado, pode se verificar que o papel do educador ou do professor é fundamental.

Frente ao exposto pode se corroborar com a ideia principal do autor desta dissertação que o processo de aprendizagem está diretamente ligado às estratégias, técnicas e ferramentas de ensino utilizadas dentro de sala de aula e que para atingir o aluno da Geração Y, era preciso mais do que giz e lousa (Libâneo, 1985). Após a realização do estudo de caso, de acordo com Gil (2010) a pesquisa documental apresentaria os resultados iniciais para comprovar a hipótese desta dissertação e responder à sua pergunta problema. Foi exatamente isto que aconteceu, onde a turma que recebeu as estratégias de ensino, baseadas e pautadas em vivências e atividade práticas, *linkadas* com a realidade dos alunos, obteve média de notas mais de 10% superior que a outra turma, além de não ter tido desistência de nenhum aluno e nenhuma reprovação por falta de aprendizado.

Na mesma linha, Ramalho (2009) diz que atenção, aprendizado e motivação andam juntas, portanto mais um ponto identificado na Pesquisa Qualitativa, uma vez que os alunos dissertaram e afirmaram que o interesse deles surgiu da forma como o professor direcionou o estudo e as vivências, gerando interesse e motivação nos mesmos, onde os fez ter atenção e possuir um processo de aprendizagem mais eficaz.

Outra confirmação possível foi o cruzamento das respostas desta pesquisa com o pensamento de Guimarães (2001). A socialização do professor com os alunos, a participação e a pouca distância percebida entre eles foi notória, portanto acrescentando para a geração de interesse do aluno e geração de motivação para o aprendizado. Por fim, pode se identificar, frente a todo o estudo que a motivação é manter o profissional desafiado em seu potencial. Caso o professor seja capaz de criar estratégias, ações e técnicas de ensino que atinjam tal objetivo, o mesmo terá grandes chances de êxito.

Esta dissertação comprovou, frente ao grupo explorado, que o professor pode atrair o interesse e gerar motivação no aluno da Geração Y para a aprendizagem, respondendo a pergunta problema proposta. Para isto basta ele conhecer o aluno, sua

turma, ter proximidade com a mesma, utilizar de práticas vivenciais coerentes com a disciplina e principalmente com a realidade usual e cotidiana dos estudantes. Feito estas questões, a linha do processo de aprendizagem é simples: planejamento das estratégias e técnicas de ensino do professor, com base na disciplina, no conteúdo e na realidade de vida dos alunos; constante acompanhamento e presença do professor nas atividades vivenciais, realizando correlatos da vivência com a disciplina e permitindo o aluno a fazer um link com a sua vida pessoal, profissional, estudantil, etc.; o aluno se sentindo envolvido pelo assunto, desperta o interesse e traz aquele assunto para a sua relevância cerebral (Barry, 1999), onde coloca aquele conteúdo como relevante para sua vida, triando a sua atenção seletiva para tudo que possa agregar ao estudo; uma vez interessado, a motivação nasce dentro do estudante; motivado, interessado e socializado, o aluno busca de forma natural o aprendizado.

Conclui se, portanto, que *Os desafios em lecionar para a Geração Y* estão na forma como o educador irá instigar seus alunos, envolver seus alunos, socializar com os mesmos e todas estas questões serão feitas através das práticas vivencias, das atividades vivencias, dos experimentos da realidade, com conexão entre disciplina, vivência e vida de cada um dos estudantes.

Assim, se faz possível afirmar que o objetivo geral **foi atingido**. Quanto aos objetivos específicos 1. Realizar revisão bibliográfica dentre os assuntos que englobam o tema, como: aprendizagem, motivação, Gerações; 2. Realizar uma pesquisa documental, a fim de levantar dados dos resultados de cada turma do estudo de caso, para corroborar tais resultados com a hipótese proposta. 3. Levantar a opinião de alunos envolvidos no estudo de caso e que fizeram a dinâmica vivencial *No Ritmo do Sucesso*. - **também foram atingidos**.

2. Sugestões e futuras linhas de investigação

Tendo-se presente que qualquer elemento da comunidade escolar é um agente de mudança julga-se pertinente com a presente investigação criar uma oportunidade de reflexão, análise, debate e, quem sabe, de mudança, face à mudança de atitude no que concerne às metodologias utilizadas. É preciso compreender que um professor desmotivado e indiferente influencia, por indução, os próprios alunos e, por contágio,

toda a estrutura educativa. Mas pelo contrário, um professor motivado pode ser “um motor” para a motivação do aluno para a aprendizagem.

Ao nível das sugestões:

1. Criar na Universidade um gabinete para trabalhar com os alunos do curso as técnicas de coaching (considerando a sua importância na motivação dos alunos);
2. Alargar esta experiência a turmas de outros cursos;
3. Aplicar a metodologia proposta em grupos maiores, garantindo o isolamento das variáveis propostas;
4. Aplicar a metodologia proposta em grupos semelhantes, porém com atividades práticas diferentes da apresentada do estudo de caso.

Para terminar, salienta-se que, apesar das dificuldades sentidas na realização desta investigação, valeu a pena o esforço. Sinto-me mais conhecedor desta problemática e com mais vontade de corresponder aos anseios dos alunos. Pois, no dizer de Cora Coralina (s.d).

“Não podemos acrescentar dias à nossa vida, mas podemos acrescentar vida aos nossos dias”.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, D. M. S.(2012). *A motivação do aluno no ensino superior: um estudo exploratório*. Londrina.
- Alves, M.P. (2012). *Metodologia Científica*. Lisboa: Escolar Editora.
- Andrews, D. (2001). *Neuropsychology: from theory to practice*. East Sussex: Psychology Press.
- Barañano, A. (2008). *Métodos e Técnicas de Investigação em Gestão*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Barbosa, D. F. (2005). *Motivação no trabalho*. In *Revista de Ciências Empresariais*, v. 2, n.1, p. 20-25, jan./jun.
- Barry, L. B. (1999). *Mind Myths: Exploring Popular Assumptions About the Mind and Brain*.
- Bolão, O. (2003). *Batuque é um privilégio: a percussão na música do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar.
- Boujon, C. & Quaireau, C. (1999). *Atención, aprendizaje y redimineto escolar. Aportaciones de la psicología cognitiva y experimental*. Madrid: Narcea Ediciones.
- Bzuneck, J. A. (2001). O esforço nas aprendizagens escolares: mais que um problema motivacional do aluno. In *Revista Educação e Ensino – USF*, n.6, p.7-18.
- Carvalho, J. (2009). *Metodologia do Trabalho Científico*. Lisboa, Escolar Editora.
- Codo, W.; Gazzotti, A. (1999). *Trabalho e afetividade*. Petrópolis: Vozes.
- Codo, W. (1999). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes.
- Conger, J. (1998). *Quem é a Geração X?* HSM Manegement, n.11. p. 128-138.
- Darling-Hammond, L. (2008). Recognizing and Enhancing Teacher Effectiveness: A Policymaker’s Guide. In Council of Chief State School Officers. *Strengthening teacher quality in high-need schools- policy and practice*. Washington, DC.
- De-Nardin, M. H.; Sordi, R. O. (2007). *Um estudo sobre as formas de atenção na sala de aula e suas implicações para a aprendizagem*. *Psicologia & Sociedade*. 19 (1): 99-106.
- Deaño, M. & Rodríguez-Moscoso, Y. M. (2002). *Fundamentación Teórica del Programa y Enriquecimiento PASS-Matemático (PREP-M)*. Educación, Desarrollo y Diversidad.
- Duarte, J.; Barros, A. (Org.). (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas.

- Estévez-González, A., Garcia-Sánchez, C. & Junqué, C. (1997). *La atención: una compleja función cerebral*. Neurologia.
- García-Sevilla, J. (1997). *Psicología de la atención*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Garrido, E. (2002). *Sala de aula: Espaço de construção do conhecimento para o aluno e de pesquisa e desenvolvimento profissional para o professor*. In: CASTRO, Amélia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de .(org.). *Ensinar a ensinar: Didática para a escola fundamental e média*. São Paulo: Pioneira, Thomson Learning.
- Gil, M. S. C. A. (1995). *Revelando a competência escondida: a análise psicológica da atividade de sala de aula*. Temas psicol., v. 3, n.1, Ribeirão Preto.
- Gil, A. (1994). *Metodologia do Ensino Superior*. São Paulo: Atlas.
- Gil, A.C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- González, S. & García-Señorán, M. (2004). *Aproximación a um modelo motivacional-metacognitivo de aprendizaje*. Comunicação apresentada no IV Congresso Internacional de Psicología y Educación. Organizado pela Associação de Psicología, Educação e Psicopedagogia e pelo Departamento de Psicología Evolutiva e da Educação. Almería.
- Gramigna, M. R. M. (1993). *Jogos de Empresa*. São Paulo. Makron Books.
- Guimarães, S. E. R. (2001). *A organização da escola e da sala de aula como determinante da motivação intrínseca e da meta de aprender*. In: Boruchovitch, E.; Buneck, J.A. (orgs.) *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Kanaame, R. (1999). *Comportamento Humano nas Organizações: O Homem Rumo ao Século XXI*. 2ª ed. São Paulo: ATLAS, 36, 55.
- Levitt, T. & Johnstone, B. (2001). *The Assesment and Rehabilitation of Attentio Disorders*. In B. Johnstone e M. Stonnington (Eds.), *Rehabilitation of Neuropsychology Disorders: a practial guide for rehabilitation professionals*. Philadelphia: Psychology Press.
- Libâneo, J. C. (1999). *Adeus Professor; Adeus Professora? Novas exigências educacionais e a Profissão Docente*. São Paulo: Cortez.
- _____. (1985). *Democratização da escola pública: A pedagogia crítico social dos conteúdos*. São Paulo: Loyola.
- Lipkin, N.; Perrymore, A. (2010). *A Geração Y no trabalho*. Como lidar com a força de trabalho que influenciará definitivamente a cultura da sua empresa. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Marconi, M. de A. & Lakatos, E. M. (2011). *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas.
- Masetto, M.T. (1997). *Didática: A aula como centro*. São Paulo: FTD, 1997.

- _____. (2003). *Competência Pedagógica do Professor Universitário*. São Paulo: Summus.
- Meirinhos, M & Osório, A. (2010). *O estudo de caso como estratégia de investigação em educação*. EDUSER: Revista da Educação, vol (2), pp.52,62.
- Neto, C. (2003). *Introdução: Jogo e desenvolvimento da criança*, In C. Neto (Ed.), *Jogo & Desenvolvimento*. Cruz Quebrada: Edições FMH.
- Neto, E.dos S.; Franco, E. S. (2010). *Os professores e os desafios diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro*. São Paulo: Revista de Educação do COGEIME – Ano 19, n.36.
- Oliveira, S. (2010). *Geração Y: o nascimento de uma nova versão de líderes*. São Paulo: Integrare Editora.
- Oliveira, S. (2009). *Geração Y: Era das Conexões, tempo de Relacionamentos*. São Paulo: Clube de Autores.
- Paro, V. H. (2000). *Qualidade de ensino: a contribuição dos pais*. São Paulo: Xamã.
- Perrenoud, P. (2000). *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed.
- Piletti, N. (1997). *Psicologia educacional*. São Paulo: Editora Ática.
- Poletti, A. (2002). *O professor e a gestão do conhecimento*. São Paulo: Profissão mestre.
- Pozo, J. I. (2002). *Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.
- Quivy, R., & Capenhoudt, L.V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 5ª ed. Marques, J. et al. Tradutores. Lisboa, Gradiva
- Ramalho, J. (2009). *Psicologia e Psicopatia da Atenção*. Braga: APPACDM.
- Ruiz, V. M. (2004). *Estratégias Motivacionais: Estudo exploratório com universitários de um curso noturno de administração*. v. 08.
- Salova, M., Hontagas, P, e Pieró, J. (1996). *Motivation Laboral (Vol. 2)*. Madrid: Síntesis.
- Santos, V.V. S. (2012). *Geração Y – Nova Liderança nas Organizações*. In *VIII Congresso Nacional de Excelência em Gestão*, 08, 09 de junho.
- Santos, L.G. dos. (2003). *Politizar as notas tecnologias: O impacto sócio técnico da informação digital e genética*. São Paulo: Ed. 34.
- Schaps, E. & Battistich, V. (1996). *Promoting Health through school-based prevention: new approaches*. Califórnia: OSAP Prevention Monograph.

Silva, D. M. I. (2014). *A Geração Y e a Qualidade de Vida no Trabalho*. Rio de Janeiro: Publit.

Soler, C. & García-Sevilla, J. (1997). *Problemas de Atención en el niño*. Madrid: Ediciones Piramide.

Vergara, S. C.. (2011). *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. São Paulo: Atlas.

Witter, P., Lomônaco, J. (1984). *Psicologia da Aprendizagem*. São Paulo: EPU.

Webgrafia

Allegri, R.F. (2000). Atención y Negligencia: bases neurológicas, evaluación y transtornos. In *RevNeural*. Disponível em <https://docs.google.com/file/d/0B84u8Lj9ZgcINDUwMWZINGEtZWU1My00NGQwLTg2MTEtNDcxODU0ZTlkMmE5/edit>. [Acessado em 18 de setembro 2004].

Ayres, M. (2014). *Kroton e Anhanguera: os números da maior empresa de educação*. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/kroton-e-anhanguera-os-numeros-da-maior-empresa-de-educacao?page=2>. [Acessado em 23 de julho de 2014].

Brasil. (2015). *Fies*. Disponível em: <http://sisfiesportal.mec.gov.br/fies.html>. [Acessado em 10/02/2015].

Brasil. (2015). *Prouni*. Disponível em: <http://prouniportal.mec.gov.br/o-programa> [Acessado em 10/02/2015].

Faculdade Pitágoras. (2014). *Institucional*. Disponível em: <http://www.faculdadepitagoras.com.br/Paginas/Faculdade/Institucional.aspx>. [Acessado em 28 de julho de 2014].

Helice, A. (2011). *Pesquisa mostra perfil dos universitários brasileiros*. Disponível em: <http://noticias.universia.com.br/vida-universitaria/noticia/2011/09/20/869334/pesquisa-mostra-perfil-dos-universitarios-brasileiros.html>. [Acessado em 28 de julho de 2014].

Kroton Educacional. (2014). *Quem somos*. Disponível em: <http://www.kroton.com.br>. [Acessado em 23 de julho de 2014].

Revista Ensino Superior (2014). *Perfil Universitário Brasileiro*. Disponível em: <http://www.universitario.com.br/noticias/n.php?i=4947>. [Acessado em 28 de julho de 2014].

Richartz, B. (2010). *O uso de jogos e metodologias vivenciais para despertar a cultura empreendedora e a gestão participativa*. Disponível em: http://inventta.net/wp-content/uploads/2010/07/O_USO_DE_JOGOS_E_METODOLOGIAS_VIVENCIAIS_Bianca_Richartz.pdf. [Acessado em 24 de julho 2014].

Tancredi, L. (2014). *Mulheres são maioria entre os universitários, revela o Censo*. Disponível em: [http:// portal.mec.gov.br/index.php?option =com_content&view=](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=)

article&id=16227:mulheres-sao-maioria-entre-os-universitarios-revela-o-censo&catid=212&Itemid=86. [Acessado em 28 de julho de 2014].

Targino, R. (2014). *Universitário "padrão" é mulher e estuda à noite, mostra Censo; UOL acompanha dia de aluna.* Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/05/27/universitario-padrao-e-mulher-e-estuda-a-noite-mostra-censo-uol-acompanha-dia-de-aluna.htm>. [Acessado em 28 de julho de 2014].

ANEXOS

Anexo I - Lei nº 11.096 de 13 de janeiro de 2005

Anexo II - Lei nº 10.260 de 12 de julho de 2001

Anexo III - Guião de entrevista ao aluno

Anexo IV - Requerimento ao Diretor e Autorização do mesmo

Anexo V - Declaração de Consentimento

Anexo VI - Tabela de Pesquisa Documental (Sala 27)

Anexo VII - Tabela de Pesquisa Documental (Sala 40)

Anexo VIII – Tabela de Pesquisa Qualitativa

Anexo I- Lei nº 11.096 de 13 de Janeiro de 2005

**Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

LEI Nº 11.096, DE 13 DE JANEIRO DE 2005.

Mensagem de veto

Institui o Programa Universidade para Todos - PROUNI, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior; altera a Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências.

Regulamento

Conversão da MPv nº 213, de 2004

Vide Lei nº 12.868, de 2013

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído, sob a gestão do Ministério da Educação, o Programa Universidade para Todos - PROUNI, destinado à concessão de bolsas de estudo integrais e bolsas de estudo parciais de 50% (cinquenta por cento) ou de 25% (vinte e cinco por cento) para estudantes de cursos de graduação e seqüenciais de formação específica, em instituições privadas de ensino superior, com ou sem fins lucrativos.

§ 1º A bolsa de estudo integral será concedida a brasileiros não portadores de diploma de curso superior, cuja renda familiar mensal per capita não exceda o valor de até 1 (um) salário-mínimo e 1/2 (meio).

§ 2º As bolsas de estudo parciais de 50% (cinquenta por cento) ou de 25% (vinte e cinco por cento), cujos critérios de distribuição serão definidos em regulamento pelo Ministério da Educação, serão concedidas a brasileiros não portadores de diploma de curso superior, cuja renda familiar mensal per capita não exceda o valor de até 3 (três) salários-mínimos, mediante critérios definidos pelo Ministério da Educação.

§ 3º Para os efeitos desta Lei, bolsa de estudo refere-se às semestralidades ou anuidades escolares fixadas com base na Lei nº 9.870, de 23 de novembro de 1999.

§ 4º Para os efeitos desta Lei, as bolsas de estudo parciais de 50% (cinquenta por cento) ou de 25% (vinte e cinco por cento) deverão ser concedidas, considerando-se todos os descontos regulares e de caráter coletivo oferecidos pela instituição, inclusive aqueles dados em virtude do pagamento pontual das mensalidades.

Art. 2º A bolsa será destinada:

I - a estudante que tenha cursado o ensino médio completo em escola da rede pública ou em instituições privadas na condição de bolsista integral;

II - a estudante portador de deficiência, nos termos da lei;

III - a professor da rede pública de ensino, para os cursos de licenciatura, normal superior e pedagogia, destinados à formação do magistério da educação básica, independentemente da renda a que se referem os §§ 1º e 2º do art. 1º desta Lei.

Parágrafo único. A manutenção da bolsa pelo beneficiário, observado o prazo máximo para a conclusão do curso de graduação ou sequencial de formação específica, dependerá do cumprimento de requisitos de desempenho acadêmico, estabelecidos em normas expedidas pelo Ministério da Educação.

Art. 3º O estudante a ser beneficiado pelo Prouni será pré-selecionado pelos resultados e pelo perfil socioeconômico do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM ou outros critérios a serem definidos pelo Ministério da Educação, e, na etapa final, selecionado pela instituição de ensino superior, segundo seus próprios critérios, à qual competirá, também, aferir as informações prestadas pelo candidato.

Parágrafo único. O beneficiário do Prouni responde legalmente pela veracidade e autenticidade das informações socioeconômicas por ele prestadas.

Art. 4º Todos os alunos da instituição, inclusive os beneficiários do Prouni, estarão igualmente regidos pelas mesmas normas e regulamentos internos da instituição.

Art. 5º A instituição privada de ensino superior, com fins lucrativos ou sem fins lucrativos não beneficente, poderá aderir ao Prouni mediante assinatura de termo de adesão, cumprindo-lhe oferecer, no mínimo, 1 (uma) bolsa integral para o equivalente a 10,7 (dez inteiros e sete décimos) estudantes regularmente pagantes e devidamente matriculados ao final do correspondente período letivo anterior, conforme regulamento a ser estabelecido pelo Ministério da Educação, excluído o número correspondente a bolsas integrais concedidas pelo Prouni ou pela própria instituição, em cursos efetivamente nela instalados.

§ 1º O termo de adesão terá prazo de vigência de 10 (dez) anos, contado da data de sua assinatura, renovável por iguais períodos e observado o disposto nesta Lei.

§ 2º O termo de adesão poderá prever a permuta de bolsas entre cursos e turnos, restrita a 1/5 (um quinto) das bolsas oferecidas para cada curso e cada turno.

§ 3º A denúncia do termo de adesão, por iniciativa da instituição privada, não implicará ônus para o Poder Público nem prejuízo para o estudante beneficiado pelo Prouni, que gozará do benefício concedido até a conclusão do curso, respeitadas as normas internas da instituição, inclusive disciplinares, e observado o disposto no art. 4º desta Lei.

§ 4º A instituição privada de ensino superior com fins lucrativos ou sem fins lucrativos não beneficente poderá, alternativamente, em substituição ao requisito previsto no caput deste artigo, oferecer 1 (uma) bolsa integral para cada 22 (vinte e dois) estudantes regularmente pagantes e devidamente matriculados em cursos efetivamente nela instalados, conforme regulamento a ser estabelecido pelo Ministério da Educação, desde que ofereça, adicionalmente, quantidade de bolsas parciais de 50% (cinquenta por cento) ou de 25% (vinte e cinco por cento) na proporção necessária para que a soma dos benefícios concedidos na forma desta Lei atinja o equivalente a 8,5% (oito inteiros e cinco décimos por cento) da receita anual dos períodos letivos que já têm bolsistas do Prouni, efetivamente recebida nos termos da Lei nº 9.870, de 23 de novembro de 1999, em cursos de graduação ou sequencial de formação específica.

§ 5º Para o ano de 2005, a instituição privada de ensino superior, com fins lucrativos ou sem fins lucrativos não beneficente, poderá:

I - aderir ao Prouni mediante assinatura de termo de adesão, cumprindo-lhe oferecer, no mínimo, 1 (uma) bolsa integral para cada 9 (nove) estudantes regularmente pagantes e devidamente matriculados ao final do correspondente período letivo anterior, conforme regulamento a ser estabelecido pelo Ministério da Educação, excluído o número correspondente a bolsas integrais concedidas pelo Prouni ou pela própria instituição, em cursos efetivamente nela instalados;

II - alternativamente, em substituição ao requisito previsto no inciso I deste parágrafo, oferecer 1 (uma) bolsa integral para cada 19 (dezenove) estudantes regularmente pagantes e devidamente matriculados em cursos efetivamente nela instalados, conforme regulamento a ser estabelecido pelo Ministério da Educação, desde que ofereça, adicionalmente, quantidade de bolsas parciais de 50% (cinquenta por cento) ou de 25% (vinte e cinco por cento) na proporção necessária para que a soma dos benefícios concedidos na forma desta Lei atinja o equivalente a 10% (dez por cento) da receita anual dos períodos letivos que já têm bolsistas do Prouni, efetivamente recebida nos termos da Lei nº 9.870, de 23 de novembro de 1999, em cursos de graduação ou seqüencial de formação específica.

§ 6º Aplica-se o disposto no § 5º deste artigo às turmas iniciais de cada curso e turno efetivamente instaladas a partir do 1º (primeiro) processo seletivo posterior à publicação desta Lei, até atingir as proporções estabelecidas para o conjunto dos estudantes de cursos de graduação e seqüencial de formação específica da instituição, e o disposto no caput e no § 4º deste artigo às turmas iniciais de cada curso e turno efetivamente instaladas a partir do exercício de 2006, até atingir as proporções estabelecidas para o conjunto dos estudantes de cursos de graduação e seqüencial de formação específica da instituição.

Art. 6º Assim que atingida a proporção estabelecida no § 6º do art. 5º desta Lei, para o conjunto dos estudantes de cursos de graduação e seqüencial de formação específica da instituição, sempre que a evasão dos estudantes beneficiados apresentar discrepância em relação à evasão dos demais estudantes matriculados, a instituição, a cada processo seletivo, oferecerá bolsas de estudo na proporção necessária para estabelecer aquela proporção.

Art. 7º As obrigações a serem cumpridas pela instituição de ensino superior serão previstas no termo de adesão ao Prouni, no qual deverão constar as seguintes cláusulas necessárias:

I - proporção de bolsas de estudo oferecidas por curso, turno e unidade, respeitados os parâmetros estabelecidos no art. 5º desta Lei;

II - percentual de bolsas de estudo destinado à implementação de políticas afirmativas de acesso ao ensino superior de portadores de deficiência ou de autodeclarados indígenas e negros.

§ 1º O percentual de que trata o inciso II do caput deste artigo deverá ser, no mínimo, igual ao percentual de cidadãos autodeclarados indígenas, pardos ou pretos, na respectiva unidade da Federação, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

§ 2º No caso de não-preenchimento das vagas segundo os critérios do § 1º deste artigo, as vagas remanescentes deverão ser preenchidas por estudantes que se enquadrem em um dos critérios dos arts. 1º e 2º desta Lei.

§ 3º As instituições de ensino superior que não gozam de autonomia ficam autorizadas a ampliar, a partir da assinatura do termo de adesão, o número de vagas em seus cursos, no limite da proporção de bolsas integrais oferecidas por curso e turno, na forma do regulamento.

~~§ 4º O Ministério da Educação desvinculará do Prouni o curso considerado insuficiente, sem prejuízo do estudante já matriculado, segundo os critérios de desempenho do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES, por 3 (três) avaliações consecutivas, situação em que as bolsas de estudo do curso desvinculado, nos processos seletivos seguintes, deverão ser redistribuídas proporcionalmente pelos demais cursos da instituição, respeitado o disposto no art. 5º desta Lei.~~

§ 4º O Ministério da Educação desvinculará do Prouni o curso considerado insuficiente, sem prejuízo do estudante já matriculado, segundo critérios de desempenho do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES, por duas avaliações consecutivas, situação em que as bolsas de estudo do curso desvinculado, nos processos seletivos seguintes, deverão ser redistribuídas proporcionalmente pelos demais cursos da instituição, respeitado o disposto no art. 5º desta Lei. (Redação dada pela Lei nº 11.509, de 2007)

§ 5º Será facultada, tendo prioridade os bolsistas do Prouni, a estudantes dos cursos referidos no § 4º deste artigo a transferência para curso idêntico ou equivalente, oferecido por outra instituição participante do Programa.

Art. 8º A instituição que aderir ao Prouni ficará isenta dos seguintes impostos e contribuições no período de vigência do termo de adesão: (Vide Lei nº 11.128, de 2005)

I - Imposto de Renda das Pessoas Jurídicas;

II - Contribuição Social sobre o Lucro Líquido, instituída pela Lei nº 7.689, de 15 de dezembro de 1988;

III - Contribuição Social para Financiamento da Seguridade Social, instituída pela Lei Complementar nº 70, de 30 de dezembro de 1991; e

IV - Contribuição para o Programa de Integração Social, instituída pela Lei Complementar nº 7, de 7 de setembro de 1970.

§ 1º A isenção de que trata o caput deste artigo recairá sobre o lucro nas hipóteses dos incisos I e II do caput deste artigo, e sobre a receita auferida, nas hipóteses dos incisos III e IV do caput deste artigo, decorrentes da realização de atividades de ensino superior, proveniente de cursos de graduação ou cursos seqüenciais de formação específica.

§ 2º A Secretaria da Receita Federal do Ministério da Fazenda disciplinará o disposto neste artigo no prazo de 30 (trinta) dias.

§ 3º A isenção de que trata este artigo será calculada na proporção da ocupação efetiva das bolsas devidas. (Incluído pela Lei nº 12.431, de 2011).

Art. 9º O descumprimento das obrigações assumidas no termo de adesão sujeita a instituição às seguintes penalidades:

I - restabelecimento do número de bolsas a serem oferecidas gratuitamente, que será determinado, a cada processo seletivo, sempre que a instituição descumprir o percentual estabelecido no art. 5º desta Lei e que deverá ser suficiente para manter o percentual nele estabelecido, com acréscimo de 1/5 (um quinto);

II - desvinculação do Prouni, determinada em caso de reincidência, na hipótese de falta grave, conforme dispuser o regulamento, sem prejuízo para os estudantes beneficiados e sem ônus para o Poder Público.

§ 1º As penas previstas no caput deste artigo serão aplicadas pelo Ministério da Educação, nos termos do disposto em regulamento, após a instauração de procedimento administrativo, assegurado o contraditório e direito de defesa.

§ 2º Na hipótese do inciso II do caput deste artigo, a suspensão da isenção dos impostos e contribuições de que trata o art. 8º desta Lei terá como termo inicial a data de ocorrência da falta que deu causa à desvinculação do Prouni, aplicando-se o disposto nos arts. 32 e 44 da Lei nº 9.430, de 27 de dezembro de 1996, no que couber.

§ 3º As penas previstas no caput deste artigo não poderão ser aplicadas quando o descumprimento das obrigações assumidas se der em face de razões a que a instituição não deu causa.

Art. 10. A instituição de ensino superior, ainda que atue no ensino básico ou em área distinta da educação, somente poderá ser considerada entidade beneficente de assistência social se oferecer, no

mínimo, 1 (uma) bolsa de estudo integral para estudante de curso de graduação ou seqüencial de formação específica, sem diploma de curso superior, enquadrado no § 1º do art. 1º desta Lei, para cada 9 (nove) estudantes pagantes de cursos de graduação ou seqüencial de formação específica regulares da instituição, matriculados em cursos efetivamente instalados, e atender às demais exigências legais.

~~§ 1º A instituição de que trata o caput deste artigo deverá aplicar anualmente, em gratuidade, pelo menos 20% (vinte por cento) da receita bruta proveniente da venda de serviços, acrescida da receita decorrente de aplicações financeiras, de locação de bens, de venda de bens não integrantes do ativo imobilizado e de doações particulares, respeitadas, quando couber, as normas que disciplinam a atuação das entidades beneficentes de assistência social na área da saúde. (Revogado pela Lei nº 12.101, de 2009)~~

~~§ 2º Para o cumprimento do que dispõe o § 1º deste artigo, serão contabilizadas, além das bolsas integrais de que trata o caput deste artigo, as bolsas parciais de 50% (cinquenta por cento) ou de 25% (vinte e cinco por cento) para estudante enquadrado no § 2º do art. 1º desta Lei e a assistência social em programas não decorrentes de obrigações curriculares de ensino e pesquisa. (Revogado pela Lei nº 12.101, de 2009)~~

§ 3º Aplica-se o disposto no caput deste artigo às turmas iniciais de cada curso e turno efetivamente instalados a partir do 1º (primeiro) processo seletivo posterior à publicação desta Lei.

§ 4º Assim que atingida a proporção estabelecida no caput deste artigo para o conjunto dos estudantes de cursos de graduação e seqüencial de formação específica da instituição, sempre que a evasão dos estudantes beneficiados apresentar discrepância em relação à evasão dos demais estudantes matriculados, a instituição, a cada processo seletivo, oferecerá bolsas de estudo integrais na proporção necessária para restabelecer aquela proporção.

§ 5º É permitida a permuta de bolsas entre cursos e turnos, restrita a 1/5 (um quinto) das bolsas oferecidas para cada curso e cada turno.

Art. 11. As entidades beneficentes de assistência social que atuem no ensino superior poderão, mediante assinatura de termo de adesão no Ministério da Educação, adotar as regras do Prouni, contidas nesta Lei, para seleção dos estudantes beneficiados com bolsas integrais e bolsas parciais de 50% (cinquenta por cento) ou de 25% (vinte e cinco por cento), em especial as regras previstas no art. 3º e no inciso II do caput e §§ 1º e 2º do art. 7º desta Lei, comprometendo-se, pelo prazo de vigência do termo de adesão, limitado a 10 (dez) anos, renovável por iguais períodos, e respeitado o disposto no art. 10 desta Lei, ao atendimento das seguintes condições:

~~I — oferecer 20% (vinte por cento), em gratuidade, de sua receita anual efetivamente recebida nos termos da Lei nº 9.870, de 23 de novembro de 1999, ficando dispensadas do cumprimento da exigência do § 1º do art. 10 desta Lei, desde que sejam respeitadas, quando couber, as normas que disciplinam a atuação das entidades beneficentes de assistência social na área da saúde; (Revogado pela Lei nº 12.101, de 2009)~~

~~II — para cumprimento do disposto no inciso I do caput deste artigo, a instituição: (Revogado pela Lei nº 12.101, de 2009)~~

~~a) deverá oferecer, no mínimo, 1 (uma) bolsa de estudo integral a estudante de curso de graduação ou seqüencial de formação específica, sem diploma de curso superior, enquadrado no § 1º do art. 1º desta Lei, para cada 9 (nove) estudantes pagantes de curso de graduação ou seqüencial de formação específica regulares da instituição, matriculados em cursos efetivamente instalados, observado o disposto nos §§ 3º, 4º e 5º do art. 10 desta Lei; (Revogado pela Lei nº 12.101, de 2009)~~

~~b) poderá contabilizar os valores gastos em bolsas integrais e parciais de 50% (cinquenta por cento) ou de 25% (vinte e cinco por cento), destinadas a estudantes enquadrados no § 2º do art. 1º desta Lei, e o montante direcionado para a assistência social em programas não decorrentes de obrigações curriculares de ensino e pesquisa; (Revogado pela Lei nº 12.101, de 2009)~~

III - gozar do benefício previsto no § 3º do art. 7º desta Lei.

§ 1º Compete ao Ministério da Educação verificar e informar aos demais órgãos interessados a situação da entidade em relação ao cumprimento das exigências do Prouni, sem prejuízo das competências da Secretaria da Receita Federal e do Ministério da Previdência Social.

§ 2º As entidades beneficentes de assistência social que tiveram seus pedidos de renovação de Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social indeferidos, nos 2 (dois) últimos triênios, unicamente por não atenderem ao percentual mínimo de gratuidade exigido, que adotarem as regras do Prouni, nos termos desta Lei, poderão, até 60 (sessenta) dias após a data de publicação desta Lei, requerer ao Conselho Nacional de Assistência Social - CNAS a concessão de novo Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social e, posteriormente, requerer ao Ministério da Previdência Social a isenção das contribuições de que trata o art. 55 da Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991.

§ 3º O Ministério da Previdência Social decidirá sobre o pedido de isenção da entidade que obtiver o Certificado na forma do caput deste artigo com efeitos a partir da edição da Medida Provisória nº 213, de 10 de setembro de 2004, cabendo à entidade comprovar ao Ministério da Previdência Social o efetivo cumprimento das obrigações assumidas, até o último dia do mês de abril subsequente a cada um dos 3 (três) próximos exercícios fiscais.

§ 4º Na hipótese de o CNAS não decidir sobre o pedido até o dia 31 de março de 2005, a entidade poderá formular ao Ministério da Previdência Social o pedido de isenção, independentemente do pronunciamento do CNAS, mediante apresentação de cópia do requerimento encaminhando a este e do respectivo protocolo de recebimento.

§ 5º Aplica-se, no que couber, ao pedido de isenção de que trata este artigo o disposto no art. 55 da Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991.

Art. 12. Atendidas as condições socioeconômicas estabelecidas nos §§ 1º e 2º do art. 1º desta Lei, as instituições que aderirem ao Prouni ou adotarem suas regras de seleção poderão considerar como bolsistas do programa os trabalhadores da própria instituição e dependentes destes que forem bolsistas em decorrência de convenção coletiva ou acordo trabalhista, até o limite de 10% (dez por cento) das bolsas Prouni concedidas.

Art. 13. As pessoas jurídicas de direito privado, mantenedoras de instituições de ensino superior, sem fins lucrativos, que adotarem as regras de seleção de estudantes bolsistas a que se refere o art. 11 desta Lei e que estejam no gozo da isenção da contribuição para a seguridade social de que trata o § 7º do art. 195 da Constituição Federal, que optarem, a partir da data de publicação desta Lei, por transformar sua natureza jurídica em sociedade de fins econômicos, na forma facultada pelo art. 7º-A da Lei nº 9.131, de 24 de novembro de 1995, passarão a pagar a quota patronal para a previdência social de forma gradual, durante o prazo de 5 (cinco) anos, na razão de 20% (vinte por cento) do valor devido a cada ano, cumulativamente, até atingir o valor integral das contribuições devidas.

Parágrafo único. A pessoa jurídica de direito privado transformada em sociedade de fins econômicos passará a pagar a contribuição previdenciária de que trata o caput deste artigo a partir do 1º dia do mês de realização da assembléia geral que autorizar a transformação da sua natureza jurídica, respeitada a gradação correspondente ao respectivo ano.

Art. 14. Terão prioridade na distribuição dos recursos disponíveis no Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior - FIES as instituições de direito privado que aderirem ao Prouni na forma do art. 5º desta Lei ou adotarem as regras de seleção de estudantes bolsistas a que se refere o art. 11 desta Lei.

Art. 15. Para os fins desta Lei, o disposto no art. 6º da Lei nº 10.522, de 19 de julho de 2002, será exigido a partir do ano de 2006 de todas as instituições de ensino superior aderentes ao Prouni, inclusive na vigência da Medida Provisória nº 213, de 10 de setembro de 2004.

Art. 16. O processo de deferimento do termo de adesão pelo Ministério da Educação, nos termos do art. 5º desta Lei, será instruído com a estimativa da renúncia fiscal, no exercício de deferimento e nos 2 (dois) subseqüentes, a ser usufruída pela respectiva instituição, na forma do art. 9º desta Lei, bem como o demonstrativo da compensação da referida renúncia, do crescimento da arrecadação de impostos e contribuições federais no mesmo segmento econômico ou da prévia redução de despesas de caráter continuado.

Parágrafo único. A evolução da arrecadação e da renúncia fiscal das instituições privadas de ensino superior será acompanhada por grupo interministerial, composto por 1 (um) representante do Ministério da Educação, 1 (um) do Ministério da Fazenda e 1 (um) do Ministério da Previdência Social, que fornecerá os subsídios necessários à execução do disposto no caput deste artigo.

Art. 17. (VETADO).

Art. 18. O Poder Executivo dará, anualmente, ampla publicidade dos resultados do Programa.

Art. 19. Os termos de adesão firmados durante a vigência da Medida Provisória nº 213, de 10 de setembro de 2004, ficam validados pelo prazo neles especificado, observado o disposto no § 4º e no caput do art. 5º desta Lei.

Art. 20. O Poder Executivo regulamentará o disposto nesta Lei.

Art. 21. Os incisos I, II e VII do caput do art. 3º da Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 3º

I - possuir idade mínima de 14 (quatorze) anos para a obtenção das Bolsas Atleta Nacional, Atleta Internacional Olímpico e Paraolímpico, e possuir idade mínima de 12 (doze) anos para a obtenção da Bolsa-Atleta Estudantil;

II - estar vinculado a alguma entidade de prática desportiva, exceto os atletas que pleitearem a Bolsa-Atleta Estudantil;

VII - estar regularmente matriculado em instituição de ensino pública ou privada, exclusivamente para os atletas que pleitearem a Bolsa-Atleta Estudantil." (NR)

Art. 22. O Anexo I da Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, passa a vigorar com a alteração constante do Anexo I desta Lei.

Art. 23. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 13 de janeiro de 2005; 184º da Independência e 117º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Antonio Palocci Filho

Tarso Genro

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 14.1.2005

ANEXO I

Bolsa-Atleta – Categoria Atleta Estudantil

Atletas Eventualmente Beneficiados	Valor Mensal
Atletas a partir de 12 (doze) anos, participantes dos jogos estudantis organizados	R\$ 300,00

pelo Ministério do Esporte, tendo obtido até a 3ª (terceira) colocação nas modalidades individuais ou que tenham sido selecionados entre os 24 (vinte e quatro) melhores atletas das modalidades coletivas dos referidos eventos e que continuem a treinar para futuras competições nacionais. (NR).

(trezentos reais)

Anexo II - Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001.

**Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

LEI Nº 10.260, DE 12 DE JULHO DE 2001.

Conversão da MPv nº 2.094-28, de 2001
Texto compilado
Vide Lei nº 12.513, de 2011

Dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao estudante do Ensino Superior e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

CAPÍTULO I

DO FUNDO DE FINANCIAMENTO AO ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR (FIES)

Art. 1º É instituído, nos termos desta Lei, o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), de natureza contábil, destinado à concessão de financiamento a estudantes regularmente matriculados em cursos superiores não gratuitos e com avaliação positiva nos processos conduzidos pelo Ministério da Educação, de acordo com regulamentação própria. (Redação dada pela Lei nº 12.513, de 2011)

§ 1º O financiamento de que trata o **caput** poderá beneficiar estudantes matriculados em cursos da educação profissional e tecnológica, bem como em programas de mestrado e doutorado com avaliação positiva, desde que haja disponibilidade de recursos. (Redação dada pela Lei nº 12.513, de 2011)

§ 2º São considerados cursos de graduação com avaliação positiva, aqueles que obtiverem conceito maior ou igual a 3 (três) no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES, de que trata a Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004. (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 3º Os cursos que não atingirem a média referida no § 2º ficarão desvinculados do Fies sem prejuízo para o estudante financiado. (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 4º São considerados cursos de mestrado e doutorado, com avaliação positiva, aqueles que, nos processos conduzidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, nos termos da Lei nº 8.405, de 9 de janeiro de 1992, obedecerem aos padrões de qualidade por ela propostos. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 5º A participação da União no Fies dar-se-á exclusivamente mediante contribuições ao Fundo instituído por esta Lei, ressalvado o disposto nos arts. 10 e 16. (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 6º É vedada a concessão de novo financiamento a estudante inadimplente com o Fies ou com o Programa de Crédito Educativo de que trata a Lei nº 8.436, de 25 de junho de 1992. (Incluído pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 7º A avaliação das unidades de ensino de educação profissional e tecnológica para fins de adesão ao Fies dar-se-á de acordo com critérios de qualidade e requisitos fixados pelo Ministério da Educação. (Incluído pela Lei nº 12.513, de 2011)

Seção I

Das receitas do FIES

Art. 2º Constituem receitas do FIES:

I - dotações orçamentárias consignadas ao MEC, ressalvado o disposto no art. 16;

II - trinta por cento da renda líquida dos concursos de prognósticos administrados pela Caixa Econômica Federal, bem como a totalidade dos recursos de premiação não procurados pelos contemplados dentro do prazo de prescrição, ressalvado o disposto no art. 16;

III - encargos e sanções contratualmente cobrados nos financiamentos concedidos ao amparo desta Lei;

IV - taxas e emolumentos cobrados dos participantes dos processos de seleção para o financiamento;

V - encargos e sanções contratualmente cobrados nos financiamentos concedidos no âmbito do Programa de Crédito Educativo, de que trata a Lei nº 8.436, de 25 de junho de 1992, ressalvado o disposto no art. 16;

VI - rendimento de aplicações financeiras sobre suas disponibilidades; e

VII - receitas patrimoniais.

VIII – outras receitas. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 1º Fica autorizada:

II - a transferência ao FIES dos saldos devedores dos financiamentos concedidos no âmbito do Programa de Crédito Educativo de que trata a Lei nº 8.436, de 1992;

III – a alienação, total ou parcial, a instituições financeiras, dos ativos de que trata o inciso II deste parágrafo e dos ativos representados por financiamentos concedidos ao amparo desta Lei. (Redação dada pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 2º As disponibilidades de caixa do FIES deverão ser mantidas em depósito na conta única do Tesouro Nacional.

§ 3º As despesas do Fies com os agentes financeiros corresponderão a remuneração mensal de até 2% a.a. (dois por cento ao ano), calculados sobre o saldo devedor dos financiamentos concedidos, ponderados pela taxa de adimplência, na forma do regulamento. (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 5º Os saldos devedores alienados ao amparo do inciso III do § 1º deste artigo e os dos contratos cujos aditamentos ocorreram após 31 de maio de 1999 poderão ser renegociados entre credores e devedores, segundo condições que estabelecerem, relativas à atualização de débitos constituídos, saldos devedores, prazos, taxas de juros, garantias, valores de prestações e eventuais descontos, observado o seguinte: (Redação dada pela Lei nº 10.846, de 2004)

I - na hipótese de renegociação de saldo devedor parcialmente alienado na forma do inciso III do § 1º deste artigo, serão estabelecidas condições idênticas de composição para todas as parcelas do débito, cabendo a cada credor, no total repactuado, a respectiva participação percentual no montante renegociado com cada devedor; (Redação dada pela Lei nº 10.846, de 2004)

II - as instituições adquirentes deverão apresentar ao MEC, até o dia 10 de cada mês, relatório referente aos contratos renegociados e liquidados no mês anterior, contendo o número do contrato, nome do devedor, saldo devedor, valor renegociado ou liquidado, quantidade e valor de prestações, taxa de juros, além de outras informações julgadas necessárias pelo MEC.

Seção II

Da gestão do FIES

Art. 3º A gestão do FIES caberá:

I - ao MEC, na qualidade de formulador da política de oferta de financiamento e de supervisor da execução das operações do Fundo; e

II - ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE, na qualidade de agente operador e de administradora dos ativos e passivos, conforme regulamento e normas baixadas pelo CMN. (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 1º O MEC editará regulamento que disporá, inclusive, sobre:

I - as regras de seleção de estudantes a serem financiados pelo FIES;

II - os casos de transferência de curso ou instituição, suspensão temporária e encerramento dos contratos de financiamento; (Redação dada pela Lei nº 11.552, de 2007).

III - as exigências de desempenho acadêmico para a manutenção do financiamento, observado o disposto nos §§ 2º, 3º e 4º do art. 1º desta Lei; (Redação dada pela Lei nº 11.552, de 2007).

IV - aplicação de sanções às instituições de ensino e aos estudantes que descumprirem as regras do Fies, observados os §§ 5º e 6º do art. 4º desta Lei. (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

V - o abatimento de que trata o art. 6º-B. (Incluído pela Lei nº 12.431, de 2011).

§ 2º O Ministério da Educação poderá contar com o assessoramento de conselho, de natureza consultiva, cujos integrantes serão designados pelo Ministro de Estado.

§ 3º De acordo com os limites de crédito estabelecidos pelo agente operador, as instituições financeiras poderão, na qualidade de agente financeiro, conceder financiamentos com recursos do FIES.

CAPÍTULO II

DAS OPERAÇÕES

Art. 4º São passíveis de financiamento pelo Fies até 100% (cem por cento) dos encargos educacionais cobrados dos estudantes por parte das instituições de ensino devidamente cadastradas para esse fim pelo Ministério da Educação, em contraprestação aos cursos referidos no art. 1º em que estejam regularmente matriculados. (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 2º Poderá o Ministério da Educação, em caráter excepcional, cadastrar, para fins do financiamento de que trata esta Lei, cursos para os quais não haja processo de avaliação concluído.

§ 4º Para os efeitos desta Lei, os encargos educacionais referidos no **caput** deste artigo deverão considerar todos os descontos regulares e de caráter coletivo oferecidos pela instituição, inclusive aqueles concedidos em virtude de seu pagamento pontual. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 5º O descumprimento das obrigações assumidas no termo de adesão ao Fies sujeita as instituições de ensino às seguintes penalidades: (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

I – impossibilidade de adesão ao Fies por até 3 (três) processos seletivos consecutivos, sem prejuízo para os estudantes já financiados; e (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

II – ressarcimento ao Fies dos encargos educacionais indevidamente cobrados, conforme o disposto no § 4º deste artigo, bem como dos custos efetivamente incorridos pelo agente operador e pelos agentes financeiros na correção dos saldos e fluxos financeiros, retroativamente à data da infração, sem prejuízo do previsto no inciso I deste parágrafo. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 6º Será encerrado o financiamento em caso de constatação, a qualquer tempo, de inidoneidade de documento apresentado ou de falsidade de informação prestada pelo estudante à instituição de ensino, ao Ministério da Educação, ao agente operador ou ao agente financeiro. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 7º O Ministério da Educação, conforme disposto no art. 3º desta Lei, poderá criar regime especial, na forma do regulamento, dispondo sobre: (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

I – a dilatação dos prazos previstos no inciso I e na alínea *b* do inciso V do art. 5º desta Lei; (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

II – o Fies solidário, com a anuência do agente operador, desde que a formação de cada grupo não ultrapasse 5 (cinco) fiadores solidários e não coloque em risco a qualidade do crédito contratado; (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

III – outras condições especiais para contratação do financiamento do Fies para cursos específicos. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 8º As medidas tomadas com amparo no § 7º deste artigo não alcançarão contratos já firmados, bem como seus respectivos aditamentos. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 9º A oferta de curso para financiamento na forma desta Lei ficará condicionada à adesão da entidade mantenedora de instituição de ensino ao Fies e ao Fundo de que trata o inciso III do art. 7º da Lei nº 12.087, de 11 de novembro de 2009, nos termos do seu estatuto. (Incluído pela Lei nº 12.873, de 2013)

§ 10. A entidade mantenedora aderente ao Fies em data anterior à publicação da lei decorrente da conversão da Medida Provisória nº 619, de 6 de junho de 2013, deverá enquadrar-se no disposto no § 9º deste artigo, na forma e condições que vierem a ser estabelecidas pelo Ministério da Educação. (Incluído pela Lei nº 12.873, de 2013)

Art. 5º Os financiamentos concedidos com recursos do FIES deverão observar o seguinte:

I – prazo: não poderá ser superior à duração regular do curso, abrangendo todo o período em que o Fies custear os encargos educacionais a que se refere o art. 4º desta Lei, inclusive o período de suspensão temporária, ressalvado o disposto no § 3º deste artigo; (Redação dada pela Lei nº 11.552, de 2007).

II - juros, capitalizados mensalmente, a serem estipulados pelo CMN; (Redação dada pela Lei nº 12.431, de 2011).

III - oferecimento de garantias adequadas pelo estudante financiado ou pela entidade mantenedora da instituição de ensino; (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

IV – carência: de 18 (dezoito) meses contados a partir do mês imediatamente subsequente ao da conclusão do curso, mantido o pagamento dos juros nos termos do § 1º deste artigo; (Redação dada pela Lei nº 11.941, de 2009)

VI - risco: as instituições de ensino participarão do risco do financiamento, na condição de devedores solidários, nos seguintes limites percentuais: (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

b) 30% (trinta por cento) por operação contratada, sobre parcela não garantida por fundos instituídos na forma do inciso III do caput do art. 7º da Lei nº 12.087, de 11 de novembro de 2009, para as instituições de ensino inadimplentes com as obrigações tributárias federais; e (Redação dada pela Lei nº 12.712, de 2012)

c) 15% (quinze por cento) por operação contratada, sobre parcela não garantida por fundos instituídos na forma do inciso III do caput do art. 7º da Lei nº 12.087, de 11 de novembro de 2009, para as instituições de ensino adimplentes com as obrigações tributárias federais; (Redação dada pela Lei nº 12.712, de 2012)

VII - comprovação de idoneidade cadastral do(s) fiador (es) na assinatura dos contratos e termos aditivos, observando o disposto no § 9º deste artigo. (Redação dada pela Lei nº 12.801, de 2013).

VIII - possibilidade de utilização pelo estudante do Fundo de que trata o inciso III do art. 7º da Lei nº 12.087, de 11 de novembro de 2009, cabendo ao Ministério da Educação dispor sobre as condições de sua ocorrência de forma exclusiva ou concomitante com as garantias previstas no inciso III. (Incluído pela Lei nº 12.873, de 2013)

§ 1º Ao longo do período de utilização do financiamento, inclusive no período de carência, o estudante financiado fica obrigado a pagar os juros incidentes sobre o financiamento, na forma regulamentada pelo agente operador. (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 2º É facultado ao estudante financiado, a qualquer tempo, realizar amortizações extraordinárias ou a liquidação do saldo devedor, dispensada a cobrança de juros sobre as parcelas vincendas. (Redação dada pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 3º Excepcionalmente, por iniciativa do estudante, a instituição de ensino à qual esteja vinculado poderá dilatar em até um ano o prazo de utilização de que trata o inciso I do caput, hipótese na qual as condições de amortização permanecerão aquelas definidas no inciso V também do caput. (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 4º Na hipótese de verificação de inidoneidade cadastral do(s) fiador (es) após a assinatura do contrato, ficará sobrestado o aditamento do mencionado documento até a comprovação da restauração da idoneidade ou a substituição do fiador inidôneo, respeitado o prazo de suspensão temporária do contrato. (Redação dada pela Lei nº 12.801, de 2013).

§ 5º O contrato de financiamento poderá prever a amortização mediante autorização para desconto em folha de pagamento, na forma da Lei nº 10.820, de 17 de dezembro de 2003, preservadas as garantias e condições pactuadas originalmente, inclusive as dos fiadores. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 6º (VETADO) (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 7º O agente financeiro fica autorizado a pactuar condições especiais de amortização ou alongamento excepcional de prazos, nos termos da normatização do agente operador, respeitado o equilíbrio econômico-financeiro do Fies, de forma que o valor inicialmente contratado retorne integralmente ao Fundo, acrescido dos encargos contratuais. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 8º Em caso de transferência de curso, aplicam-se ao financiamento os juros relativos ao curso de destino, a partir da data da transferência. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 9º Para os fins do disposto no inciso III do **caput** deste artigo, o estudante poderá oferecer como garantias, alternativamente: (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

I – fiança; (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

II – fiança solidária, na forma do inciso II do § 7º do art. 4º desta Lei; (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 10. A redução dos juros, estipulados na forma do inciso II deste artigo, incidirá sobre o saldo devedor dos contratos já formalizados. (Incluído pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 11. A utilização exclusiva do Fundo de que trata o inciso VIII do **caput** para garantir operações de crédito no âmbito do Fies dispensa o estudante de oferecer as garantias previstas no § 9º deste artigo. (Redação dada pela Lei nº 12.873, de 2013)

Art. 5º-A. As condições de amortização dos contratos de financiamento celebrados no âmbito do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior - FIES serão fixadas por meio de ato do Poder Executivo federal. (Incluído pela Lei nº 12.385, de 2011).

Art. 5º-B. O financiamento da educação profissional e tecnológica poderá ser contratado pelo estudante, em caráter individual, ou por empresa, para custeio da formação profissional e tecnológica de trabalhadores. (Incluído pela Lei nº 12.513, de 2011)

§ 1º Na modalidade denominada Fies-Empresa, a empresa figurará como tomadora do financiamento, responsabilizando-se integralmente pelos pagamentos perante o Fies, inclusive os juros incidentes, até o limite do valor contratado. (Incluído pela Lei nº 12.513, de 2011)

§ 2º No Fies-Empresa, poderão ser pagos com recursos do Fies exclusivamente cursos de formação inicial e continuada e de educação profissional técnica de nível médio. (Incluído pela Lei nº 12.513, de 2011)

§ 3º A empresa tomadora do financiamento poderá ser garantida por fundo de garantia de operações, nos termos do inciso I do **caput** do art. 7º da Lei nº 12.087, de 11 de novembro de 2009. (Incluído pela Lei nº 12.513, de 2011)

§ 4º Regulamento disporá sobre os requisitos, condições e demais normas para contratação do financiamento de que trata este artigo. (Incluído pela Lei nº 12.513, de 2011)

Art. 6º Em caso de inadimplemento das prestações devidas pelo estudante financiado, a instituição referida no § 3º do art. 3º promoverá a execução das parcelas vencidas, conforme estabelecida pela Instituição de que trata o inciso II do **caput** do art. 3º, repassando ao Fies e à instituição de ensino a parte concernente ao seu risco. (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 1º Recebida a ação de execução e antes de receber os embargos, o juiz designará audiência preliminar de conciliação, a realizar-se no prazo de 15 (quinze) dias, para a qual serão as partes intimadas a comparecer, podendo fazer-se representar por procurador ou preposto, com poderes para transigir. (Redação dada pela Lei nº 12.513, de 2011)

§ 2º Obtida a conciliação, será reduzida a termo e homologada por sentença. (Redação dada pela Lei nº 12.513, de 2011)

§ 3º Não efetuada a conciliação, terá prosseguimento o processo de execução. (Incluído pela Lei nº 12.513, de 2011)

Art. 6º-A. (Revogado). (Redação dada pela Lei nº 11.552, de 2007).

Art. 6º-B. O Fies poderá abater, na forma do regulamento, mensalmente, 1,00% (um inteiro por cento) do saldo devedor consolidado, incluídos os juros devidos no período e independentemente da data de contratação do financiamento, dos estudantes que exercerem as seguintes profissões: (Incluído pela Lei nº 12.202, de 2010)

I - professor em efetivo exercício na rede pública de educação básica com jornada de, no mínimo, 20 (vinte) horas semanais, graduado em licenciatura; e (Incluído pela Lei nº 12.202, de 2010)

II - médico integrante de equipe de saúde da família oficialmente cadastrada, com atuação em áreas e regiões com carência e dificuldade de retenção desse profissional, definidas como prioritárias pelo Ministério da Saúde, na forma do regulamento. (Incluído pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 1º (VETADO) (Incluído pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 2º O estudante que já estiver em efetivo exercício na rede pública de educação básica com jornada de, no mínimo, 20 (vinte) horas semanais, por ocasião da matrícula no curso de licenciatura, terá direito ao abatimento de que trata o caput desde o início do curso. (Incluído pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 3º O estudante graduado em Medicina que optar por ingressar em programa credenciado Medicina pela Comissão Nacional de Residência Médica, de que trata a Lei nº 6.932, de 7 de julho de 1981, e em especialidades prioritárias definidas em ato do Ministro de Estado da Saúde terá o período de carência estendido por todo o período de duração da residência médica. (Incluído pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 4º O abatimento mensal referido no caput será operacionalizado anualmente pelo agente operador do Fies, vedado o primeiro abatimento em prazo inferior a 1 (um) ano de trabalho. (Incluído pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 5º No período em que obtiverem o abatimento do saldo devedor, na forma do caput, os estudantes ficam desobrigados da amortização de que trata o inciso V do caput do art. 5º. (Incluído pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 6º O estudante financiado que deixar de atender às condições previstas neste artigo deverá amortizar a parcela remanescente do saldo devedor regularmente, na forma do inciso V do art. 5º. (Incluído pela Lei nº 12.202, de 2010)

Art. 6º-C. No prazo para embargos, reconhecendo o crédito do exequente e comprovando o depósito de 10% (dez por cento) do valor em execução, inclusive custas e honorários de advogado, poderá o executado requerer que lhe seja admitido pagar o restante em até 12 (doze) parcelas mensais. (Incluído pela Lei nº 12.513, de 2011)

§ 1º O valor de cada prestação mensal, por ocasião do pagamento, será acrescido de juros equivalentes à taxa referencial do Sistema Especial de Liquidação e de Custódia (Selic) para títulos federais acumulada mensalmente, calculados a partir do mês subsequente ao da consolidação até o mês anterior ao do pagamento, e de 1% (um por cento) relativamente ao mês em que o pagamento estiver sendo efetuado. (Incluído pela Lei nº 12.513, de 2011)

§ 2º Sendo a proposta deferida pelo juiz, o exequente levantará a quantia depositada e serão suspensos os atos executivos; caso indeferida, seguir-se-ão os atos executivos, mantido o depósito. (Incluído pela Lei nº 12.513, de 2011)

§ 3º O inadimplemento de qualquer das prestações implicará, de pleno direito, o vencimento das subsequentes e o prosseguimento do processo, com o imediato início dos atos executivos, imposta ao executado multa de 10% (dez por cento) sobre o valor das prestações não pagas e vedada a oposição de embargos. (Incluído pela Lei nº 12.513, de 2011)

Art. 6º-D. Nos casos de falecimento ou invalidez permanente do estudante tomador do financiamento, devidamente comprovados, na forma da legislação pertinente, o saldo devedor será absorvido conjuntamente pelo Fies e pela instituição de ensino. (Incluído pela Lei nº 12.513, de 2011)

Art. 6º-E. O percentual do saldo devedor de que tratam o **caput** do art. 6º e o art. 6º-D, a ser absorvido pela instituição de ensino, será equivalente ao percentual do risco de financiamento assumido na forma do inciso VI do **caput** do art. 5º, cabendo ao Fies a absorção do valor restante. (Incluído pela Lei nº 12.513, de 2011)

CAPÍTULO III

DOS TÍTULOS DA DÍVIDA PÚBLICA

Art. 7º Fica a União autorizada a emitir títulos da dívida pública em favor do FIES.

§ 1º Os títulos a que se referem o caput serão representados por certificados de emissão do Tesouro Nacional, com características definidas em ato do Poder Executivo.

§ 2º Os certificados a que se refere o parágrafo anterior serão emitidos sob a forma de colocação direta, ao par, mediante solicitação expressa do FIES à Secretaria do Tesouro Nacional.

§ 3º Os recursos em moeda corrente entregues pelo FIES em contrapartida à colocação direta dos certificados serão utilizados exclusivamente para abatimento da dívida pública de responsabilidade do Tesouro Nacional.

Art. 8º Em contrapartida à colocação direta dos certificados, fica o FIES autorizado a

Art. 9º Os certificados de que trata o art. 7º serão destinados pelo Fies exclusivamente ao pagamento às mantenedoras de instituições de ensino dos encargos educacionais relativos às operações de financiamento realizadas com recursos desse Fundo. (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

Art. 10. Os certificados de que trata o art. 7º serão utilizados para pagamento das contribuições sociais previstas nas alíneas *a* e *c* do parágrafo único do art. 11 da Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991, bem como das contribuições previstas no art. 3º da Lei nº 11.457, de 16 de março de 2007. (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 1º É vedada a negociação dos certificados de que trata o caput com outras pessoas jurídicas de direito privado. (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 3º Não havendo débitos de caráter previdenciário, os certificados poderão ser utilizados para o pagamento de quaisquer tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil, e respectivos débitos, constituídos ou não, inscritos ou não em dívida ativa, ajuizados ou a ajuizar, exigíveis ou com exigibilidade suspensa, bem como de multas, de juros e de demais encargos legais incidentes. (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

§ 4º O disposto no § 3º deste artigo não abrange taxas de órgãos ou entidades da administração pública direta e indireta e débitos relativos ao Fundo de Garantia do Tempo de Serviço – FGTS. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 5º Por opção da entidade mantenedora, os débitos referidos no § 3º deste artigo poderão ser quitados mediante parcelamento em até 120 (cento e vinte) prestações mensais. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 6º A opção referida no § 5º deste artigo implica obrigatoriedade de inclusão de todos os débitos da entidade mantenedora, tais como os integrantes do Programa de Recuperação Fiscal – Refis e do parcelamento a ele alternativo, de que trata a Lei nº 9.964, de 10 de abril de 2000, os compreendidos no âmbito do Parcelamento Especial – Paes, de que trata a Lei nº 10.684, de 30 de maio de 2003, e do Parcelamento Excepcional – Paex, disciplinado pela Medida Provisória nº 303, de 29 de junho de 2006, bem como quaisquer outros débitos objeto de programas governamentais de parcelamento. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 7º Para os fins do disposto no § 6º deste artigo, serão rescindidos todos os parcelamentos da entidade mantenedora referentes aos tributos de que trata o § 3º deste artigo. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 8º Poderão ser incluídos no parcelamento os débitos que se encontrem com exigibilidade suspensa por força do disposto nos incisos III a V do **caput** do art. 151 da Lei nº 5.172, de 25 de outubro de 1966 – Código Tributário Nacional, desde que a entidade mantenedora desista expressamente e de forma irrevogável da impugnação ou do recurso interposto, ou da ação judicial e, cumulativamente, renuncie a quaisquer alegações de direito sobre as quais se fundam os referidos processos administrativos e ações judiciais. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 9º O parcelamento de débitos relacionados a ações judiciais implica transformação em pagamento definitivo dos valores eventualmente depositados em juízo, vinculados às respectivas ações. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 10. O parcelamento reger-se-á pelo disposto nesta Lei e, subsidiariamente: (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

I – pela Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991, relativamente às contribuições sociais previstas nas alíneas *a* e *c* do parágrafo único do art. 11 da mencionada Lei, não se aplicando o disposto no § 1º do art. 38 da mesma Lei; (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

II – pela Lei nº 10.522, de 19 de julho de 2002, em relação aos demais tributos, não se aplicando o disposto no § 2º do art. 13 e no inciso I do **caput** do art. 14 da mencionada Lei. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 11. Os débitos incluídos no parcelamento serão consolidados no mês do requerimento. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 12. O parcelamento deverá ser requerido perante a Secretaria da Receita Federal do Brasil e, em relação aos débitos inscritos em Dívida Ativa, perante a Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional, até o dia 30 de abril de 2008. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 13. Os pagamentos de que trata este artigo serão efetuados nos termos das normas fixadas pelo Ministério da Fazenda. (Redação dada pela Lei nº 12.385, de 2011).

§ 14. O valor de cada prestação será apurado pela divisão do débito consolidado pela quantidade de prestações em que o parcelamento for concedido, acrescido de juros equivalentes à taxa referencial do Sistema Especial de Liquidação e de Custódia – SELIC para títulos federais, acumulada mensalmente, calculados a partir da data da consolidação até o mês anterior ao do pagamento, e de 1% (um por cento) relativamente ao mês em que o pagamento estiver sendo efetuado. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 15. Se o valor dos certificados utilizados não for suficiente para integral liquidação da parcela, o saldo remanescente deverá ser liquidado em moeda corrente. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 16. O parcelamento independerá de apresentação de garantia ou de arrolamento de bens, mantidos os gravames decorrentes de medida cautelar fiscal e as garantias de débitos transferidos de outras modalidades de parcelamento e de execução fiscal. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 17. A opção da entidade mantenedora pelo parcelamento implica: (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

I – confissão irrevogável e irretroatável dos débitos; (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

II – aceitação plena e irretroatável de todas as condições estabelecidas; (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

III – cumprimento regular das obrigações para com o FGTS e demais obrigações tributárias correntes; e (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

IV – manutenção da vinculação ao Prouni e do credenciamento da instituição e reconhecimento do curso, nos termos do art. 46 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 18. O parcelamento será rescindido nas hipóteses previstas na legislação referida no § 10 deste artigo, bem como na hipótese de descumprimento do disposto nos incisos III ou IV do § 17 deste artigo. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 19. Para fins de rescisão em decorrência de descumprimento do disposto nos incisos III ou IV do § 17 deste artigo, a Caixa Econômica Federal e o Ministério da Educação, respectivamente, apresentarão à Secretaria da Receita Federal do Brasil e à Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional, trimestralmente, relação das entidades mantenedoras que o descumprirem. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 20. A rescisão do parcelamento implicará exigibilidade imediata da totalidade do débito confessado e ainda não quitado e automática execução da garantia prestada, restabelecendo-se, em relação ao montante não pago, os acréscimos legais na forma da legislação aplicável à época da ocorrência dos respectivos fatos geradores. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

§ 21. As entidades mantenedoras que optarem pelo parcelamento não poderão, enquanto este não for quitado, parcelar quaisquer outros débitos perante a Secretaria da Receita Federal do Brasil e a Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007). (Vide Lei nº 12.688, de 2012)

§ 22. A Secretaria da Receita Federal do Brasil e a Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional, no âmbito de suas competências, poderão editar atos necessários à execução do disposto neste artigo. (Incluído pela Lei nº 11.552, de 2007).

Art. 11. A Secretaria do Tesouro Nacional resgatará, mediante solicitação da Secretaria da Receita Federal do Brasil e da Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional, os certificados utilizados para quitação dos tributos na forma do art. 10 desta Lei, conforme estabelecido em regulamento. (Redação dada pela Lei nº 11.552, de 2007).

Parágrafo único. O agente operador fica autorizado a solicitar na Secretaria do Tesouro Nacional o resgate dos certificados de que trata o caput. (Incluído pela Lei nº 12.202, de 2010)

Art. 12. A Secretaria do Tesouro Nacional fica autorizada a resgatar antecipadamente, mediante solicitação formal do Fies e atestada pelo INSS, os certificados com data de emissão até 10 de novembro

de 2000 em poder de instituições de ensino que, na data de solicitação do resgate, tenham satisfeito as obrigações previdenciárias correntes, inclusive os débitos exigíveis, constituídos, inscritos ou ajuizados e que atendam, concomitantemente, as seguintes condições: (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

I - não estejam em atraso nos pagamentos referentes aos acordos de parcelamentos devidos ao INSS;

II - não possuam acordos de parcelamentos de contribuições sociais relativas aos segurados empregados;

III - se optantes do Programa de Recuperação Fiscal (REFIS), não tenham incluído contribuições sociais arrecadadas pelo INSS;

IV - não estejam em atraso nos pagamentos dos tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil. (Redação dada pela Lei nº 11.552, de 2007).

Parágrafo único. Das instituições de ensino que possuam acordos de parcelamentos com o INSS e que se enquadrem neste artigo poderão ser resgatados até 50% (cinquenta por cento) do valor dos certificados, ficando estas obrigadas a utilizarem os certificados restantes, em seu poder, na amortização dos aludidos acordos de parcelamentos. (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

Art. 13. O Fies recomprará, no mínimo a cada trimestre, ao par, os certificados aludidos no art. 9º, mediante utilização dos recursos referidos no art. 2º, ressalvado o disposto no art. 16, em poder das instituições de ensino que atendam ao disposto no art. 12. (Redação dada pela Lei nº 12.202, de 2010)

Art. 14. Para fins da alienação de que trata o inciso III do § 1º do art. 2º, fica o FIES autorizado a receber em pagamento créditos securitizados de responsabilidade do Tesouro Nacional, originários das operações de securitização de dívidas na forma prevista na alínea "b" do inciso II do § 2º do art. 1º da Lei nº 10.150, de 21 de dezembro de 2000.

Parágrafo único. Para efeito do recebimento dos créditos securitizados na forma prevista no caput será observado o critério de equivalência econômica entre os ativos envolvidos.

Art. 15. As operações a que se referem os arts. 8º a 11 serão realizadas ao par, ressalvadas as referidas no § 1º do art. 10.

CAPÍTULO IV

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 16. Nos exercícios de 1999 e seguintes, das receitas referidas nos incisos I, II e V do art. 2º serão deduzidos os recursos necessários ao pagamento dos encargos educacionais contratados no âmbito do Programa de Crédito Educativo de que trata a Lei nº 8.436, de 1992.

Art. 17. Excepcionalmente, no exercício de 1999, farão jus ao financiamento de que trata esta Lei, com efeitos a partir de 1º de maio de 1999, os estudantes comprovadamente carentes que tenham deixado de beneficiar-se de bolsas de estudos integrais ou parciais concedidas pelas instituições referidas no art. 4º da Lei nº 9.732, de 1998, em valor correspondente à bolsa anteriormente recebida.

Parágrafo único. Aos financiamentos de que trata o caput deste artigo não se aplica o disposto na parte final do art. 1º e no § 1º do art. 4º.

Art. 18. Fica vedada, a partir da publicação desta Lei, a inclusão de novos beneficiários no Programa de Crédito Educativo de que trata a Lei nº 8.436, de 1992.

Art. 19. A partir do primeiro semestre de 2001, sem prejuízo do cumprimento das demais condições estabelecidas nesta Lei, as instituições de ensino enquadradas no art. 55 da Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991, ficam obrigadas a aplicar o equivalente à contribuição calculada nos termos do art. 22 da referida Lei na concessão de bolsas de estudo, no percentual igual ou superior a 50% dos encargos educacionais cobrados pelas instituições de ensino, a alunos comprovadamente carentes e regularmente matriculados. (Regulamento) (Vide ADIN nº 2.545-7)

§ 1º A seleção dos alunos a serem beneficiados nos termos do caput será realizada em cada instituição por uma comissão constituída paritariamente por representantes da direção, do corpo docente e da entidade de representação discente. (Vide ADIN nº 2.545-7)

[...]

Art. 20. Ficam convalidados os atos praticados com base na Medida Provisória nº 2.094-28, de 13 de junho de 2001, e nas suas antecessoras.

Art. 20-A. O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE terá prazo até 30 de junho de 2013 para assumir o papel de agente operador dos contratos de financiamento formalizados no âmbito do FIES até o dia 14 de janeiro de 2010, cabendo à Caixa Econômica Federal, durante esse prazo, dar continuidade ao desempenho das atribuições decorrentes do encargo. (Redação dada pela Lei nº 12.712, de 2012)

Art. 21. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 22. Fica revogado o parágrafo único do art. 9º da Lei nº 10.207, de 23 de março de 2001.

Brasília, 12 de julho de 2001; 180º da Independência e 113º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Pedro Malan

Paulo Renato Souza

Martus Tavares

Roberto Brant

Este texto não substitui o publicado no DOU de 13.7.2001

Anexo III - Guião de Entrevista ao Aluno

Esta entrevista tem como objetivo recolher informações para a investigação no âmbito de uma Tese e Mestrado sobre O Desafio de Lecionar para Geração Y. As informações são confidenciais e anónimas. Agradecemos-lhe, desde já, a disponibilidade.

- 1- Qual a idade que você possuía quando cursou a disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipe de Vendas no Curso de Gestão Comercial na Faculdade Pitágoras, no ano de 2013?
- 2- Você se considera uma pessoa ansiosa? Disserte sobre o seu perfil, caso seja uma pessoa ansiosa.
- 3- Você se considera uma pessoa com senso de urgência na realização e concretização de seus sonhos e objetivos? Disserte sobre seu perfil, caso seja uma pessoa com senso de urgência.
- 4- Qual é a sua visão da Disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas, do ponto de vista da mesma ter sido realizada com base na vivência com a Bateria de Escola de Samba?
- 5- Você acha que seu desempenho, assiduidade e participação na disciplina teria sido a mesma, caso a estratégia e técnica do professor não fosse pautada com a vivência da bateria de escola de samba?
- 6- Como você acha que a vivência Bateria de escola de samba influenciou sua postura e conduta frente à disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas?
- 7- Disserte sobre a técnica de ensino utilizada pelo professor na disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas. Como você acha que a forma de lecionar contribuiu, ou não, para o seu aprendizado?

Anexo IV – Requerimento ao Diretor e autorização do mesmo

Exmo Sr. Diretor da Faculdade Pitágoras, campus Cidade Jardim.

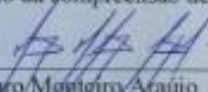
Informo V^ª Ex.^ª que estou a fazer um estudo, intitulado: *Os Desafios em Lecionar para a Geração Y*, na Universidade Fernando Pessoa - Portugal, no âmbito da minha Tese de Mestrado, orientado pela Prof.^ª Doutora Maria da Piedade Lopes Alves.

Solicito a V^ª Ex.^ª que me autorize a fazer o referido Estudo na Faculdade. Os alunos que participam no estudo serão informados do objetivo do mesmo e assinarão uma Declaração de Consentimento Informado.

A investigação será norteadada por vários aspetos éticos, dos quais saliento os seguintes:

- A pesquisa assentará na integridade intelectual e no rigor;
- Os participantes serão tratados com seriedade;
- Será respeitado o timing dos participantes;
- Serão solicitadas as autorizações necessárias;
- Não serão feitos juízos de valor;
- Será feito o armazenamento da informação recolhida.

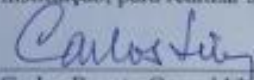
Certo da compreensão de V^ª Ex.^ª, subscrevo-me com os melhores cumprimentos.

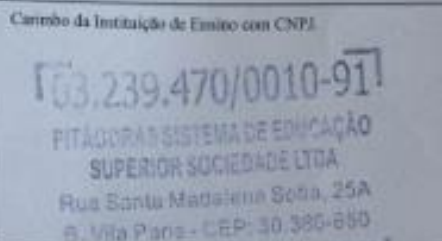

Mauro Monteiro Araújo

Belo Horizonte, 19 de maio de 2015.

CONSENTIMENTO

Eu, Carlos Renato Gerard Lins, Diretor da Faculdade Pitágoras, campus Cidade Jardim, concedo autorização para o Professor Mauro Monteiro Araújo, educador desta instituição, para realizar sua Tese de Mestrado conforme solicitação anterior.


Carlos Renato Gerard Lins
Diretor da Faculdade Pitágoras
Campus Cidade Jardim



Belo Horizonte, 21 de maio de 2015. Belo Horizonte - MINAS GERAIS

Anexo V - Declaração de Consentimento

TEMA DO ESTUDO: “Os Desafios em Lecionar para a Geração Y”

CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____ aceito de minha livre vontade, participar neste estudo intitulado “Os Desafios em Lecionar para a Geração Y” realizado pelo Dr. Mauro Monteiro Araújo, sob orientação da Prof. Doutora Maria da Piedade Lopes Alves, Orientadora da Tese de Mestrado na Universidade Fernando Pessoa – Portugal.

Compreendi a explicação que me foi fornecida acerca do estudo em que estou a participar, tendo-me sido dada a oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias.

Por isso, consinto a participação no estudo, respondendo a todas as questões propostas e permito que estas informações sejam utilizadas em futuros estudos, assim como autorizo, ainda, que o docente tenha acesso aos meus dados escolares, podendo desistir de participar a qualquer momento, sem que daí resulte qualquer prejuízo para mim.

Toda a informação obtida nesta investigação será estritamente confidencial e a minha identidade não será revelada em qualquer relatório ou publicação ou a qualquer pessoa não relacionada com esta investigação sem autorização prévia por escrito.

Assinaturas,

Participante:

Nome do Participante:

Investigador:

Nome do Investigador: Mauro Monteiro Araújo

Belo Horizonte, _____, de _____ de 2015.

Anexo VI – Tabela Pesquisa Documental (Sala 27)

15/05/2015

docenteonline.kroton.com.br/asp/relatorio.asp?discod=60404&tmacod=6741720131A&dimtip=1&e=529



Conferência de Notas e Faltas

Aluno		Turma: 6741720131A Período: 2014/1												Professor(es): MAURO				Sit. Disc.			
		1º Bimestre						2º Bimestre						Média	Qtde. Máxima de Faltas		:20				
		1ª Av. Sem.		3º Bimestre		4º Bimestre		2ª Av. Sem.		Exame	Final/Falta (h.a.)	Méd. MF	Falta								
P	S	P	S	P	S	P	S	P	S					P	S	P	S				
Aluno - Privacidade	FOR	8,2	-	1	9,4	-	1									8,8	-	-	8,8	0	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(5,0x30%) + (9,5x70%)			(10,0x30%) + (9,2x70%)																
Aluno - Privacidade	FOR	9,0	-	1	9,3	-	1								9,2	-	-	9,2	0	APR	
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10,0x30%) + (8,5x70%)			(10,0x30%) + (9,0x70%)																
Aluno - Privacidade	PMA	7,9	-	1	9,9	-	1								8,9	-	-	8,9	0	APR	
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10,0x30%) + (7,0x70%)			(10,0x30%) + (9,9x70%)																
Aluno - Privacidade	PMA	7,1	-	1	6,5	-	1								6,8	-	-	6,8	6	APR	
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(5,0x30%) + (8,0x70%)			(10,0x30%) + (5,0x70%)																
Aluno - Privacidade	FOR	8,1	-	1	6,5	-	1								7,3	-	-	7,3	0	APR	
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10,0x30%) + (7,3x70%)			(10,0x30%) + (5,0x70%)																
Aluno - Privacidade	FOR	8,3	-	1	9,1	-	1								8,7	-	-	8,7	0	APR	
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10,0x30%) + (7,5x70%)			(10,0x30%) + (8,7x70%)																
Aluno - Privacidade	FOR	6,4	-	1	7,8	-	1								7,1	-	-	7,1	0	APR	
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10,0x30%) + (4,8x70%)			(10,0x30%) + (6,8x70%)																
Aluno - Privacidade	FOR	10,0	-	1	8,8	-	1								9,4	-	-	9,4	2	APR	
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10,0x30%) + (10,0x70%)			(10,0x30%) + (8,3x70%)																
Aluno - Privacidade	PMA	1,5	-	1	0,0	-	1								0,8	-	-	0,8	6	RPM	
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(5,0x30%) + (0,0x70%)			(0,0x30%) + (0,0x70%)																
Aluno - Privacidade	PMA	7,9	-	1	8,8	-	1								8,4	-	-	8,4	0	APR	
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10,0x30%) + (7,0x70%)			(10,0x30%) + (8,3x70%)																
Aluno - Privacidade	FOR	8,7	-	1	8,7	-	1								8,7	-	-	8,7	4	APR	
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10,0x30%) + (8,1x70%)			(10,0x30%) + (8,1x70%)																
Aluno - Privacidade	FOR	7,1	-	1	9,9	-	1								8,5	-	-	8,5	2	APR	
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(5,0x30%) + (8,0x70%)			(10,0x30%) + (9,8x70%)																
Aluno - Privacidade	FOR	6,0	-	1	8,3	-	1								7,2	-	-	7,2	4	APR	
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10,0x30%) + (4,3x70%)			(10,0x30%) + (7,5x70%)																
Aluno - Privacidade	CUR	7,2	-	1	8,5	-	1								7,9	-	-	7,9	0	APR	
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10,0x30%) + (6,0x70%)			(10,0x30%) + (7,8x70%)																
Aluno - Privacidade	PMA	7,9	-	1	8,6	-	1								8,3	-	-	8,3	4	APR	
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10,0x30%) + (7,0x70%)			(10,0x30%) + (8,0x70%)																

“OS DESAFIOS EM LECIONAR PARA A GERAÇÃO Y”

15/05/2015

docenteonline.kroton.com.br/asp/relatorio.asp?discod=60404&macod=6741720132A&dimtip=1&e=529



Conferência de Notas e Faltas

Curso: CST em Gestão Comercial - N		Turma: 6741720132A Período: 2014/1												Professor(es): MAURO														
Disciplina: 60404 Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas		CH Grade: 80 h.a. CH Ministrada: 0 h.a.												Qtde. Máxima de Faltas: 20														
Aluno		1º Bimestre			2º Bimestre			1ª Av. Sem.			3º Bimestre			4º Bimestre			2ª Av. Sem.			Média	Exame		Méd. Final/Falta (h.a.)	Sit. Disc.				
		P	S	Peso	P	S	Peso	P	S	Peso	P	S	Peso	P	S	Peso	P	S	Peso		P	S						
Aluno - Privacidade	CUR	5.4	-	1	9.2	-	1														7,3	-	-	7,3	2	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(5.0x30%) + (5.5x70%)			(10.0x30%) + (8.8x70%)																							
Aluno - Privacidade	CUR	3.5	-	1	9.2	-	1														6,4	-	-	6,4	6	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(5.0x30%) + (2.8x70%)			(9.5x30%) + (9.0x70%)																							
Aluno - Privacidade	DES	8.6	-	1	7.8	-	1														8,2	-	-	8,2	4	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (8.0x70%)			(9.5x30%) + (7.0x70%)																							
Aluno - Privacidade	CUR	8.3	-	1	7.9	-	1														8,1	-	-	8,1	4	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (7.6x70%)			(10.0x30%) + (7.0x70%)																							
Aluno - Privacidade	CUR	5.9	-	1	8.8	-	1														7,4	-	-	7,4	2	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(5.0x30%) + (6.3x70%)			(10.0x30%) + (8.3x70%)																							
Aluno - Privacidade	CAN	0.0	-	1	99.99	-	1														Des.	-	-	Des.	2	DES		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(Aus.x30%) + (Aus.x70%)			(Aus.x30%) + (Aus.x70%)																							
Aluno - Privacidade	CUR	7.1	-	1	10.0	-	1														8,6	-	-	8,6	2	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(5.0x30%) + (8.0x70%)			(10.0x30%) + (10.0x70%)																							
Aluno - Privacidade	CUR	7.2	-	1	8.3	-	1														7,8	-	-	7,8	0	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (6.0x70%)			(7.0x30%) + (8.8x70%)																							
Aluno - Privacidade	CUR	9.0	-	1	10.0	-	1														9,5	-	-	9,5	4	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (8.8x70%)			(10.0x30%) + (10.0x70%)																							
Aluno - Privacidade	PMA	8.0	-	1	8.8	-	1														8,4	-	-	8,4	2	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (7.1x70%)			(10.0x30%) + (8.3x70%)																							
Aluno - Privacidade	TRA	1.5	-	1	99.99	-	1														Des.	-	-	Des.	6	DES		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(5.0x30%) + (Aus.x70%)			(Aus.x30%) + (Aus.x70%)																							
Aluno - Privacidade	CUR	5.5	-	1	8.4	-	1														7,0	-	-	7,0	4	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(9.0x30%) + (4.0x70%)			(9.5x30%) + (7.9x70%)																							
Aluno - Privacidade	TRA	7.2	-	1	8.6	-	1														7,9	-	-	7,9	2	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (6.0x70%)			(9.0x30%) + (8.4x70%)																							
Aluno - Privacidade	CUR	9.7	-	1	8.7	-	1														9,2	-	-	9,2	0	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (9.5x70%)			(7.0x30%) + (9.4x70%)																							
Aluno - Privacidade	CUR	8.3	-	1	9.3	-	1														8,8	-	-	8,8	0	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (7.5x70%)			(10.0x30%) + (9.0x70%)																							
Aluno - Privacidade	PMA	6.7	-	1	5.7	-	1														6,2	-	-	6,2	0	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (5.3x70%)			(9.5x30%) + (4.0x70%)																							
Aluno - Privacidade	DES	1.5	-	1	0.0	-	1														0,8	-	-	0,8	6	RPM		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(5.0x30%) + (0.0x70%)			(0.0x30%) + (0.0x70%)																							
Aluno - Privacidade	CUR	8.6	-	1	7.1	-	1														7,9	-	-	7,9	0	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (8.0x70%)			(9.0x30%) + (6.3x70%)																							
Aluno - Privacidade	CUR	9.7	-	1	9.2	-	1														9,5	-	-	9,5	2	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (9.5x70%)			(9.5x30%) + (9.1x70%)																							
Aluno - Privacidade	CUR	7.6	-	1	8.8	-	1														8,2	-	-	8,2	2	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (6.5x70%)			(9.5x30%) + (8.5x70%)																							
Aluno - Privacidade	CUR	7.6	-	1	7.1	-	1														7,4	-	-	7,4	0	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(9.0x30%) + (7.0x70%)			(7.0x30%) + (7.1x70%)																							
Aluno - Privacidade	CUR	5.8	-	1	7.8	-	1														6,8	-	-	6,8	0	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (4.0x70%)			(9.5x30%) + (7.1x70%)																							
Aluno - Privacidade	CUR	8.5	-	1	6.9	-	1														7,7	-	-	7,7	2	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (7.8x70%)			(7.0x30%) + (6.8x70%)																							
Aluno - Privacidade	CUR	7.8	-	1	5.6	-	1														6,7	-	-	6,7	4	APR		
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(5.0x30%) + (9.0x70%)			(7.0x30%) + (5.0x70%)																							

http://docenteonline.kroton.com.br/asp/relatorio.asp?discod=60404&macod=6741720132A&dimtip=1&e=529

1/2

Anexo VII – Tabela Pesquisa Documental (Sala 40)

15/05/2015

docenteonline.kroton.com.br/asp/relatorio.asp?discod=117433&tmacod=6741720122A&dintip=1&e=529



Conferência de Notas e Faltas

Curso: CST em Gestão Comercial - N		Turma: 6741720122A Período: 2013/2												Professor(es): MAURO					
Disciplina: 117433 Forma de Negócio e Desenvolvimento de Equipes Vendas		CH Grade: 80 h.a.						CH Ministrada: 0 h.a.						Qtde. Máxima de Faltas: 20					
Aluno	Disciplina	1º Bimestre		2º Bimestre		1ª Av. Sem.		3º Bimestre		4º Bimestre		2ª Av. Sem.		Média	Exame		Méd. Final/Falta (h.a.)	Sit. Disc.	
		P	S	P	S	P	S	P	S	P	S	P	S		P	S			
Aluno - Privacidade	FOR	9.5	-	1	8.3	-	1	-	-	-	-	-	-	8,9	-	-	8,9	0	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (9.3x70%)		(9.6x30%) + (7.8x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	9.7	-	1	9.7	-	1	-	-	-	-	-	-	9,7	-	-	9,7	4	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (9.5x70%)		(10.0x30%) + (9.5x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	9.4	-	1	6.9	-	1	-	-	-	-	-	-	8,2	-	-	8,2	6	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (9.2x70%)		(10.0x30%) + (5.6x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	9.9	-	1	9.4	-	1	-	-	-	-	-	-	9,7	-	-	9,7	8	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (9.8x70%)		(10.0x30%) + (9.2x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	8.8	-	1	7.3	-	1	-	-	-	-	-	-	8,1	-	-	8,1	16	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (8.3x70%)		(9.0x30%) + (6.6x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	9.7	-	1	8.2	-	1	-	-	-	-	-	-	9,0	-	-	9,0	8	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (9.5x70%)		(9.0x30%) + (7.8x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	7.9	-	1	7.0	-	1	-	-	-	-	-	-	7,5	-	-	7,5	12	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (7.0x70%)		(9.0x30%) + (6.1x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	10.0	-	1	8.4	-	1	-	-	-	-	-	-	9,2	-	-	9,2	14	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (10.0x70%)		(9.0x30%) + (8.1x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	9.7	-	1	8.2	-	1	-	-	-	-	-	-	9,0	-	-	9,0	0	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (9.5x70%)		(9.0x30%) + (7.9x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	10.0	-	1	8.7	-	1	-	-	-	-	-	-	9,4	-	-	9,4	6	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (10.0x70%)		(10.0x30%) + (8.1x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	9.5	-	1	8.4	-	1	-	-	-	-	-	-	9,0	-	-	9,0	0	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (9.3x70%)		(9.6x30%) + (7.9x70%)															
Aluno - Privacidade	PMA	0.8	-	1	0.0	-	1	-	-	-	-	-	-	0,4	-	-	0,4	28	REP
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(2.5x30%) + (0.0x70%)		(0.0x30%) + (0.0x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	7.9	-	1	9.3	-	1	-	-	-	-	-	-	8,6	-	-	8,6	4	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (7.0x70%)		(10.0x30%) + (9.0x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	9.2	-	1	7.7	-	1	-	-	-	-	-	-	8,5	-	-	8,5	12	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (8.8x70%)		(9.6x30%) + (6.9x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	9.9	-	1	9.6	-	1	-	-	-	-	-	-	9,8	-	-	9,8	12	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (9.8x70%)		(9.0x30%) + (9.8x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	9.5	-	1	9.7	-	1	-	-	-	-	-	-	9,6	-	-	9,6	6	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (9.3x70%)		(10.0x30%) + (9.5x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	10.0	-	1	10.0	-	1	-	-	-	-	-	-	10,0	-	-	10,0	14	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (10.0x70%)		(10.0x30%) + (10.0x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	10.0	-	1	8.8	-	1	-	-	-	-	-	-	9,4	-	-	9,4	2	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (10.0x70%)		(9.0x30%) + (8.7x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	8.7	-	1	9.3	-	1	-	-	-	-	-	-	9,0	-	-	9,0	6	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (8.1x70%)		(10.0x30%) + (9.0x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	7.7	-	1	8.5	-	1	-	-	-	-	-	-	8,1	-	-	8,1	12	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (6.7x70%)		(9.0x30%) + (8.3x70%)															
Aluno - Privacidade	DES	8.3	-	1	7.5	-	1	-	-	-	-	-	-	7,9	-	-	7,9	20	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(7.5x30%) + (8.7x70%)		(6.7x30%) + (7.9x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	9.7	-	1	8.7	-	1	-	-	-	-	-	-	9,2	-	-	9,2	14	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (9.5x70%)		(10.0x30%) + (8.2x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	9.3	-	1	9.6	-	1	-	-	-	-	-	-	9,5	-	-	9,5	4	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(10.0x30%) + (9.0x70%)		(10.0x30%) + (9.4x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	9.1	-	1	9.7	-	1	-	-	-	-	-	-	9,4	-	-	9,4	12	APR
Detalhamento das Notas: (Nota Parcial) + (Nota Oficial)		(9.2x30%) + (9.6x70%)		(10.0x30%) + (9.5x70%)															
Aluno - Privacidade	FOR	9.3	-	1	7.9	-	1	-	-	-	-	-	-	8,6	-	-	8,6	4	APR

http://docenteonline.kroton.com.br/asp/relatorio.asp?discod=117433&tmacod=6741720122A&dintip=1&e=529

1/2

Anexo VIII - Tabelas pesquisa qualitativa

1- Qual a idade que você possuía quando cursou a disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipe de Vendas no Curso de Gestão Comercial na Faculdade Pitágoras, no ano de 2013?	Respostas
Aluno da Amostra 1	35
Aluno da Amostra 2	30
Aluno da Amostra 3	38
Aluno da Amostra 4	24
Aluno da Amostra 5	39
Aluno da Amostra 6	24
Aluno da Amostra 7	27
Aluno da Amostra 8	25
Aluno da Amostra 9	20
Aluno da Amostra 10	23
Aluno da Amostra 11	48
Aluno da Amostra 12	30
Aluno da Amostra 13	30
Aluno da Amostra 14	24
Aluno da Amostra 15	24
Média de idade	29

2 - Você se considera uma pessoa ansiosa? Disserte sobre o seu perfil, caso seja uma pessoa ansiosa.	Respostas
Sim, sou muito ansioso (a).	12
As vezes.	1
Não	2

3 - Você se considera uma pessoa com senso de urgência na realização e concretização de seus sonhos e objetivos? Disserte sobre seu perfil, caso seja uma pessoa com senso de urgência.	Respostas
Sim, possuo senso de urgência.	11
Não, não possuo senso de urgência.	3
Não muito.	1

4 - Qual é a sua visão da Disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas, do ponto de vista da mesma ter sido realizada com base na vivência com a Bateria de Escola de Samba?	Respostas
Foco no Trabalho em Equipe e em diversar outras Competências.	8
Uma experiência sem tãnanho, sensacional, surpresa, show.	2
Diferente de tudo que já havia vivenciado em uma insituição de ensino.	1
Criação de Sinergia criada pela irreverencia e tecnica do professor. Extremamente proveitosa. Prendeu nossa atenção.	1
Método interessante para desenvolver pessoas diferentes trabalhando em equipe.	3
Vivenciar a matéria na prática dá resultado.	4
Interação e maior proximidade com o professor.	2

5 - Você acha que seu desempenho, assiduidade e participação na disciplina teria sido a mesma, caso a estratégia e técnica do professor não fosse pautada com a vivência da bateria de escola de samba?	Respostas
Sim	5
Não	10

5 - Você acha que seu desempenho, assiduidade e participação na disciplina teria sido a mesma, caso a estratégia e técnica do professor não fosse pautada com a vivência da bateria de escola de samba? (Discriminada).	Respostas
Não, a bateria uniu todos os pontos e os envolvidos em prol do ensino.	4
Não, pois a bateria foi um desafio inigualável.	1
Acho que sim, por ter gostado da disciplina e pela forma como nos foi proposto o ensino.	1
Sim.	1
Não, pois a bateria incentiva e motiva.	4
Sim, por eu ser assíduo em todas as matérias, mas os demais colegas, com certeza não.	1
Sim, o comprometimento seria o mesmo, porém eu sempre ia mais motivado e fez a diferença.	2
Não, pois envolveu a todos e contávamos as horas para chegar a aula. Parecia uma festa, mas com seriedade de aprendizado.	1

6 - Como você acha que a vivência Bateria de escola de samba influenciou sua postura e conduta frente à disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas?	Respostas
Influenciou de forma positiva, com desenvolvimento em várias competências.	5
Envolvimento com o estudo e com os participantes.	2
Oferencendo Conhecimento através da vivencia.	1
Método diferente=resultado diferente. Qubra de paradigmas e questionamentos. A novidade fora de classe gerou motivação.	1
Existem diversas formas diferentes de Gerir uma atividade, depende do responsável alcançar o objetivo traçado.	1
Motivou me a prestar mais atenção e a entender melhor o conteúdo da disciplina.	2
Aplicação do aprendizado na vida profissional de imediato.	1
Maior prazer em assistir as aulas.	2
Saber ouvir o comando de quem possui a estratégia para o objetivo traçado.	1

7 - Disserte sobre a técnica de ensino utilizada pelo professor na disciplina Formação e Desenvolvimento de Equipes de Vendas. Como você acha que a forma de lecionar contribuiu, ou não, para o seu aprendizado?	Respostas
Professor preparado e confiante, além de uma técnica eficaz.	1
Aprendizado se tornou interessante, pois a cada aula havia uma vivência diferente.	2
Técnica inovadora de conduzir o conhecimento, muito produtivo e interatividade total.	2
A forma de lecionar utilizada me levou a aprender o conteúdo de forma muito rica e fixa na memória. Método Diferente.	3
A forma utilizada foi muito positiva e criativa. Trouxe o interesse em aprender e aplicar na vida pessoal e profissional.	3
O ensino teórico unido à prática foi o que mais me marcou.	4
Bateria foi um grande facilitador do processo de aprendizagem.	1
Contribuiu significativamente para o aprendizado de todos, pois gerou maior interesse de toda a turma, por ser agradável.	3
A técnica não só ensinou como contribuiu para a formação de uma nova equipe.	2